

número 15 verão 1991 • director: antónio s. oliveira • 800\$00

ÚLTIMA

ÇÃO

GERA



S BAÇO PARA ESPELHO



As Rãs

Fernando Guerreiro

Podemos falar de um **duplo efeito de reclusão** da fotografia de Robert Mapplethorpe.

Um **interior**, em relação à determinação da sua "forma" (por esgotamento dos seus limites — forçando-os de uma maneira tensa, calculada e fria) e outro **exterior** (desafiando, menos por provocação do que pela afirmação da sua possibilidade, o "normativo").

Dupla reclusão de que tanto resulta um sistema tenso da "forma" — a criação de um espaço de "saturação" (menos "expressivo" ou "[neo-] expressionista" como o de J. P. Witkin), do qual, por "cristalização", com o "referente", a "forma" cai, se depõe e ganha consistência — como, por outro lado, uma relação específica da foto com o seu **espaço de inscrição** (de "leitura") indefectivelmente ligado aos seus efeitos de **censura**.

Sobretudo após a sua morte, em 1989, a fotografia de Mapplethorpe — talvez porque hoje já não persiste o alibi da excentricidade antropomórfica que a sustinha ("ficcionalizava") ainda em vida — tem desencadeado um vigoroso sintoma de **denúncia**: ainda recentemente, em Cincinatti, e no seguimento de uma tendência que se esboçara por alturas da exposição do Whitney Museum (Nova Iorque, 1988) em que o autor como que apresentava já o efeito "post-mortem" da sua obra ainda em vida (cf. "**Robert Mapplethorpe's Long Good-bye**", por Dominick Dunne, *Vanity Fair*, Fev./1989).

Não escolhemos como exemplo dessa estética de "dupla reclusão" uma das suas fotos mais controversas e conhecidas (por exemplo, da série **Fuck Fist**), mas este **prato de rãs** que nos mostra a doação da "forma" (do "sistema da forma") em toda a sua **pestilência**.

A questão que aqui se coloca não é a do **obsceno** (problemática que, dir-se-ia, se encontra ausente — quer do ponto de vista "moral", quer do "representativo" — da sua fotografia), mas a do que há de **monstruoso** em qualquer processo de revelação (por um lado, dar a "ver", mas também "domesticar") do **Ser** (ou do **objecto**) pela "forma" (o "figurativo").

O problema é conhecido desde Aristóteles que na **Poética** levanta a questão do **desvio da Representação** — um "desvio" que permite fazer passar o **Horror**, tornando-o, pela forma, tratável e apetecível. O prazer produzido como "extra" ("surplus") pela Representação teria assim que ver não só com a "vitória", distanciamento, contorno de um interdito, mas também com um **saber** ("conhecimento": "experiência") que instala o Sujeito no Horror da Forma e do qual a "catarse" constituiria a "dépense" sublimadora.

Assim, para Aristóteles, o Homem caracterizar-se-ia por uma "tendência [natural] para a representação"; mas não só, também por "[tirar] prazer" (indissociável do "conhecimento") dessa prática. Escreve Aristóteles: "nós contemplamos com prazer as imagens mais exactas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo, [as representações de] animais ferozes e [de] cadáveres" (**Poética**, IV, trad. Eudoro de Sousa, ed. I.N.-C.M., p. 107).

Ou seja, já em Aristóteles, a **Representação** — e com ela a questão do "belo" — coloca-se, primeiro, ante o horizonte do "interdito", concebendo-se, depois, como a forma de ultrapassar ("resolver") — mesmo que "deslocando-o" — o problema (inibição: estranhamento) levantado pela fastasmização desse "interdito", agora configurado como o "horrível".

Em Lessing (**Laocoon**, 1764) este princípio irá reescrever-se quase como uma interdição da Representação do "horrível" — constituindo-se o Belo da exclusão ("forclusão") de qualquer concepção contagiante (ou contaminadora) da "morte" (como sucede com o latino "larvae", termo utilizado para designar o "esqueleto" ou as "ossadas"). Para Lessing, com efeito, tratava-se não de "levar a expressão **para lá** dos limites da arte", mas de a "submeter à primeira das suas leis", a do **Belo (Laocoon)**.

Deste modo, se Aristóteles coloca como parâmetros ("limites") de referência a Representação do "animal" (vs a "figura animal") e a "morte" (vs a durabilidade do Sujeito e da obra), Lessing, subordinando-lhe a Representação, apresenta a questão do Belo de um modo que, se recalca mais profundamente esse "objecto negativo" — nas suas fórmulas mais bruscas procura mesmo expulsá-lo da esfera da "arte" ("O furor e o desespero jamais contaminaram alguma das suas obras. Posso afirmar que os Antigos nunca representaram uma Fúria", **idem**) —, não deixa contudo de confrontar o Belo com a constante suspeita da vinda do Horror (cf. a tática do "eufemismo" preconizada no texto de 1769 **Como os antigos representavam a morte**).

Em última análise, apesar de todas as suas reservas, a problemática de Lessing apontava para uma **representação-limite**: para Lessing, assim, o autor do **Laocoon** (grupo escultórico descoberto em 1506 e datado provavelmente de ± 50 a.c.) pretendia representar "o maior grau de beleza **compatível** com a dor física" (**Laocoon**,

“Não se servem desculpas à mesa do momento”

Heliogábalo

trad. J. Bialostocka, Herman, Miroirs de L'Art, 1964).

No campo da Representação clássica a **Mimese** (assim como as relações entre Verdade e Verosimilhança) surge antes de mais concebida como um trabalho de **transformação** e de **modalização** tanto no sentido do “ideal” (seja uma ideia do Belo), como no do “natural” — ou do “agrado”.

É esse também o quadro do **Horror** (a cena imaginária: a do Fantasma) projectado no início do III^o Canto (vv. 1/4) de **L'Art Poétique** de Boileau (1674). Citemos esse versos: “Il n'est point de serpent ni de monstre odieux, / Qui, par l'art imité, ne puisse plaire aux yeux: / D'un pinceau délicat l'artifice agréable / Du plus affreux objet fait un objet aimable”.

A caracterização do **Objecto** pelo seu termo próprio (“objet”: enquanto retorno do recalcado) revela que as suas duas primeiras figurações (como “Serpent” e “Monstre odieux”) o conotam como o lugar não só de uma “agressividade” mas também, do ponto de vista axiológico/normativo, com o de uma “negatividade” (no sentido do diabólico e do maligno). “L'objet” é, assim, sempre “affreux”: é essa, mesmo, a sua condição irrevogável e irreduzível de “exterioridade”.

Primeira conclusão a tirar: a questão que aqui inauguralmente se coloca é a do **Objecto** — melhor, a da **transformação do Objecto** (“affreux”) dado no início; pelo que a **Mimese**, numa primeira instância, surge sobretudo como um **processo performativo**. Segundo aspecto a ter em conta: o momento da Mimese coincide com o da introdução no processo de um **artifício**: “pinceau + délicat” = “artifice > agréable” — ou seja, “pinceau” = “artifice”.

Deste modo, é esse momento de **artifício** que atenua a questão (“gritante”, colocada em aberto) do Objecto no que ele tem de mais “affreux”: “horrorífico”. De facto, não só o **efeito de Mimese** é calculado em função do “olhar” (de um sentido especular que acentua essa dimensão de representatividade: “fábula”) como o **bom-objecto** (o “representável”: “identificável”, “reconhecível”) constitui, simultaneamente, o **objecto-amável** (agradável) (não só digno de ser amado”, mas também “serviçal”/“disponível” — cf. J. Dubois e outros, **Dictionnaire du français classique**, Larrousse, p. 20).

Excesso de verdade, monstro — com Burke, Kant, a problemática do Sublime elaborar-se-á a partir do centro da própria concepção do **Informe**.

No “irrepresentável” — e a quem dos seus “limites” — algo surge que já não é o Belo mas a experiência (percepção) do que da sua passagem (“destino”) deixou alguns vestígios: precisamente, o **Sublime**.

Assente numa estrutura paradoxal (conflitual, interna) da ordem do **oxímoro** se a relacionar com a própria dinâmica energética, purgativa, da **Tragédia**, o Sublime encontra-se associado com um momento de **quebra das regras**. Para Lyotard a questão do Sublime coloca-se no momento da passagem de uma problemática da **Representação (do Belo)** — ainda determinada pela referência a um corpo de “regras” ou à noção de “gosto” (correspondente ao estádio da **Poética**) —, a uma problemática (ou experiência) do **Informe** (do “não-regrado” que escapa à grelha de uma concepção normativa do “gosto”: com Burke e Kant entrar-se-ia, assim, no estádio da **Estética**) (**Post Modernism Documents**, 4, 1986).

Seria para este “centro” — sem nome, inamovível e negativo — que, desde o início — desde os alvares da descoberta, contaminação e confronto com a “pornografia” —, a foto de Mapplethorpe talvez se tenha desde sempre dirigido (cf. o art.º de Donald Kuspit, “Aestheticising the Perverse: R. Mapplethorpe”, **Artscribe**, n.º 72, Nov./Dez. 1988).

No seu enunciado ela levanta (e questiona) esta insistente **pergunta**: o que nos transmite a Representação da “experiência”, do “dia a dia”, do “vívido”? Na melhor das hipóteses, respondemos nós, algo que nos mantenha ainda de pé, disponíveis e vivos para o dia seguinte. Algo de substancial que no fim desse processo (experiência) nos tenha restabelecido. Como um prato de lentilhas ou um hamburger. Nesta foto, as **rãs** estão por esse mínimo, resquício: “restabelecido”.

Nela, com efeito, o que se (de) **forma**?

Um **prato de rãs**. O **objecto**. Ou seja, o processo de que se expõe o “objecto” ao mesmo tempo que, dessa violência abreactiva (inscrita no prefixo), ele se acaba por desprender como o **objecto-a**, o **pequeno-nada** ou o **resíduo**.

Resto do não-Ser, mais do que não-sido. Pelo contrário, é essa experiência do Ser que re(de)volvada sobre si (como num “volvo”) agora aqui se constitui como o “nódulo” (repleta “memória”, resto) de um Ser-extremo (ou do que nunca o devia sequer “ter-sido”). Presença, sim, mas **a-teleológica**, discreta: como num “negativo”.

Sobre o fundo-negro (do obturador/da íris), o prato-branco (da "luz", o disco) apresenta-se como o projector que permite que do "negro" (do seu "sem-fundo"), como o **negativo**, (o "**espectro**") da Representação se indície e sinalize.

Signo-negro (em que o **não-signo** se presentifica) que marca a "forma" como resistência, nódoa ou vômito. Como o que resta (ou o que se de-jecta) depois de ter sido indefinidamente (in-) deferido: o que escapou à "forma" — e ao seu redutor ("figurativo") princípio. Daí a viscosidade, a repelência da forma que o obturador da fotografia (do "negativo") aqui congela e solidifica.

A "mortal-idade" da forma como serena constatação do seu estatuto e do seu exercício. A sua redução te(le)ológica e restituição (que é também uma "perda") soberana à **vida**.

A **rã**, deste modo, ultrapassou o estádio da "rejeição e da abjecção" (do "estético"), configurando-se como a inversão do seu destino ("representativo").

Mais do que o **vômito**, o que aqui temos é a "rã" como o **pequeno-monstro** (o "objecto" revelado, extremo): não tanto a "náusea" como o desvio do **fétiche**.

Daí, também, o carácter **sacral** do "ofício" que nos é oferecido: cerimonial, sim, mas sem vestes ou insígnias, desfêtuado.

Nesta terra devastada ("gasta"), não é a Voz que clama no deserto (a ilusão profética ou nostálgica de um sentido), mas o **silêncio** que grita. As suas formas invertidas, mas restituídas. Postas na mesa, como um manjar oferecido.

Estranhas iguarias, de coisas secas. Que não deixam espaço para molhos, e que fazem do manducar um secante exercício.

Rãs, insectos — coisas pequenas. Branco sobre negro, de um xadrez metafísico (mínimo, contraído). Ou ainda uma solaridade egípcia, esfíngica.

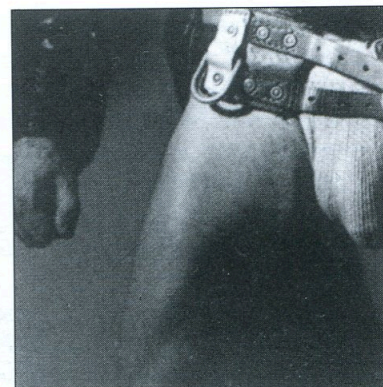
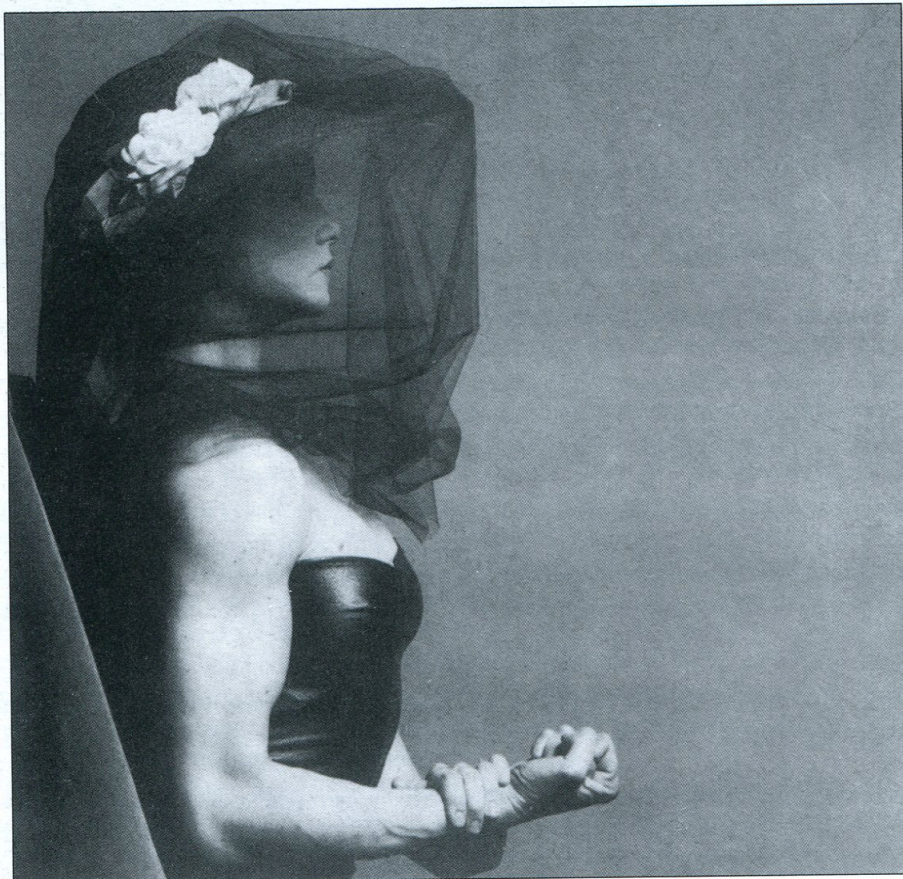
Para lá da **coisa-objecta** — e do seu "interdito" —, o que a foto de Mapplethorpe ante nós convoca é a própria possibilidade do objecto — de **qualquer** objecto, como coisa banal e física.

O "escândalo" desde há muito que deixou de vir dos "outros" (do seu "olhar"), para passar a residir nas próprias **coisas**: na mera possibilidade de uma consciência objectual de um Sujeito situando-se a si mesmo como "idêntico" num mundo de coisas (de utensílios, atributos) afinal parecido consigo.

Essa é talvez a lição mais radical da foto de Mapplethorpe: a possibilidade de uma **ontologia negativa** (que, contudo, não impede — antes impele — um projecto de vida) em que o Sujeito se define como "coisa", descartável, mas nem por isso menos ética, funcional e prática (pública).

Éticamente forte, devido à convocação no seu interior de um "monstro", o que a estética de Mapplethorpe recusa é a moral ("mimética") do Belo, assim como a sua ideologia ("representativa") metafísica. O desvio da Mimese como **astúcia** — algo de viscoso que se agarra à pele, vem no seu lugar e se lhe substitui.

Sim, essa sensação de **repelência** em relação a toda a forma que não se (de-) fina no seu destino como **limite**: **finitude**.



Uma jovem de 20 anos foi ontem «raptada» por um desconhecido quando se encontrava dentro de um veículo, à porta de sua residência, na companhia do namorado. O casal foi ameaçado com duas pistolas pelo raptor que se pôs em fuga, no veículo, com a jovem, abandonando-a posteriormente às primeiras horas da manhã, na Praça 25 de Abril.

O rapto ocorreu cerca das 23.30 horas, numa artéria de Gaia, quando o casal se encontrava dentro de um automóvel à porta da residência da jovem «raptada».

O veículo encontrava-se estacionado naquela artéria, estando o Fernando ao volante e Maria de Fátima ao seu lado quando, repentinamente, lhes surgiu um indivíduo aparentando entre 20 a 30 anos e os ameaçou com duas pistolas.

Primeiramente, o raptor obrigou a jovem a passar para o banco de trás, sentando-se ao lado do condutor e intimando-o a pôr o veículo em andamento. De seguida, forçou o Fernando a parar alguns metros à frente, e a sair do automóvel, arrancando na companhia da jovem. No entanto, antes de fugir

jumbo expresso

VIAGENS

C. FARRUCO
AV. MIGUEL DANTAS, 4
4930 VALENÇA
TELEF. 22646
FAX 23798
TELEX 32013

RUA DE CEUTA, 47
4000 PORTO
TELEF. 381561
FAX 381435
TELEX 21818

—PORTUGAL—

com Maria de Fátima o raptor disse-lhe para ela sair também do carro, o que ela não cumpriu argumentando posteriormente que «ficou dentro do automóvel para o assaltante não perpetrar o roubo, já que «o carro era do pai do namorado».

Segundo o Fernando, que havia pedido emprestado o carro a seu pai, o raptor é alto, magro, tem bigode e cabelo ondulado, usando na altura um blusão de couro.

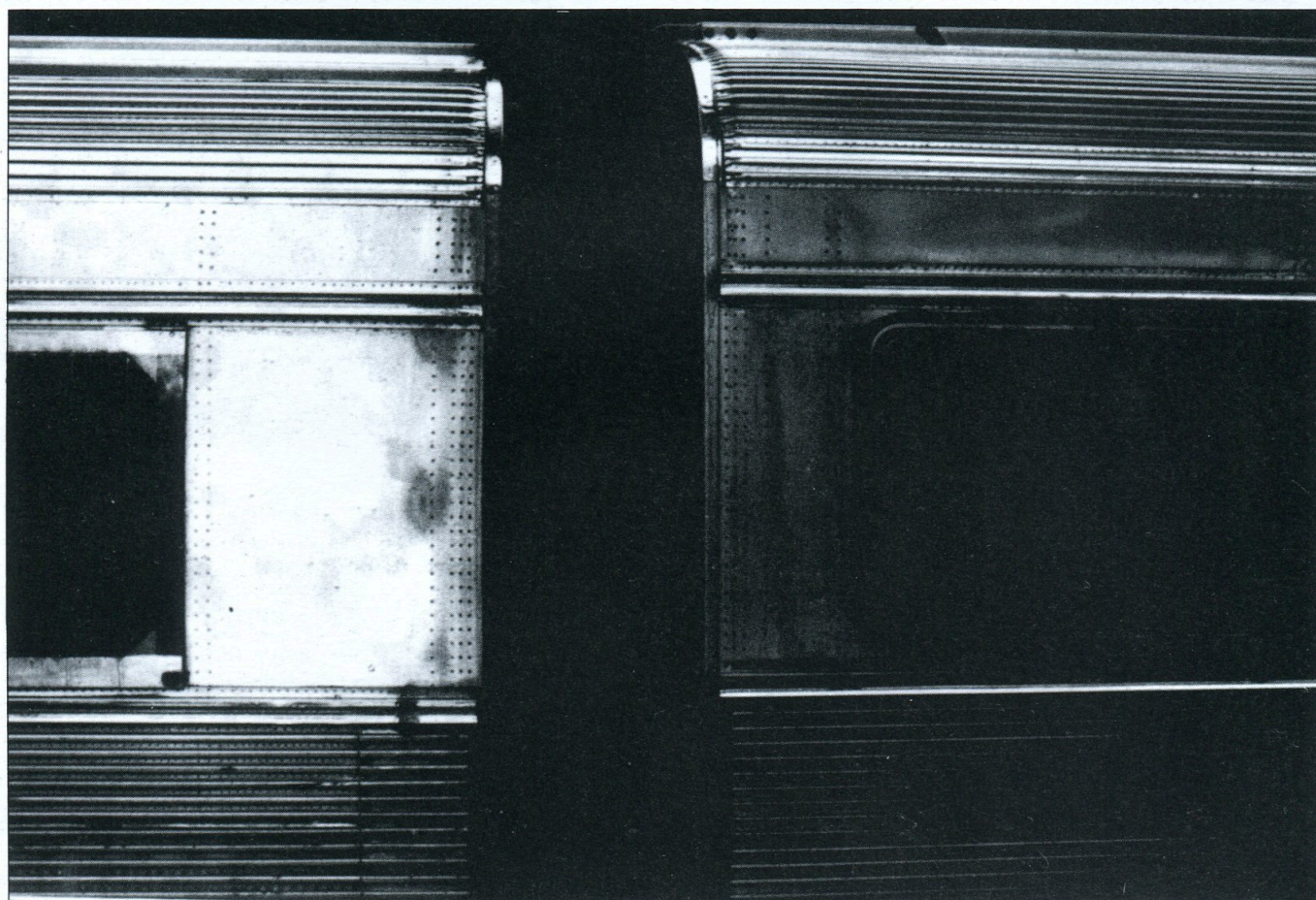
Ainda segundo conseguimos apurar através da mãe do Fernando, tudo não passou de «um grande susto», pois o raptor limitou-se a «dar uma grande volta, indo até Paços de Ferreira e fez cerca de 200 quilómetros, metendo, inclusivé, gasolina».

«O automóvel ficou um bocado estragado, mas o rapaz, segundo a Maria de Fátima, não lhe fez mal nenhum, apesar dela ter dito que ele estava um bocado drogado».


Cerca das 7.30 da manhã, o assaltante abandonou a Maria de Fátima na Praça 25 de Abril e entregou-lhe placidamente as chaves do carro, terminando assim o bizarro episódio.

Rapto durou uma noite

ROUBOU O CARRO E LEVOU-LHE A NAMORADA



Alexandre Tavares



**Apertou
o pescoço ao agente
e foi parar à cadeia**

Um indivíduo foi também detido por desobediência e agressão a um agente, cerca das 3 horas de ontem, num pub desta cidade.

O indivíduo, de 26 anos, foi convidado a sair do bar por se estar a tornar «indesejável», mas recusou-se, obrigando assim o proprietário a chamar a polícia.

Já na presença do agente, continuou a mostrar-se agressivo e a recusar abandonar o local, de tal forma que chegou a apertar o pescoço ao agente e a agredir um outro a soco.

ESTILISTA APRECIA FARDAS DE LIMPEZA

A estilista Eduarda Abondanza integra a Comissão de Apreciação, nomeada pelo vereador Rui Godinho, para se pronunciar sobre os modelos apresentados a concurso público para novos fardamentos. Estes destinam-se, nomeadamente, aos cantoneiros de limpeza da Câmara lisboeta.

Uma estilista considerada de vanguarda entre os jovens profissionais portugueses, um sindicalista e uma médica especializada em Trabalho, Higiene e Segurança fazem parte de uma comissão de apreciação que analisará as propostas para novas fardas dos trabalhadores do Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos. Os modelos a apreciar pela referida comissão serão os apresentados a concurso público e a adjudicação será feita ao proponente «que corresponda cabalmente ao pretendido».

Os trabalhadores da limpeza tinham feito chegar críticas ao vereador Rui Godinho quanto à não-funcionalidade dos «fatos-macacos» de cor de tijolo que desde há cerca de uma dezena de anos lhes foram atribuídos. Pouco práticos e de tecido cuja qualidade se reduziu com a lavagem, tais fardamentos foram em muitos casos postos de lado pelos cantoneiros.

JR

JORGE ROCHA

Rua Sacadura Cabral, 52

Telef. 325516

4000 PORTO

Escombros de Beirute palco de moda

UMA JOVEM estilista libanesa apresentou a sua colecção de pronto-a-vestir nos escombros do Hotel Saint-Georges, o mais belo dos palácios de Beirute antes da guerra, transformado em carcaça enegrecida desde 1975.

Na antiga entrada do hotel, cerca de um milhar de mulheres e raparigas juntaram-se à volta de uma pista improvisada. Dez manequins, todos amadores, apresentaram cerca de 50 modelos desenhados por Loulwa Abdel Baki, sob os aplausos das elegantes de Beirute e das suas filhas.

«Este desfile foi concebido para fazer reviver um aspecto da Beirute de outrora», disse a estilista, que imaginou este insólito desfile para lançar a sua nova *boutique*.

«O nosso hotel foi construído pelos franceses em 1933 e destruído nos primeiros dias da guerra», recorda um dos proprietários. Nem toda a gente, porém, gostou do contraste dos candelabros com os escombros. «Já não suporto mais nem as velas nem as ruínas», afirmou uma das assistentes, retirando-se precipitadamente do lugar.

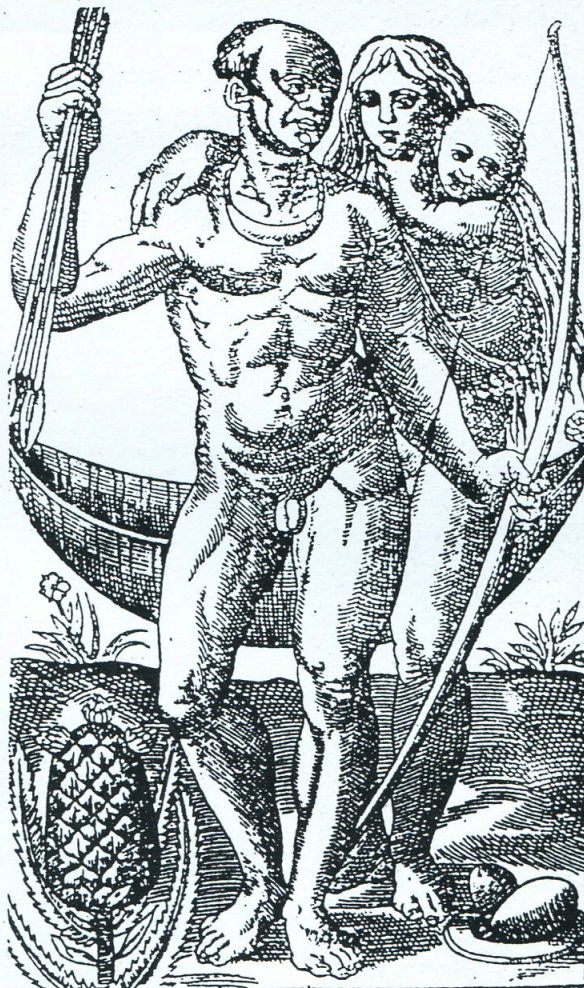
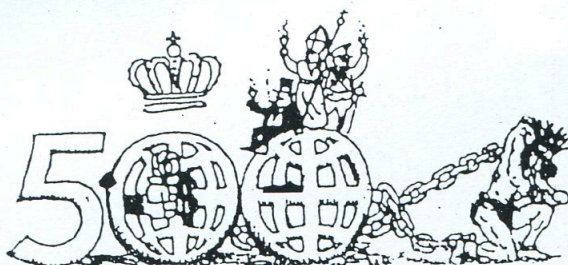


A. Oscar Morado

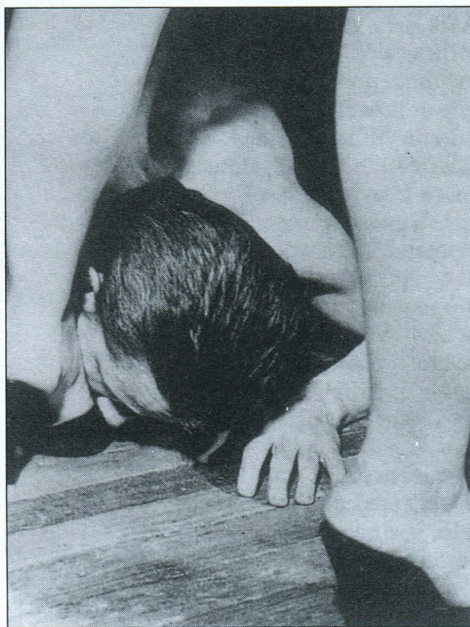
UTOPIA

UMA LIVRARIA PARALELA

LIVROS E DISCOS



RUA DA REGENERAÇÃO, 22
4000 PORTO / TELEF. 383526



Aos pés da Literatura

BLACK SON EDITORES

Director: António S. Oliveira

Redacção e Coordenação: A. Dasilva O., Fernando Guerreiro, António Marcelino Valente, Gilber de Lascariz, José António Afonso, Alfredo Alexandrino, Álvaro H. Ferreira e João Paulo Monteiro

Colaboradores Permanentes: A. Óscar Morado, Avelino Sá, Filipe Borges de Macedo, António Salvador, Bernardino Guimarães, João Reis. Rufino F., José Alvim Pereira, José Emílio Nelson João Paulo Soares e Jorge Manuel

Arranjo Gráfico deste número: A. Óscar Morado

Colaboram ainda neste número: Textos: Sandra Pereira, Teresa Necho, Carlos Freire, Simões, Virgílio Liquito, Heliogábal, Pedro Barreto, Manuel Faria, Alberto Cernadas, Rui Alexandre, C. Luis Bessa, Pedro Couto, Paulo Neves, Paulo Maia, Paulo Silva, Valter e Mário Pinto. Fotografias: Helena Castro, Luis Filipe Alvim Pereira, Luis Sousa, Pedro Pacheco, Alexandre Tavares, Fernando Coelho e Alexandre Carvalho

Os artigos são de responsabilidade de quem os assina. É permitida a sua reprodução sempre que se cite a procedência.

Tratamento de Texto, Impressão e Encadernação: Edições AFRONTAMENTO, Rua Costa Cabral, 859 - 4200 Porto

ÚLTIMA GERAÇÃO:
NÚMERO DE REGISTO 11
00 71

Propriedade: António S. Oliveira (NIPC): 80 99 21 995
Periodicidade: Cinco
Números anuais Pedidos e Correspondência: Apartado 4602, 4011 Porto Codex
Publicidade: Telefone: 32 58 21 Preço deste número: 800\$00

PPRODUÇÕES, PPRODUÇÕES & PRODUÇÕES

FAZEMOS E DESFAZEMOS AS TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS E O SEU PROCESSO REVOLUCIONÁRIO. FAZEMOS E DESFAZEMOS VIDEOS CASAMENTOS E BAPTIZADOS ARTES PLÁSTICAS MISSAS NEGRAS DRAMAS DO CAIXOTE DO LIXO E AS SUAS ACCÕES E ADVENTOS. GRAVAMOS E DESGRAVAMOS O OBJECTO PROFUNDO SUBJECTIVO DA DOR E DO SEU MANIFESTO DESENVOLVIMENTO E MODERNIZAÇÃO. CONSTRUÍMOS E DESTRUÍMOS O TECIDO DA PROFUNDA ACTUALIDADE OS SEUS CONFLITOS E CONTRADIÇÕES. FAZEMOS E FAZEMOS PRINCIPIOS E FINS. DESFAZEMOS E DESFAZEMOS MOVIMENTOS SOCIAIS, ELITES E GRUPOS. ABRIMOS E FECHAMOS O PSÍQUICO. PARTICIPAMOS. AGITAMOS E CRITICAMOS. VIRAMOS O TEMPO E A SUA OBRA PROGRAMÁTICA. DOBRAMOS ESQUINAS CONCEITOS E PRECONCEITOS. FAZEMOS FAZEMOS E DESFAZEMOS INVESTIGAÇÕES EM TODOS OS CAMPOS DA EMANCIPAÇÃO DO REAL DO ESTÉTICO E DO SUBTERRÂNEO DESFAZER DESFAZER E FAZER PACTOS DE SANGUE COM AS DIFERENTES FORMAS E CONTEÚDOS DE SUBDESENVOLVIMENTO SOBRE O FUNDAMENTO DA ACTIVIDADE DOCENTE LITERÁRIA E CIENTÍFICA. ABRIMOS E FECHAMOS E PARTIMOS CORAÇÕES PARA A LIBERDADE DOS VALORES ESPIRITUAIS E PARA ACABAR DE VEZ COM A ANULAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA PESSOA HUMANA. FAZEMOS E DESFAZEMOS AO VIVO EM CASSETE EM DISCO EM LETRA DE IMPRENSA.

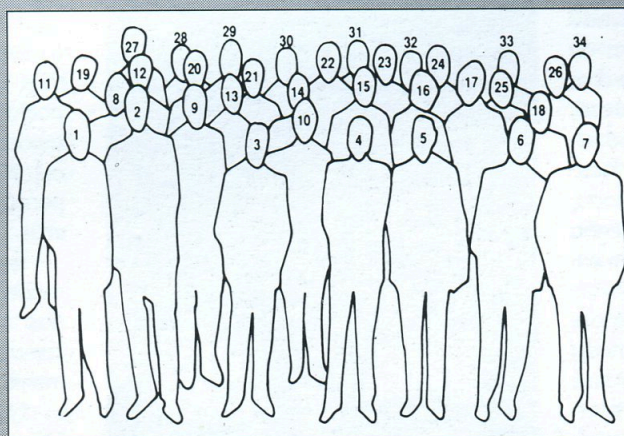
APARTADO 4602 - 4011 PORTO — Telefone (02) 325821

O SÉCULO DE TODOS OS CABEÇUDOS QUE ROLAM NO NOSSO IMAGINÁRIO

rostos? pedras iluminadas



- 01 - DUNCAN Isadora (1878-1927)
- 02 - MEISSONIER Jean (1815-1891)
- 03 - AYME Marcel (1902-1967)
- 04 - RIMBAUD Arthur (1854-1891)
- 05 - CARROLL Lewis (1832-1898)
- 06 - BRECHT Bertold (1898-1956)
- 07 - VERLAINE Paul (1844-1896)
- 08 - HEIDEGGER Martin (26/9/1889-1976)
- 09 - BERNANOS Georges (1888-1948)
- 10 - DESNOS Robert (1900-1945)
- 11 - CURIE Pierre (1859-1906)
- 12 - GERBAULT Alain (1893-1941)
- 13 - PICASSO Pablo (1881-1973)
- 14 - MANN Thomas (1875-1955)
- 15 - WILDE Oscar (1854-1900)
- 16 - ZOLA Emile (1840-1902)
- 17 - RIMET Jules (1874-1956)
- 18 - COCTEAU Jean (5/7/1889-1963)
- 19 - ZWEIG Stefan (1881-1942)
- 20 - LENGLEN Susan (1898-1938)
- 21 - GRIS Juan (1887-1927)
- 22 - FRANTZ Nicolas (1899-1985)
- 23 - NIETZSCHE Friedrich (1844-1900)
- 24 - GAUGUIN Paul (1848-1903)
- 25 - ARTAUD Antonin (1896-1948)
- 26 - BUNUEL Luis (1900-1983)
- 27 - FABER François (1887-1915)
- 28 - GARCIA LORCA Federico (1899-1936)
- 29 - CLAIR René (1898-1981)
- 30 - GONGOURT Edmond (1822-1896)



CARTAS DO VISIONÁRIO

ARTHUR

As famosas cartas de Maio de 1871, conhecidas dos especialistas rimbaldianos por "lettres du voyant", são dos mais impressionantes documentos programáticos da história da literatura e, seguramente, a primeiríssima referência para uma abordagem crítica da obra do autor de "Illuminations". Rimbaud tem dezassete anos ("On n'est pas sérieux, quand on a..."), e, meses atrás, fugira da casa materna e da sua cidadezinha natal de Charleville, na Ardenas. Filho de uma família pequeno-burguesa (seu pai era capitão do exército, fez a guerra da Crimeia e acabou por cedo abandonar por completo a família) vivera aí a infância numa habitação modesta de um bairro popular. A pé, de comboio, o jovem Arthur chegou a Paris, passando por Charleroi, e logo se fez prender à saída da gare por não ter bilhete nem dinheiro. Encarcerado na prisão de Mazas, seria libertado por intercedência de Georges Izambard (seu professor de Retórica no Colégio de Charleville, tornara-se aí cúmplice e confidente do jovem) que o convidou a passar uns tempos em casa de umas suas tias em Douai. Aí recopiou ele todos os seus poemas para um caderno afim de os confiar a Paul Demeny, poeta sem interesse, que tinha então aos olhos de Rimbaud um enorme prestígio devido ao facto de ser o único autor publicado que conhecia pessoalmente.

Estalara entretanto a guerra e Napoleão III é clamorosamente batido em Sedan. O exército prussiano ocupa o Nordeste de França, instalando-se às portas de Paris. O jovem poeta vagabundeia uma pouco ao acaso entre Douai, Charleroi, Bruxelas, Charleville e Paris, onde estala a revolução e a Comuna é proclamada a 18 de Março de 1871. É grande a controvérsia sobre a real participação de Rimbaud na insurreição popular parisiense. Ernest Delahaye, um biógrafo que com ele privou de perto nesta época, refere tê-lo ouvido ler um "Projecto de Constituição Comunista", documento irremediavelmente perdido para lástima da ciência política. Ainda segundo Delahaye, o jovem poeta, entre meados de Abril e começos de Maio, esteve uma terceira vez em Paris, tendo-se então alistado numa milícia, o que aparece curiosamente confirmado numa nota da polícia parisiense de 1873, onde se refere que o jovem "Rimbaud(sic.), sob a Comuna, fez parte dos franco-atiradores de Paris". Verlaine atribui-lhe "algumas noites na caserna de Chateau d'Eau entre as vagas vingativas de Flourens". Seja como for, antes de estalar a grande repressão da "semana sangrenta" Rimbaud está já são e salvo em Charleville. É daí que envia estas estranhas epístolas que, entre o fulgor do génio tomando asa e a prolixa trapalhice do colegial, procuram dar conta de um novo compromisso (poético) para a sua vida.

É geralmente notado o contraste flagrante entre a ambição revolucionária e prometaica do texto das cartas e a relativa inocuidade dos poemas que as acompanham. Vários indícios no texto permitem estabelecer com segurança que, para Rimbaud, aqueles poemas não são ainda exemplares da sua pretendida poesia objectiva, obra do visionário. Optamos assim, a exemplo aliás da maioria das edições na língua original, por não publicar os poemas, os quais, sobre apresentarem enormíssimas dificuldades de tradução, não oferecem nada de substancial — senão perplexidade — a quem quiser reflectir sobre estes notáveis documentos. O projecto estético aqui delineado haveria aliás de ter a sua sequência

Cartas do Visionário

Para Georges Izambard

Charlesville, 13 de Maio de 1891

Caro Senhor:

Eis-vos de novo professor. Devemo-nos à sociedade, dissésteis-me vós; fazeis parte do corpo dos docentes: seguis por caminhos experimentados. — Também eu sou o princípio: cinicamente, faço-me sustentar, desencaminho alguns imbecis antigos do colégio: tudo o que possa inventar de mais estúpido, porco e reles, por palavras ou acções, atiro-lhes à cara: pagam-me com canecas e miúdas — Stat mater dolorosa, dum pendet filius, — Devo-me à sociedade, é justo, — e tenho razão. — Também vós tendes razão, por hoje. No fundo, vós nada vedes em vosso princípio senão poesia subjectiva: a vossa obstinação em retomar a manjedoura universitária — perdão — prova-o. Mas acabareis sempre como um satisfeito que nada fez, nada tendo querido fazer. Além de que a vossa poesia subjectiva será sempre horrivelmente fastidiosa. Um dia, espero, — muitos outros esperam a mesma coisa — verei no vosso princípio a poesia objectiva, vê-la-ei mais sinceramente que vós próprio a fareis! — Serei um trabalhador: é a ideia que me retém, quando a louca cólera me



empurra para a batalha de Paris — onde tantos trabalhadores morrem agora mesmo que vos escrevo. Trabalhar agora, nunca, nunca, estou em greve.

Agora, mergulho na maior devassidão possível. Porquê? Quero ser poeta e trabalho para me tornar visionário: vós não compreendeis nada e eu não sei se saberei explicar-vos. Trata-se de atingir o desconhecido através do desregramento de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes mas é preciso ser-se forte, ter nascido poeta e eu reconheci-me poeta. Não é de modo algum culpa minha. É falso dizer-se: eu penso. Deveria dizer-se: eu sou pensa(n)do. — Perdão pelo jogo de palavras.

Eu é um outro. Tanto pior para a madeira que se descobre violino e estou-se nas tintas para os inconscientes que discretem sobre aquilo que pura e simplesmente ignoram.

Não sois mestre para mim. Dou-vos isto: é uma sátira como vós diríeis? É poesia? É de qualquer modo uma fantasia. — Mas, suplico-vos, não a sublinheis com o lápis nem — demasiado — com o pensamento:

E MAIS QUATRO POEMAS

tradução e nota introdutória de João Paulo Monteiro

RIMBAUD

numa evolução fulminante da escrita poética do autor, culminando em *Le Bateau Ivre* que Rimbaud, já em Setembro desse mesmo ano de 1871, levará consigo novamente para Paris, ao encontro marcado com a glória. Pelo caminho, entre outros, um belo poema de inspiração auto-biográfica — *Les Poètes de Sept Ans* — de que aqui damos também uma primeira versão em português. É este precisamente o poema em que se pode ver, sequencialmente e em pormenor, Rimbaud tornar-se Rimbaud. O seu verso, tentativamente ainda, vai aqui

tomando altura, transbordamento imagético e aquela nova densidade gnóstica e ontológica que fará do poeta, na expressão de Jean-Luc Steinmetz “um sonhador de liberdade infinita, um ser da disponibilidade absoluta”.

Numa direcção diversa mas oferecendo um curioso paralelo com outra das linhas de força do poema precedente, está essa preciosa obra-prima que é *Les Remenbrances du vieillard idiot*. O poema data possivelmente dos fins de 1871, e é já do tempo em que Rimbaud se instala em Paris, a expensas de Verlaine. Com este, participa em tão nas actividades de um auto-denominado *Cercle Zutique* (de *zut*, exclamativa que poderá ser aqui traduzida por: ora sebo!), em cujo álbum se encontra esta peça, assinada com um pseudónimo sarcástico, juntamente com muitas outras facécias e variadas obscenidades. Incurção pelo lado sombrio e escatológico do poeta, mas resolvendo-se em apoteose sensual, produto dessa sua ridente, solar e cristalina “perversidade polimorfa”.

O soneto intitulado *Voyelles* (ou *Les Voyelles* numa outra cópia) é certamente o mais comentado poema de Rimbaud, tendo à sua conta toda uma bibliografia. Para ele foram buscadas complexas significações místicas ou esotéricas, sendo-lhe também atribuída uma intensa carga erótica, sem prejuízo de se suspeitar que a ideia da coloração das vogais poderá afinal ter sido simplesmente inspirada por um manual de primeiras letras. A única interpretação razoavelmente segura é a de que o poeta parece aqui pretender efectuar uma reflexão sobre o ser ou a totalidade (de alfa a omega), porventura ligada a uma interrogação sobre o sentido e limites da linguagem. Verlaine afirma, por outro lado, que a intensa beleza do poema o dispensa, a seus olhos, de “uma precisão teórica para a qual, penso, o extremamente espiritual Rimbaud se estaria certamente bem nas tintas”. Uma outra fantasia cromática, geralmente associada a *Voyelles*, a quadra “*L'étoile a pleuré rose...*” é, sobretudo, invenção e transcurso poético de um corpo feminino.

Poemas e cartas aqui dados pela primeira vez na boa e honesta língua portuguesa neste ano da graça em que, oficial ou oficiosamente, se comemora o centenário da morte dessa criança de belos olhos azuis líquidos que se “obstina horrivelmente a adorar a liberdade livre”.

As cartas ficaram sem resposta. Supõe-se que os seus destinatários as ajuizaram como um amontoado de elocubrações sem qualquer sentido.

J.P.M.

Coração Supliciado

(.....)

Isto não quer dizer nada. — RESPON-
DÁ-ME: para casa do sr. Deverrière, para
A. R.

Saúdo-o, de todo o coração,
Art. Rimbaud

Para Paul Demyen em Douai

Charleville, 15 de Maio de 1871

Resolvi dar-vos uma hora de literatura
nova: começo de imediato com um salmo
de actualidade:

Canto de Guerra Parisiense

(.....)

— Eis agora alguma prosa sobre o
futuro da poesia —

Toda a poesia antiga desenhoca na
poesia grega; Vida harmoniosa. Da Grécia
ao movimento romântico, — Idade
Média, — há alguns letrados, alguns ver-
sificadores. De Ennius a Theroldus, de
Theroldus a Casimir Delavigne, tudo é
prosa rimada, um jogo, relaxamento e

glória de inúmeras gerações de idiotas:
Racine é o puro, o forte, o grande. —
Tivessem-lhe soprado sobre as rimas,
baralhado os hemistíquios, e o Divino
Idiota seria hoje tão desconhecido como o
primeiro acima, autor de *Origens*. — Após
Racine, o jogo criou bolor. Durou dois mil
anos!

Nem zombaria, nem paradoxo. A
razão inspira-me mais certezas sobre esta

matéria que fúrias teria tido um *Jeune-
France*. De resto, os *novos!* têm por regra
a liberdade de execrar os avoengos: esta-
mos à vontade e temos tempo livre.

Nunca se julgou adequadamente o
romantismo; quem o teria julgado? Os
críticos!! Os românticos, que provam tão
bem ser a canção raramente obra, quer
dizer pensamento cantado e compreendi-
do, do cantor?

Porque o Eu é um outro. Se o cobre se
descobre clarim, não há aí nada de culpa
sua. Isso é evidente para mim: assisto à
eclosão do meu pensamento: vejo-a, escuto-a:
lanço um movimento com o arco: a
sinfonia vai abalando as profundezas, ou
salta instantaneamente para o palco.

Se os velhos imbecis não tivessem en-
contrado do Eu apenas a significação
falsa, não tínhamos que varrer esses mil-
hões de esqueletos que, desde há um
tempo infinito!, acumularam os produtos
da sua inteligência vesga, proclamando-se
autores!

Na Grécia, já o disse, versos e líras
ritmam a Acção. Depois, música e rimas
são apenas jogos, diversão. O estudo
deste passado encanta os curiosos: muitos
aprazem-se a renovar estas antiguidades:
— é para eles. A inteligência universal
sempre arremessou as suas ideias com



Fernando Coelho

naturalidade; os homens recolhiam uma parte desses frutos da actividade cerebral: agia-se em conformidade, esceviavam-se livros: tal era o sentido das coisas, o homem não se trabalhando, não estando ainda desperto ou não ainda mergulhado na plenitude do grande sonho. Funcionários, escreventes: autor, criador, poeta, esse homem nunca existiu!

O primeiro estudo para o homem que quer ser poeta é o seu próprio conhecimento, por inteiro; ele procura a sua alma, inspeciona-a, experimenta-a, apreende-a. Desde que a sabe, deve cultivá-la; isso parece simples: em todo o cérebro se dá um desenvolvimento natural; tantos *egoístas* se proclamam autores; muitos outros atribuem-se o seu próprio progresso intelectual! — Mas do que se trata é de tornar a alma monstruosa: a exemplo dos comprachicos, pois! Imagine um homem implantando e cultivando verrugas no seu próprio rosto.

Digo que é necessário ser *visionário*, fazer-se *visionário*.

O poeta faz-se *visionário* por um prolongado, imenso e calculado *desregramento de todos os sentidos*. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele se procura a si próprio, ele esgota em si todos os venenos para deles guardar apenas as quintessências. Inefável tortura em que ele precisa de toda a fé, de toda a sobrehumana força, em que ele se torna entre todos o grande enfermo, o grande criminoso, o grande maldito, — e o supremo Sábio! — Pois ele atinge o *desconhecido*! Uma vez que cultivou a sua alma, já de si rica como nenhuma! Ele atinge o desconhecido, e quando, enlouquecido, acabar por perder a inteligência das suas visões, tê-las-à visto! Que ele estoire no seu sobrevoos pelas coisas inauditas e inomináveis: virão outros horríveis trabalhadores; começarão pelos horizontes onde o outro se abateu!

— A sequência dentro de seis minutos —

Aqui intercalo um segundo salmo *fora de texto*: queira dispensar um ouvido complacente, — e toda a gente ficará encantada. — Tenho o arco na mão, começo:

As Minhas Pequenas Apaixonadas (.....)

Eis aí. E repare bem que se eu não reeasse fazer-vos desembolsar mais de 60 c. de portes, — eu, pobre assombrado, que desde há sete meses não embolso uma única moeda de bronze! — enviar-vos-ia ainda os meus *Amantes de Paris*, cem haxâmetros, caro senhor, e a minha *Morte de Paris*, duzentos haxâmetros! —

Retomando:

É pois o poeta, verdadeiramente, ladrão de fogo.

Ele tem a seu cargo a humanidade, os *animais* mesmo; deve fazer sentir, palpar, escutar as suas invenções; se aquilo que ele transmite *de lá* tem forma, ele dá a forma; se é informe, ele dá o informe. Achar uma língua;

— De resto, sendo toda a palavra uma ideia, o tempo de uma linguagem universal virá! É preciso ser-se académico — mais morto que um fóssil, — para compilar um dicionário, seja de que língua for. Um ser fraco que se meta a *pensar* sobre a primeira letra do alfabeto, e poderá rapidamente precipitar-se na loucura! —

Esta língua será de alma para alma, compreendendo tudo, perfumes, sons, cores, o pensamento enganchado no pensamento, desfiando-o. O poeta definiria a quantidade de desconhecido despertando em seu tempo na alma universal: ele daria mais — que a fórmula do seu pensamento, que a marcação da sua *marcha ao Progresso*. Enormidade tornando-se norma, absorvida por todos, ele será verdadeiramente um *multiplicador de progresso*!

Este futuro será materialista, bem o vedes. — Sempre na plenitude do *Número* e da *Harmonia*, estes poemas serão feitos para permanecer. — No fundo, será ainda um pouco a Poesia grega.

A arte eterna teria as suas funções; assim como os poetas são cidadãos. A Poesia não ritmará mais a acção; ela *estará na dianteira*.

Estes poetas serão! Quando for quebrada a infinda servidão da mulher, quando ela viver por ela e para ela, o homem, — até aqui abominável, — tendo-lhe rendido a vez, ela será poeta, também ela! A mulher achará o desconhecido! Os seus mundos de ideias diferirão dos nossos? — Ela achará coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas; nós tomá-las-emos, nós compreendê-las-emos.

Entretanto, exijamos aos *poetas* o que for de *novo*, — ideias e formas. Todos os habilidosos pensariam rapidamente ter já satisfeito esta exigência. — Não é isso!

O primeiros românticos foram *visionários* sem disso se darem conta; o cultivo de suas almas começou por acidentes: locomotivas abandonadas, mas queimando o seu combustível, que a espaços retomam ainda a linha. — Lamartine é por vezes *visionário* mas a forma velha estrangula-o. — Hugo, *por demais cabeçudo*, soube bem *ver* nos seus últimos volumes; Os *Miseráveis* são um verdadeiro poema. Folheio Os *Castigos*; Stella oferece mais ou menos o alcance da *vista* de Hugo. Demasiado Belmonet e Lamennais, demasiados Jéhovahs e colunas, velhas enormidades perimidas.

Musset é catorze vezes mais execrável para nós, gerações dolorosas e tomadas

de visões, — que a sua preguiça de anjo insultou! Oh! os contos e os provérbios fastidiosos! oh as noites! oh Rolla, oh Namouga, oh la Coupe! tudo é francês, quer dizer detestável no supremo grau; francês, não parisiense! Ainda uma obra desse odioso génio que havia já inspirado Rabelais, Voltaire, Jean La Fontaine, comentado pelo Sr. Taine! Primavera! o espírito de Musset! Encantador, o seu amor! Eis aí, pintura sobre esmalte, poesia sólida! Saborear-se-á durante muito tempo a poesia *francesa*, mas em França. Qualquer rapaz talhista está à altura de desbobinar uma apóstrofe Rollista, qualquer seminarista transporta as suas quinhentas rimas no segredo de um canhenho. Aos quize anos, estes impulsos de paixão põem os jovens a uivar à lua; aos dezasseis anos, eles contentam-se já em recitá-los com *coração*; aos dezoito anos, aos dezassete anos mesmo, todo o colegial dispoendo dos meios, faz o Rolla, escreve um Rolla! Talvez alguns ainda morram disso. Musset não soube fazer nada: tinha lá algumas visões por detrás da gaze dos cortinados: fechou-lhes os olhos. Francês, Pavoneador, arrastado do botequim para as estantes das escolas, o belo morto está bem morto e, agora, não nos demos sequer ao trabalho de o despertar com as nossas abominações!

Os segundos românticos são bem *visionários*. Th. Gautier, Leconte de Lisle, Th. de Banville. Mas sendo a prospecção do invisível e a escuta do inaudito coisas diversas de retomar o espírito das coisas mortas, Baudelaire é o primeiro *visionário*, rei dos poetas, um *verdadeiro Deus*. Ainda viveu porém num meio demasiado artista; e a forma que lhe é tão louvada é mesquinha: as invenções de desconhecido reclamam formas novas.

Afeito às velhas formas, entre os inocentes, A. Renaud, — criou o seu Rolla; — L. Grandet, — criou o seu Rolla; — os gauleses e os Musset, G. Lafenestre, Coran, Cl. Popelin, Souly, L. Salles; Os académicos, Marc, Aicard, Theuriat; os mortos e os imbecis, Autran, Barbier, L. Pichat, Lemoyne, os Deschamp, os Desessarts; os jornalistas, L. Cladel, Robert Luzarches, X. de Richard; os fantasistas, C. Mendès; os boémios; as mulheres; os talentos, Leon Dierx e Sully Prudhomme, Coppée; — a nova escola, dita parnasiana, tem dois *visionários*, Albert Méral e Paul Verlaine, um verdadeiro poeta. — Eis, pois. — Trabalho assim para me tornar *visionário*. — E terminemos por um canto piedoso

Prostrações

(.....)

Sérieis execrável se não me respondêsseis: rapidamente, pois dentro de oito dias estarei em Paris talvez.

Até à vista. A. Rimbaud



Luiz Filipe Alvim Pereira

Os Poetas de Sete Anos

E a mãe, encerrando o livro grande do dever,
Retirava-se altiva e satisfeita sem poder ver,
Nos olhos azuis e sob a fronte plena de elevação,
A alma do seu menino assolada pela aversão.

Todo o dia ele transpirava obediência; inteligente;
Mas alguns tiques negros, certos rasgos da sua mente,
Pareciam provar nele as mais amargas hipocrisias.
Na sombra dos corredores, sob bolorentas tapeçarias,
De passagem, tirava a língua de fora, as mãos fechadas
Na virilha, os olhos cerrando-se sobre visões pontilhadas.
Uma porta se abria sobre a noite: a lâmpada da escada
Denunciava-o lá em cima, agonizando na balaustrada,
Sob essa enseada de dia pendente do tecto. No Verão
Sobretudo, estúpido, vencido, era sua obstinação
Encerrar-se de novo no fresco remanso das latrinas:
Aí meditava ele, tranquilo e abrindo bem as narinas.

Quando, lavado dos odores do dia, nas trazeiras do lar,
O pequeno jardim, pelo inverno, se banhava de luar,
Jacente ao pé de um muro, enterrado na marga
E por visões esmagando o seu olhar que se embarga,
Ele escutava o fervilhar das fungosas latadas.
Piedade! Essas crianças apenas eram suas amadas,
Delgadas, a cara descoberta, olhos na face desmaiados,
Ocultando os magros dedos negros e, de pus, amarelados
Sob as velhíssimas roupas tresandando a excremento,
Conversavam com uma doçura idiota pedindo lamentos!
E se, surpreendendo-o entregue a piedades imundas,
A mãe se horrorizava; as carícias mais profundas
Do filho se precipitavam sobre este anseio protector.
Era bom. Doce, o seu olhar azul — enganador!

Aos sete anos, fazia ele romances, sobre a vida
Do grande deserto em que luz a liberdade remida,
Florestas, sóis, rios, savanas! — Ele se inspirava

Em jornais ilustrados onde, corado, observava
Espanholas de riso solto e também italianas.
Quando vinha, olhos pardos, louca, em vestes indianas
— oito anos, — a filha dos operários da casa ao lado,
Essa miúda brutal, e após que ela tivesse saltado,
A um canto, sobre o seu dorso, agitando as tranças,
Estando sob ela, mordia-lhe as nádegas distensas,
Pois ela não trazia nunca calcinhas, era sabido;
— E por ela sendo, a punhos e calcanhares, abatido,
Retirava-se, guardando de sua pele o vivo sabor.

Temia ele apenas os domingos de dezembro sem cor,
Em que, o cabelo abrilhantado, sobre uma mesa de centro,
Lia passagens numa bíblia de bordos verde-coentro;
Sonhos opressivos tomavam-no à noite quando recolhia.
Não amava Deus; mas os homens que ao arruivar do dia,
Enegrecidos, em blusa, ele via regressar ao arredor
Onde os pregoeiros, com três rufares de um tambor,
Em torno dos editais fazem rir e resmonear a multidão.
— Ele sonhava a várzea amorosa em que uma agitação
Luminosa, perfumes sadios, pubescências douradas,
Marulham calmamente e retomam suas aéreas moradas.

E assim ele saboreando sobretudo as coisas sombrias,
Quando, em seu aposento despido, corridas as gelosias,
O quarto alto e azul, duramente tomado de humidade,
Lia seu romance, aí repensado com tenacidade,
Cheio de pesados céus ocre e florestas inundadas,
De pétalas de carne em lenhos siderais transmutadas,
Vertigem, desabamentos, derrotas e compaixão!
— Enquanto do bairro se ia levantando a excitação,
Em baixo — só, em seus lençóis de pano-cru envolto,
E pressentindo já violentamente o velejar solto.

A.R.
26 de Maio de 1871.

Perdão meu pai!

Jovem, nas feiras de qualquer vilória,
Procurava eu, não a barraca de tiro, a velha história,
Mas o sítio carregado de gritos em que os jumentos,
Exaustos, cediam de si aqueles longos tubos sangrentos
Que não compreendo ainda!...

E minha mãe então,
De que a camisa largava aquela amarga exalação,
Algo amarrotada em baixo e amarela como um fruto,
Minha mãe que se deitava com certo ruído — produto
Do trabalho porém — minha mãe com sua coxa cheia
De mulher madura, com seus rins em que pregueia
O branco linho, me dava aqueles calores que silêncio!...

Vergonha mais crua e calma, era quando, pelo frio,
Minha irmã mais nova, no seu regresso da escola,
Tendo arrastado sobre o gelo os tamancos e a sacola,
Mijava, olhando que se escapava de seu labiozinho
Rosado e bem apertado, aquele travesso fiozinho!...

Ó perdão!

Sonhava eu com meu pai por vezes:
Ao serão, o jogo de cartas e os seus ditos soezes,
O vizinho, eu sendo retirado, coisas conhecidas...
— Pois um pai é perturbador — e as coisas concebidas!...
Seu joelho, acariciador por vezes; as suas calças
De que meu dedo desejava abrir a fenda... — oh! caraças!

Para haver, de meu pai, a ponta, grande, negra e dura,
Dele cuja mão peluda me embalava!

E aqui se descrua
O púcaro, o pequeno prato de asa, entrevisto lá acima,
Os almanaques de capa vermelha, e aquela cestinha
De pano, e a Bíblia, e os lugares todos, e a criada,
A Virgem santa e o crucifixo...

Oh! que ninguém, por nada,
Foi tantas vezes perturbado, assim como espantado!
E nesta hora, enfim, seja eu de tudo aqui perdoado:
Pois que os infectos sentidos me apanharam nos seus redís,
Solenemente confesso todos estes meus crimes juvenis!...

E já agora! — seja-me enfim permitido falar ao Senhor
Porquê a puberdade tardia e esse indizível temor
Da glande tenaz por demais consultada? Porquê a sombra
Tão lenta no baixo ventre? e esse terror que se encontra
Cumulando sempre a alegria, tal saibro na corrente?

— Eu, estive sempe estupefacto! De quê ser sapiente?

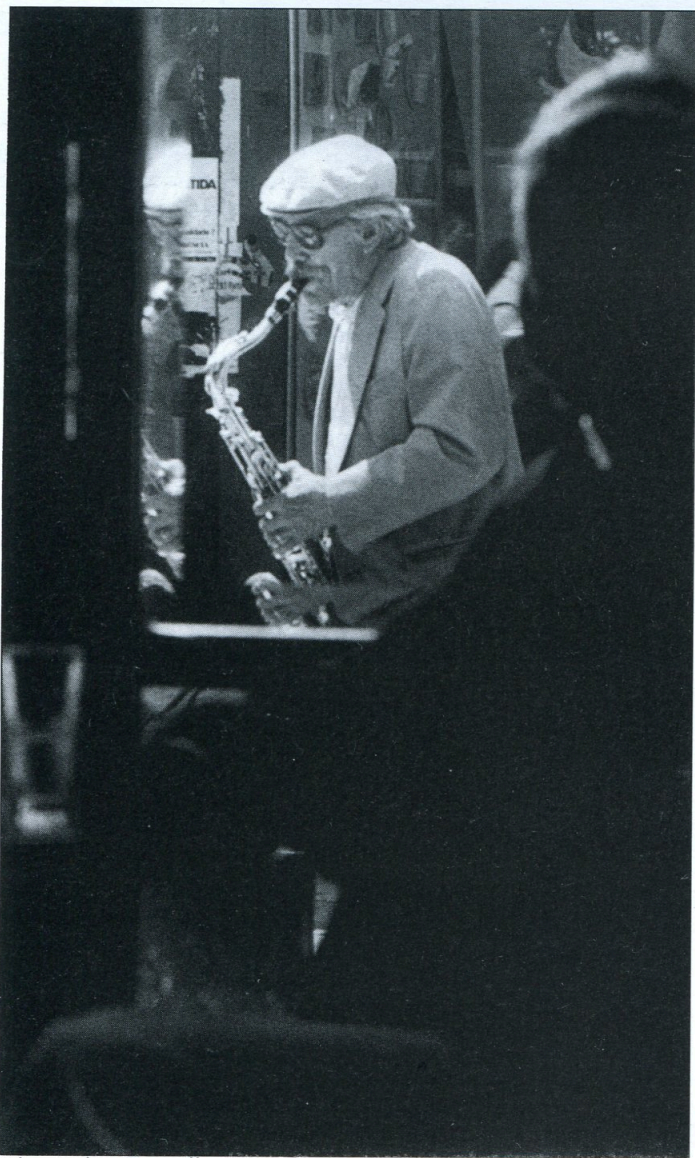
Perdoado?

Retome seu capacho azul, não foi nada,
Meu pai.

Oh esta infância!.....

— e retiremo-nos a cauda!

François Coppée
A.R.



Alexandre Carvalho

Vogais

A negro, E branco, I vermelho, U verde, O azul: vogais,
Algum dia direi desses vossos ocultos nascimentos:
A, Negro corpete felpudo em que as moscas, aos centos,
Revolteiam por onde os cruéis fedores se sentem mais,

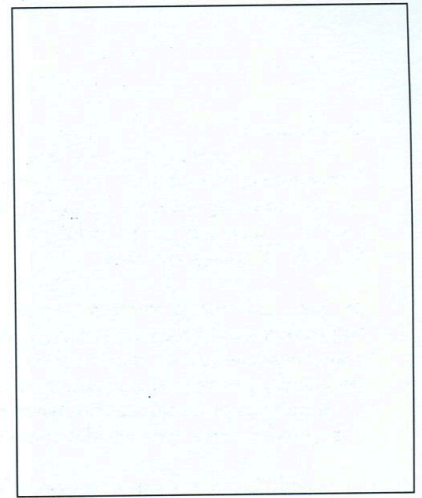
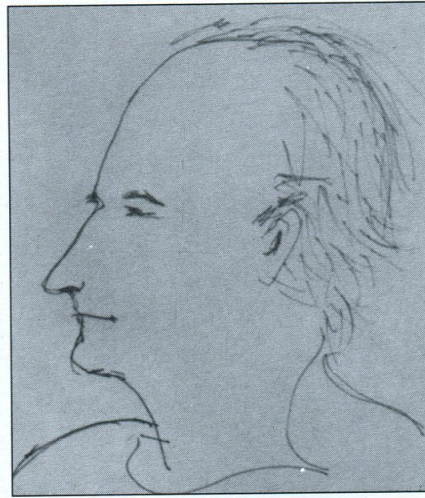
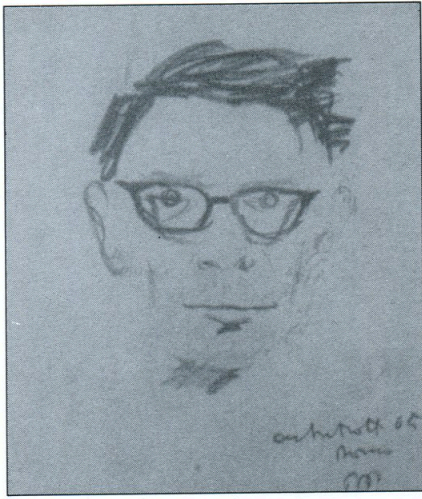
Golfos de treva; E, canduras dos vapores e das tendas,
Cumes de altivos glaciares, reis brancos, trémulas sombrinhas;
I, púrpuras, sangue cuspidas, as belas bocas escarninhas
Em sua cólera ou, da embriaguêz, percorrendo as sendas;

U, ciclos, divino ondular dos mares verdejando sem fugas,
Paz das campinas polvilhadas pelo gado, paz das rugas
Que a alquimia imprime na alta frente dos estudiosos;

Ó, Supremo Clarim, pleno de raros estridores facundos,
Silêncios atravessados por Anjos e por Mundos:
— Ó, o omega, a emanação violeta dos Seus Olhos! —

“A estrela banhou de rosa...”

A estrela banhou de rosa a polpa de tuas orelhas
O infinito cobriu a branco de tua nuca a teu ventre
O orvalho marinho arruivou tuas tetas vermelhas
E o homem sangrou o negro a teu flanco eminente...



PIER PAOLO PASOLINI, AMADO MIO.

Quando faço um filme, sinto-me fascinado perante um objecto, uma coisa, um rosto, olhares, uma paisagem, como se se tratasse de um instrumento em que o sagrado estivesse na eminência de uma explosão.

P.P. Pasolini (conversas com Jean Dufлот)

*A saída para a eternidade
não é este amor preconcebido e prematuro.
Só permanecendo no Inferno
com marmórea vontade de o entender
se pode buscar a salvação.
Uma sociedade destinada a perder-se
força é que se perca:
Uma pessoa não.*

*João Benárd da Costa in
"Pasolini ciclo anos 60"*

A POCILGA... Sandra Pereira

Dois cenários compõem o filme. Um tremendo deserto inóspito, onde aqui e acolá se podem ver gigantescos ossos, talvez de possessos animais. Ao longe, as montanhas ameaçam constantemente o espectador com os seus ácidos corrosivos, numa ansiosa lentidão. Do nada, surgem poderosos exércitos brancos, que se assemelham a antigos cruzados, avançando para combater um mundo fora de si.

O palácio onde vive o Industrial rico e a sua família é o símbolo da condição suína, e do seu abastamento. Aqui, o mundo exacerbado e vil é retratado com calma solidez, onde o cómico das situações de impossibilidade nos mostra afinal, um mundo imperfeito e grotesco.

É o ridículo dos excessos, a massificação do pensamento.

Chega-se à conclusão que é necessário combater o absolutismo, o absolutismo que entorpece a ideia. Pierre Clementi é o actor principal, encarna o papel do filho obediente que se revolta... "Matei o meu pai e a minha mãe, comi carne humana e estou a tremer de alegria", o canibalismo assume alegoricamente uma forma de rebelião contra o poder, é a voracidade do impossível, de o atingir pela forma mais absurda e agressiva, é um devorar liberdade. "Un enfant terrible" que absorve o real sendo esta a forma mais activa de o mudar.

É... cru, mordaz e cheio de luz.

E eles caminham de torno de um lago, escondem-se e riem-se. São transparentes e cínicos. Fazem jogos e sentam-se no chão a chorar. Têm vestes de meninos ricos mas estão nus, de uma brancura gelada e sonolenta, têm o riso dos bem-aventurados infelizes.

Diremos assim, que no fundo, não queremos ser aspirantes da verdade, apenas temos um egocentrismo que domina tudo e se estamos perdidos num grande palácio é tudo por mera questão de finitude, temos as nossas pequenas vontades, pequenas ânsias. É isso, somos pequenos e porcos e assumimos a nossa nudez. Alguém nos virá buscar, e, talvez um dia, o fraco poder que nos reina, nos quebre as mãos, e aí, Ah!... Partidas em pedaços, deixaremos de ser úteis, em total ociosidade, prontos para criar.

Das crateras se expulsarão os ácidos putrefactos, de uma só cor, e assim começaremos tudo de novo.

Deixarão de existir vácuos nas grandes montanhas, os palácios serão abandonados e finalmente o solo será povoado...

Imagino, assim, que quiseram matar o Antigo Rei, com as suas verdades. Este agora, jaz num cemitério sem cruces, sem flores, debaixo de uma árvore, feita num material qualquer de cor azul.

FINE



NUM LUGAR SOLITÁRIO

Teresa Necho

As portas foram fechadas, qualquer tentativa de voltar atrás é impossível.

Todos os prazeres são ignorados, a desordem instala-se, a espera é eterna só que ninguém aparece. Apenas uma porta se abre sobre um abismo gélido sem fim. As sombras povoam agora as trevas. O dia dos mestres está próximo, uma prova de coragem tem que ser dada para que todos acreditem nas palavras outrora silenciadas.

Levado pela força o corpo vai acorrentado à sua existência, mas o espírito foge e voa, eleva-se na noite. Tudo se torna claro como num sonho, nada agora importa, memórias do passado rasgam o ser interior de alguém.

Tristezas e lágrimas foram perdidas no tempo, um pavor demoníaco cresce dentro da alma. De repente tudo fica coberto por um véu como se fosse uma névoa, tudo muda; muda o ritmo, o estilo, a cena e sem lamentos tenta-se conquistar no esquecimento outras cores e outras sombras sobre as quais se cometeram erros.

Ouve-se um grito, uma voz irada de alguém que pede auxílio.

A confusão do olhar diz tudo, todos os movimentos são coordenados por sombras, uma voz sussurra quando e como actuar. De novo um jogo de sombras aparece, as ruas cruzam-se, a esperança afunda-se, atravessa-se o silêncio sem nenhum movimento, agora a morte é também uma sombra que tenta apanhar alguém, ser sombra de ninguém.

Levado ao engano e atraído por uma força interior segue-se por qualquer caminho sem se saber onde se vai. Tenta-se dar com a saída mas é-se cercado por sombras até que se apodrece jovem.

Uma rua negra parece ser a solução, sem vida segue-se agora por esse caminho.

O cansaço apodera-se do espírito e adormece-se involuntariamente.

Nada é recordado, tudo é estranho. Os ídolos queimam como gelo, a memória é ferida, tudo foi destinado, quem ficará intocável?

Tudo é solidão, com o tempo aparecem os que amam odiando e os que odeiam amando. Cria-se uma atmosfera, parte-se em silêncio, há o perigo do ruído, tenta-se reconstruir os sonhos, mas tudo cai em pedaços. A confusão é uma ilusão, existe ódio próprio.

Vive-se a idade do gelo, em busca de outras saídas as sombras escondem-se através das portas, nada resiste ao gelo. Tudo foi destruído, máscaras foram usadas, a hipocrisia foi provada, a vida é árdua.

O único erro foi cometido, conduziu ao prazer e à dor. Tudo foi arrasado, chama-se pelos mortos, os espelhos partem-se, os imortais ficam e choram com pena de alguém levando consigo a alma para outros sonhos. O medo está por perto, chama dia e noite, a ambição apaga-se, o ódio cresce, a emoção é vaga e o amor tudo separa.

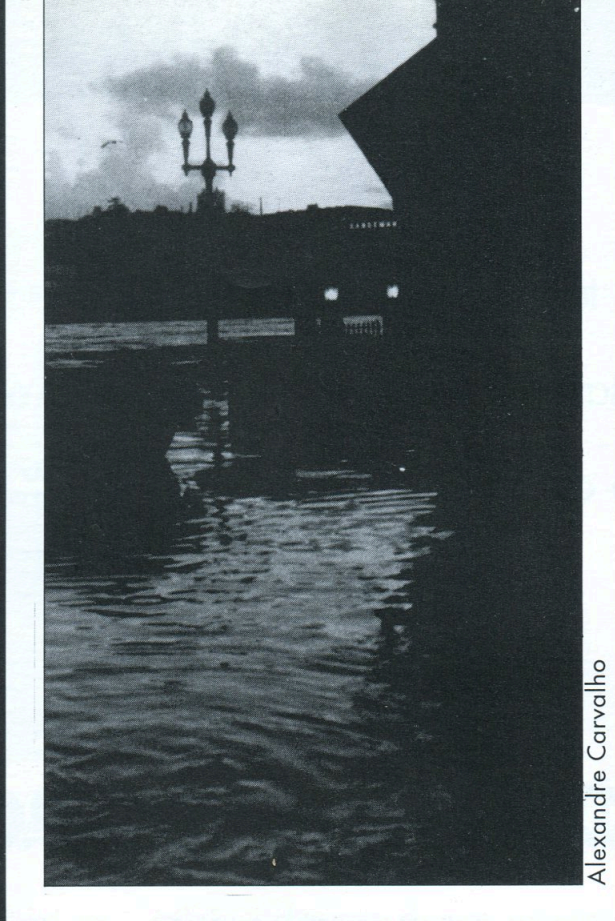
Um selo é colocado, o fim está próximo, o isolamento é eterno. Um grito de auxílio anestesia toda a dor e num esgar frio pressente-se a despedida. Trava-se o duelo final entre o bem e o mal. O coração e a alma fazem parte do passado, o presente já não existe. A sobrevivência é o amor próprio destruído.

Entre as linhas do destino a saída confundiu-se.

Não há palavras ou gestos que expliquem o pavor dos eventos.

O amor por alguém morre um dia em sonhos num lugar solitário.

Apenas é possível ouvir a sua voz se se fizer um pouco de silêncio.



Alexandre Carvalho

Juan Garcia

Nasceu em 1945 em Casablanca, Marrocos.

Logo depois da revolução marroquina, emigra com os seus pais para o Canadá em 1957. Depois de algum tempo numa escola de lingua francesa, prossegue os estudos num colégio inglês.

Em 1965 dirige uma pequena revista, *Passe-Partout* que publicará durante um ano mais de trinta poetas do Quebecue.

Colabora em diversas revistas literárias do Quebecue. A *Action Nationale*, *La Barre du Jour*, *Quoi* e regularmente na revista de Jean-Gruy Pilon, *Liberté*.

Doente dos nervos, desde 1968 faz frequentes estadias nas asilos psiquiátricos. Posteriormente viveu em França dez anos. A poesia é para ele "um acto de amor cuja gratuidade só pode tocar o homem em todas as suas peregrinações espirituais".

NO HOSPITAL

Esta manhã caminhei pelo parque
a loucura tomou-me pela mão
e como de costume saudei as árvores
que se encontram no fundo do meu pensamento
não mais ri desde que estou aqui
existe demasiado ódio na borda dos meus lábios
e aliás eu receio estes momentos
onde se cai no céu por insignificâncias

passei ao lado do senhor Director
ele sabe que por vezes vejo anjos
mas ele nunca me pergunta se vou melhor
sabe muito bem que ninguém é louco
e que não fazemos de propósito em estarmos vivos

ao meio dia Bergeret deu-me pão
estamos sentados desde à séculos
para julgar aqueles que fazem o mal
e também para comer este pão
que nos iluminá as entranhas

amanhã vou-me lembrar que sou um homem
vou deveras passar por cima da minha vida
Deus diz que a corda é o melhor
isso faz mal morrer

mas esta tarde tenho vontade de escrever:
sinto-me como um pássaro desprendendo-se de mim
mas é apenas a minha alma à procura do vento

é apenas o eu prisioneiro do meu corpo
que olha do outro lado do dia

Outubro vem e os transeuntes estão mortos
ao fundo de uma alameda triste onde o silêncio é longo
o sentimento de viver nunca partiu
deste mundo debruado de chuva fina

PACTO COM A MINHA POESIA

Não escreverei mais poemas de ancas finas
não não escreverei mais poemas de respiração doce
como dantes quando era autor de sonhos
acabei para sempre de separar os ventos
e de guiar as minhas palavras sobre umas páginas tão altas
que mesmo o aventureiro aí encontra as trevas
acabei para sempre de assinalar a minha alma
como um fogo vermelho à entrada da noite
apenas direi a estrita verdade
e tanto pior para estas palavras brancas
que os meus lábios pronunciaram sobre o mundo
a propósito da felicidade ou da infelicidade de viver
dantes quando estava esquecido na minha neve
mas eu não quero falar a não ser das árvores do jardim
deixai-me falar-lhes em linguagem de folhas
caminhei tanto tempo sem que viesse o dia
deixai-me saudar as suas sombras na noite

Tradução de José Alvim Pereira

1. Heinrich Klotz, 1977

precisamente dois fios, um nó, vocábulo
histrionico alcança-se a
construção a história, de pé
não se pode, inconsciente, pretender
o brilhante, por paradoxal; retoma-se
o pé e a ordem
pound by pound.

2. Alguém, c. 1920

as cinzas a fénix? ícaro de pé
eu deitado, o ângulo recto
tenho o pénis a 45 polegadas.

3. Hanns Adrian, 1976

a imagem que temos, temos?
a cidade medieval a suserania religiosa
e senhorial. com aquecimento central?
a ostentação burguesa, caracóis de menina,
sem indústria nem bancos de escritório?
certamente a praia o campo pra todos
certamente altos rendimentos democráticos,
[ó faria.

4. Michael Guttenbrunner, 1974

o pesado
no wiener zeitung de ontem é-nos prometido
a nova kärntnerstrasse, um sopro de Viena
antiga. lê-se e espera-se poder
apresentar uma cuidadosa rodilha,
uma atmosfera: isto seria tal um copo de
[tinto.

5. John Ruskin, 1880

ilusões? não.
o tesão tadeu
anaximandro —
tremeu e eu
— ressuscitamos?
belo tesão impossível
e o que é
hoje exequível?

6. Christoph Hackelsberger, 1977

se eu a tua piça na pila de Sócrates
o pino quanto mais sensível, na proporção
o pénis? cuzinhos d'ironia, portanto o
património o umbigo ó cores e construído,
o conteúdo, a plasticidade, original a
[quietude?
imamente. venho-me. -me. também tu?!

(Era tão ingénuo, tão ingénuo, que
pensava — será “desabrochar” tirar o
sexo da boca?) — anónimo séc. XIX.



A. Óscar Morado

HOMENAGEM PÓSTUMA À

Nos anos 70, anos de vanguarda e rebuliço,
alturas de confusões, revoluções e comichões;
anos de ruptura e aberturas sistemáticas de regimes podres e esclerosados como o nosso — quem é que não conhecia a famosa Madalena do Bonjardim? Madalena, era uma senhora de longos cabelos, olhar poético, alta e robusta, sobranceiras à Cunhal e uma boca grande e larga à fadista.

O seu “modus vivendi”, consistia em engolir carinhosamente dezenas de caralhos por dia. Broches feitos por encomenda a preços módicos de 20\$00, ou o velho souvenir daquelas folhas de couve verdes, ou dos santos antoninhos de Lisboa...

Os clientes, esperavam ansiosamente a sua hora de ejaculação aspirada, ou o vulgar lava-pescoço cidadão. (Naquele tempo ainda não tinham surgido os bancos de esperma oficiais). Por vezes, a velha casa da rua do Bonjardim, mais parecia a Caixa de Previdência, tal era a urgência das consultas e as enormes bichas de espera. (O fado do IRS “não venhas tarde”, estava longe de ser inventado...).

Não havia marcação de lugares ou fichas próprias como nos Bancos estatizados, mas uma velha magrinha com puxo de Jeová e focinho de Pide, que ia registando as entradas e anotava visualmente os clientes mais aflitos.

A clientela, sobretudo aos fins de semana, invadia literalmente a casa de Madalena. Eram militares, funcionários da CP, padeiros, serralheiros, carniciei-

ros, boletineiros, trolhas, empregados de escritório, músicos, poetas, professores, doutores, vereadores, dentistas, estudantes, despachantes, desempregados, vadios, ladrões, azeiteiros, carteiristas, calistas, portistas, salgueiristas, benfiquistas, e até marcelistas — era um “vê-se-te-avias” anónimo, de homens que coçavam constantemente os tomates da necessidade, aflitos e angustiados, esperando desesperadamente pelas artes bocais de Madalena. Ela surgia solene e austera, no cimo das escadas, com o seu rôbe branco-sujo, e clamava no seu ritual (voz off) — “o sr. que se segue!”

Descendo as calças solícitas, o mancebo empunhava ali sobre a sua cama de ferros, o seu sexo desejoso de prazer. Madalena beijava-o como se fosse seu filho e metia-o sofregamente na sua boca, com uma arte que a tornara famosa aqui & além mar. (Os emigrantes transportavam o seu nome e as suas virtudes para os 4 cantos do mundo). Era extremamente cautelosa e dura — não admitia p. ex., que algum cliente mais atrevido lhe apalpassse os seus seios enormes —, tinha uma aversão e um certo pudor a esse gesto, que ela considerava nefasto e horrendo. Ela comandava os homens nos seus desejos, mas não admitia intromissões no seu corpo, para além da sua arte naïf e bocal. Naquele quarto com retratos da sagrada família e com santinhos para todos os gostos, mexiam-se por entre as pernas dos clientes, alguns gatos de estimação. Madalena tinha amores por estes bichanos, e deixava-os livremente a bugiar por tudo

7. H. Forster, 1946

também, muito obrigado, pois
que afastar o génio, infernos,
o rosto meigo ao longo dos séculos
exige planos. assim se mantenha.

8. Karl Kraus, 1912

Tenho a obrigação de vos
manter calados. Calados! A desilusão,
Estetas, Viena antiga foi
Em tempos Nova.



A. Óscar Morado

MADALENA DO BONJARDIM

Simões

quanto era canto.

Depois de "brochear" alguns clientes, raramente se esquecia de fazer festas nas "tolinhas" dos gatinhos, enquanto despejava sorratamente, o balde preto de esmalte, com litros de esperma, pela sanita abaixo, rumo às águas mansas do Douro. Nos dias de maior movimento, e enquanto aguardavam pela sua vez, os clientes aproveitavam para jogarem "à sueca ou a bisca-dos-nove" com o Tone-Corcunda, figura típica da casa e moço de recados da Madalena.

Naquelas alturas, apareciam por lá os valentões e os machos d'Areosa — era o Marques Vidraceiro, que vencia todas as apostas, ao partir nozes com a ponta do seu enorme sexo, em cima da mesa da sala de jantar; era o Zé Bola, que colocava o seu enorme colhão dentro duma tijela da sopa, e era ainda o famoso Rui Coxo, que entrava de muletas, peidando-se ao ritmo de twist ou do "chá-chá-chá", alegrando aquele ambiente de espera e de tensão.

Com a Revolução de Abril, e com a forte concorrência que se fez sentir no sector da "brochelandia nacional (anote-se o forte desenvolvimento nesta matéria e as estatísticas da Via Norte, Caldeireiros, Valongo, Matosinhos, Alegria, Coelho Neto, Santos Pousada, Fábrica e Galeria de Paris), a velha Madalena foi-se marginalizando, e só consolava o seu moço de recados e os seus gatos amestrados.

Vivia mais tarde com uma misera pensão de sobrevivência, no Palacete dos Pestanas, junto do

Tone-Corcunda, e cercada por carradas de retornados que dançavam o rock and roll e o crioulo...

Já nos finais da sua existência, aparecia junto à Ordem da Trindade para buscar a sua sopa, e confraternizar com as toupeiras da cidade contando as suas tragédias e consumições. Arrastava-se penosamente pelos becos da Sé, filtrava os olhares pelos tomates do cavalo do Vimara Peres e sonhava com os seus tempos áureos e luminosos. As suas roupas estavam nauseabundas, os cabelos brancos desalinados, e um olhar atônito e caótico, predestinavam-lhe uma morte anunciada. Era uma velha em crucificação constante com a vida. Fez a felicidade e o prazer de centenas de homens, esses mesmos, que agora a deixavam completamente à margem, abandonada e doente, à espera da morte nas lajes frias dos passeios do Bonjardim ou nos subterrâneos da Praça.

Alguns anos após a sua morte, o Ateneu Comercial, os Fenianos e os amigos do Ginjal, apoiados pelas forças vivas desta cidade, pensaram em organizar uma homenagem póstuma com um busto apropriado, à diva, que fez o prazer dos homens que hoje são ilustres figuras do Porto e respeitáveis chefes de família. A homenagem terá lugar algures numa praça do Bonjardim, e na inauguração de tal facto (descerrando assim o busto de Madalena a fazer um lauto broche a um anónimo cidadão), prevê-se a presença do Papa e do bispo de Braga que estarão de visita à capital do Norte em Maio próximo.

11. Mies van der Rohe, 1923

uma vontade d'ágora é arte especialmente viva, mutante, não o ontem nem a manhã, Aurora. constrói e realiza-te, tarefa pró e aposta os meios Josefina.

12. J.P. Oud, 1921

O verdadeiro valor da tradição, a arte exprime a intensa idade o sentido da vida — uma noção clara, tradição significativa — antes rebelar-se do que submetida.

13. Karl Friedrich Schinkel, 1835

Sempre que realmente Algo novo está-se Vivo, sente-se. Segurança Efectiva. Duvide, portanto, Já que existe. Vitalidade ou Morte morrida.

14. Hans Kammerer, 1979

ão árbitro sem apito, resição rar e instãoremos, obrigados com os resultados; mas ã arte não é ô meu í'migo, por que contraproducentes, Tu Em Mangas De Camisa, uma forma para olhar de cima, fanática. e a nostalgia. ã. e o umbigo. ô. a e i o u.

15. Rudolf Hillebrecht, 1976

a construção na cidade antiga, ligações de vício, amava-os com hierarquia, ó vós espaço criativo. hoje, hoje também quero saltar-te ao pito.

C. Luís Bessa.

dez. 1989 - jan. 1991

9. Theodor W. Adorno, 1966

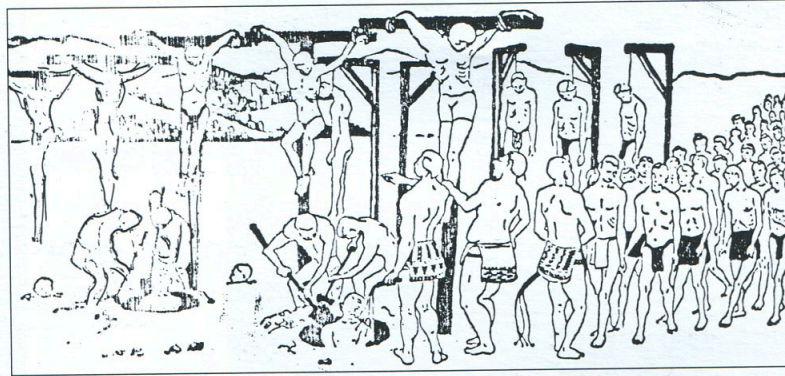
a tradição, a ser desenvolvida, corresponde ela irradia, como a novidade da luz não é nenhuma empatia ou parentesco, um distanciamento para voltar a. amanda-lhe.

10. Auguste Rodin, 1920

Vida em arte em vida Não reconstitui o Passado. Mas o Inimigo, muitos pontinhos.

KORDAX

A. Dasilva O.



Sólido, Líquido e Gasoso, estão sentados no cimo de cada escadote, que representa um altar. Estão de frente uns para os outros. Os escadotes estão dispostos a formarem um círculo, no centro do local de representação. As personagens têm vestido uma bata branca, onde está inscrito o nome respectivo de cada estado. Têm a mesma altura e idade. Os figurantes, estão espalhados pelo local de representação, fora do círculo, estão vestidos com batas, onde está inscrito o nome de filósofos.

Líquido, para Sólido

Estás a ver? Não querias crer. Os gajos vão ganhar. Uma autêntica calamidade. Onde está a fé?

Sólido, nervoso

Está calado. Não delires. Vê com atenção. (grita) Porque é que o treinador, não tira aquele gajo? O tipo está ali a estorvar. (pausa) Isto ainda me mata.

Gasoso, pensativo

És cardíaco?

Sólido

És cardíaco? Tens cada uma! Não tens olhos na cara? Não estás a ver que não é uma questão de ser cardíaco, mas sim um problema que nos deve preocupar a todos. A todos.

Gasoso

Não estou a ver que seja um problemas de todos para todos. Mas de algo que te preocupa em particular. E a resolução só a ti te pode preocupar. Logo faz pensar qualquer um que não estás bem.

Líquido

Atenção. Muita atenção. O tipo vai matar. Tinha ou não tinha razão? Está-lhe no sangue. Ele deseja a morte a qualquer preço. Agora, não percebo, para que esse desejo doentio se realize, ele tenha que criar o vazio à sua volta.

Gasoso, ergue a mão direita

Eu não vejo qualquer qualidade no tipo. É só brutalidade. Não acredito que ele queira ou deseje ver a morte. Ele é a própria morte. E se a desejar ver tem que se aniquilar.

Sólido, abana a cabeça

Era isso o que queria dizer. Apesar de não estar de acordo, quanto ao ele ser a própria morte. Nesse caso também o somos. Todos nós estamos ligados a um conceito de beleza. Sei lá de peso, também. Enfim de força espiritual...

Líquido, corta

Passa-se algo. Vai alguém de maca. Se não estou enganado é o próprio treinador.

Gasoso

Sim, é o treinador. Deve ter sido quando saiu do banco. Viu-se um objecto...

Sólido

Parece, mas não é. O treinador continua no seu lugar. Deve ter sido

alguém do banco, mas não ele. Eu, pelo menos, consigo distingui-lo bem a esta distância. Mas o jogo continua.

Líquido

Tens razão.

Gasoso

É verdade.

Sólido

É preciso ter muita coragem. Febre de viver. Afinal não passa dum jogo. Um jogo de ideias, onde se tenta ultrapassar o limite do limite. Julgo que estou mais calmo.

Gasoso, cínico

Não disfarces. Apesar de não ser cardiologista, sinto o teu entusiasmo. E isso é perigoso. Passa-se algo de estranho contigo?

Líquido

Não deixa dormir ninguém.

Sólido

Por favor, não me intimidem. Estamos num lugar público.

Líquido, grita

Foi finalmente inutilizado. Não se ergue mais. Grande golpe. Espero que repitam.

Sólido

Rendo-me à evidência. (ri) Nem sempre o sólido tem razão.

Líquido

Estás desculpado. Ao fim e ao cabo, força não nos falta.

Gasoso

Calma. Calma. Afinal ele ainda mexe.

Líquido e Sólido, intrigados

Não pode ser?! Não pode ser?! Incrível?!

Gasoso

E afinal a confusão foi a de que a pessoa que ia de maca, levava o sobretudo do treinador. Afinal era a mulher do tipo.

Sólido

Interessante espectáculo este.

Líquido

Isto não é espectáculo. É tudo menos espectáculo.

Sólido

Não vamos recomeçar. Não estou com cabeça para começar de novo a especular contigo.

Líquido, *ergue-se*

Kant foi o mais belo criminoso do pensamento. (pausa) Sim. E depois? Ouve lá, esta frase é tua?

Sólido

Não me chateies. Quero ver o resto.

Líquido, *tira do bolso uma pedra e atira-a a Sólido*

Onde está a fé? Esta também é tua, não é?

Gasoso

É sempre a mesma merda. Como sabes que a tua equipa não tem soluções. Começas a meter nojo.

Líquido, *tira outra pedra e atira-a a Gasoso*

Cala-te e Cala-te. É claro que a minha equipa não tem soluções. Quem é que as tem? Todos nós sabemos que nenhuma equipa tem soluções, nesta altura do campeonato.

Gasoso, *tira uma pedra do bolso e atira-a a Líquido*

Foi por pouco. Afinal não estou tão mal como isso.

Sólido, *enervado*

Parem lá com isso! Que chatice! Já não se pode estar um pouco descansado.

Líquido, *para Gasoso*

Dá-me para (faz sinal para Sólido)

Gasoso, *tira outra pedra do bolso e faz o gesto que a vai dar a Líquido e atira-a a Sólido, acertando-lhe na cabeça.*

Não fui eu. Foi ele. Atenção não quero confusão.

Sólido, *leva a mão à cabeça*

Vocês sabem que não posso ver sangue.

Gasoso, *berra*

Então não vejas. (desce) Aguenta que vejo por ti.

Sólido, *saca do revólver*

Cuidado vejam se não caem, porque o primeiro que se aproximar leva com uma bala no meio dos cornos.

Gasoso, *pára e senta-se*

Que tempos estes. Já não se pode socorrer um amigo.

Líquido, *sobe e senta-se*

Quem é que te arranjou a arma? Aposto que não tens porte?

Gasoso

Afinal, tinha razão. Ele está mesmo dependente. Deve ser dos ácidos.

Líquido

Mais uma vez te dou razão, ilustre pensador. Mas queres apostar que é de plástico?

Sólido, *tira uma maçã do bolso e atira-a a Líquido*

Pega. Se queres testar, força. Coloca-a na cabeça.

Gasoso, *vê Líquido erguer-se*

Meu deus, como sou cínico. Cínico. Cínico. (Sólido dispara) Está Pior? O que queres dar a entender? Sinceramente não estou a compreender?

Sólido

O que é que queres compreender? Bem sabes que tão tenho boa pontaria. Tu mesmo sabes disso. Ou já não te lembras? (para Líquido) Então, estás em condições?

Líquido, *mete a maçã na boca e abre os braços*

Força, sataná!

Gasoso, bate palmas

Bravo! Bravo! Bravo! Pensei que já não tinhas humor. Mais uma vez obrigado. (para Sólido) Não tens aí uma maçã a mais?

Sólido

Maçã, não (tira uma lata de ananás) Tenho ananás, queres?

Gasoso

Gosto mais dos naturais, mas à falta de melhor, agradeço

Sólido, *atira a lata e dispara ao mesmo tempo, várias vezes*

E agora não bates palmas?

Gasoso, *levanta-se com receio e apanha a lata e bebe*

Só acertaste uma vez. A tua pontaria não está bem, assim como... (bebe) É bom. (abre a lata e come)

Líquido

Ainda tens balas?

Sólido

Não. Só me resta uma chocolate (gargalhadas)

Gasoso, *desce e aproxima-se de Sólido que se junta a Líquido*

Posso ver o revólver?

Sólido, *comendo ananás*

Não.

Gasoso

Então, dá-me lá o chocolate.

Sólido, *abana a cabeça*

Não há nada para ninguém.

Sólido, *dá um pontapé na lata*

Estou melhor agora?

Sólido

Não.

Gasoso

Lá está o gajo com as suas crises existenciais. (gargalha) Que irritante. Por falar em irritante, o que é que vocês pensam do discurso de ontem.

Sólido, *dá uns pontapés na lata*

Nada de especial. (Pausa) Já discursou melhor. Pareceu-me um pouco nervoso.

Líquido, *senta-se nos primeiros degraus do escadote mais próximo. Acende um cigarro*

De que falais?

Sólido, *corre em ziguezague*

Falámos da morte. (repete várias vezes) Não ouviste o seu discurso?

Gasoso, *sobe o escadote*

Falou! Não. Discursou sobre a irracionalidade. Sabes o que isso é? Disse que nós, a sua natureza, somos irracionais. Sabias? E que toda a gente abomina a irracionalidade. Logo tenta descobrir em nós a lógica desse labirinto pensante que é a arte. A arte não deixa as pessoas morrerem (pára no cimo do escadote) Acho que vou vomitar. Estou com vertigens.

Sólido, *pára e estende os braços*

Vem a mim, meu irracional que não deixas morrer as pessoas em paz. Vem a meus braços...

Gasoso, *com as mãos na cabeça*

Estou com a tensão em baixo. Estou a ver tudo à roda. Fora de brincadeiras. Ajudem-me senão caio e eu não sei cair.

Líquido, *esmaga o cigarro com o pé*

Eu bem te disse para comeres qualquer coisa (sobe o escadote) Aguenta. Não deves pensar tanto. És muito metafísico.

Gasoso, empurra Líquido que cai nos braços de Sólido

Sabes quem inventou a metafísica? Quem és tu para me tentares salvar? E salvar de quê?

Sólido, deambula até cair

És mais pesado. Porra. Quanto é que pesas?

Líquido, ergue-se

Não sei. Já não me peso há um ano... sei lá.

Gasoso

E há quanto tempo não te lavas?

Líquido, encara-o e pegando na lata atira-lhe

Quem não se lava és tu.

Gasoso

Que falta de pontaria. Por alguma razão vegetas de ratos. Mas voltando à pergunta: quem é que criou o universo?

Sólido, estirado no chão

O inconsciente.

Líquido, bate palmas

Bravo. Tem direito a um computador (dá um pontapé no Sólido). Mais, porque tem direito... (tenta dar outro pontapé, mas Sólido agarra-lhe o pé) Ei pá. Não queres mais? Prontos, não se discute. Tira lá as patas (cai e Sólido prende-o. Tenta-lhe tirar a bata) Não faças isso. Tem em conta os milhares de mortos. Os feridos. As famílias. Certo. Sai de cima. Queres a minha bata? Era uma boa trocarmos de bata?

Gasoso

Não contem comigo.

Líquido, baixo

Ouviste o que ele disse? E se o fizéssemos mudar de ideias?

Sólido, sai de cima de Líquido e corre para o escadote de Gasoso

Nem é tarde. Nem é cedo. Ataca daquele lado

Gasoso, ergue os braços

Calma. Calma. (senta-se) Algo de mais importante está a acontecer. Não estão interessados? (pausa) Maravilha.

Sólido, sobe dois degraus do escadote de Gasoso.

Não estou a ver nada.

Líquido, sobe dois degraus do escadote de Gasoso do lado simétrico. Arranja a bata ainda desabotoada.

O que é que disseste?

Gasoso

Como é possível? Se subirem ao vosso escadote, tereis oportunidade de apreciar o jogo.

Líquido, para Sólido

Como é, atacamos?

Sólido, desce

Pensando melhor. Pensando melhor (sobe o escadote) Ora então o que é que se passa, meu caro, de tão importante?

Líquido, sobe

Isto é intolerável. Simplesmente intolerável (aproxima-se de Gasoso. Este agarra-o pelo cabelo) Tu és maluco. Porra. Larga o cabelo. É uma ordem.

Gasoso, sem largar o cabelo

É uma ordem? Que ordem? (gargalha) Queres dar ordens a quem? Eu que te vi nascer. (para Sólido) Não chegaste a andar com ele ao colo? (Líquido tenta dar um murro) Tem calma, meu caro. Não te estou a conhecer. Que paciência. Estás com medo de não conseguir os teus intentos malignos? Aquele gajo, o que é que lhe deu. Estás a gostar do espectáculo? (Sólido faz-lhe o manguito) Estás a ver o que lhe aconteceu?

Líquido

Quanto te chatiares, acorda-me

Gasoso

O que é que te trouxe cá? já não estás interessado no meu fogo? (empurra-o) Tem cuidado, andas a deixar cair muito cabelo.

Líquido, no chão

Sabeis quem inventou a metafísica? (pausa) Metafísica? Não. Não era metafísica que eu queria dizer. Acho que vou vomitar.

Sólido

Era favor, saires da frente. És muito baixo para espelho

Líquido

O que é que tu queres ver? Estou em cima de algo de interesse (levanta-se) Não. Não vejo nada de interesse.

Gasoso

Precisas de ir ao oftalmologista. Se quiseres posso arranjar-te um muito bom. Foi ele que me receitou estas lentes de contacto. Sempre é melhor que andar com aquela armação toda.

Líquido

Que ambiente este. (olha para o relógio) Ainda não está na hora (senta-se a fumar um cigarro) Como é que aquilo foi acontecer?

Sólido

Podes aranzar-me um?

Líquido

Foi o último.

Sólido

Estás chatiado comigo? Mas mais tarde vais dar-me razão.

Gasoso

Muito bem, meu caro. Não sabia dessa tua faceta de moralista. Está na moda ser consciente. Ser obediente. (Líquido levanta-se e começa a abanar o mais que pode ao escadote) O que é que foi?

Líquido, pára

Estás a ver o que é a metafísica.

Sólido

Por outras palavras, foi o que eu disse. Por exemplo se abanasses o meu escadote, já não era um exemplo metafísico (Líquido vem em sua direcção) Nem tentes. (saca da pistola) Olha que ainda tenho um bala.

Líquido, avançando

Porquê esse histerismo todo? (tira o cigarro da boca) Queres acabar?

Sólido, desce para pegar o cigarro

Só quero dar uma **passa** (Líquido puxa-o e saca-lhe a pistola) Eu vi logo que não vinhas em missão de paz. (para Gasoso) Contas os mortos e feridos?

Líquido, olhando a pistola

Afinal não tinhas mais balas.

Sólido, pega no revólver

Para quê? Estás deprimido?

Gasoso

Porque é que toda a gente abomina a irracionalidade, se todos se adornam, à falta de melhor tema, para isso, nos labirintos da racionalidade?

Líquido

Onde é que eu já li isso?

Sólido, histérico

Perdi a memória. Quem sou eu? Um poste de iluminação? Vou-me suicidar.

Liquido

Isso já não funciona. Por isso peço-te um pouco de silêncio. Olha bem para mim. Bem no fundo dos meus olhos. Estás a ver? Tudo isso acabou. Ainda agora chegaste já te vais suicidar?

Gasoso

Deixa lá o gajo. Se se quer suicidar, bom proveito.

Sólido, a passo de marcha

Isto é intolerável. Isto é intolerável. (pausa) Acho que vou vomitar (sobe ao escadote. Desce pelo outro lado. Sobe ao outro escadote. Desce. Liquido vai em sua perseguição. Sobe. Desce. Gasoso desce e sobe o escadote) Trabalho. Casa. Casa. Trabalho... (repete várias vezes)

Liquido

Paz. Amor (repete várias vezes)

Gasoso, tal como Liquido e Sólido, continua em fila indiana, em círculo, a subir e a descer os escadotes, durante cinco minutos.

Pára. Limpa o suor.

Desculpem... mas... não consigo (senta-se nos degraus do escadote) Já lá vai o tempo. Não posso perder mais tempo. (faz exercícios de respiração) Nem respirar consigo. (Sólido aproxima-se) Ó pá, por favor.

Sólido, atira-o ao chão e continua

Casa. Trabalho. Casa. (...)

Gasoso, no chão grita

A memória. O rigor. Práxis ou loucura. (Pausa) Estou com uma sede terrível. Quem me paga uma cerveja? (Sólido e Liquido continuam a marchar e a declamar) Estou insuportável. Quero luz. Luz. Luz. (levanta-se irritado e deita os escadotes ao chão)

Liquido, pára

O que é que se passa?

Sólido, pára

Sim. O que é que se passa?

Gasoso

Desculpem. Estou confuso. (gesticula) Fiz. Está feito. (desmaia)

Sólido, aproxima-se e começa a fazer-lhe respiração

boca a boca

Ajuda aí. Tenho a impressão que vai...

Liquido, ajoelha-se e desaperda a bata a Gasoso

Que fedor. O tipo já não se lava...

Sólido, irritado

És sempre o mesmo. Não vês que não tem nada a ver. (começa a chorar) Não vês que...

Liquido, tira a sua bata

Tenho uma ideia. Ajuda aí. (tira a bata a Gasoso e veste-lhe a dele) Prontos.

Sólido, faz respiração boca a boca

Tinhas razão. Está a vir a si. (olha para Gasoso) Juro-te.

Gasoso

Não digas nada.

Liquido, grita como se tivesse acordado dum pesadelo

Quero Luz. Não encontro luz em mim. Só fogo. Um fogo horrível.

Sólido, limpa-lhe o suor

Calma. O pior já passou.

Liquido, senta-se

O que é que se passa?

Gasoso

O que se passa perguntámos nós um momento para o outro... ?

(gesticula).

Liquido

Que pesadelo horrível. Nem sei como vos explicar. (olha em volta) Fui eu que... ?

Gasoso

Não. (pausa) Fomos nós.

Sólido, ergue-se

Parece que estás pronto para outra. Ainda bem.

Liquido

Sinto a cabeça a andar à roda. Que coisa mais esquisita. (olha para a lata de conserva. Levanta-se e pega nela) Ótimo ainda tem uma.

Gasoso

Não bebas o líquido que pode estar estragado, nem é aconselhável.

Liquido, come

É pena só ter uma. De qualquer maneira já dá conforto a um gajo (arrota).

Sólido, pega num escadote e levanta-o em peso

O que é memória? Raciocínio? Loucura? (caminha até ao centro e ergue-o) Que coisa. Não há mais nada para falar. Não há comunicação. Não há diálogo.

Gasoso, pega noutra escadote

Calma, meu caro. Não voltemos a cometer os mesmos erros. O que tu estás a dizer é slogans. Palavras sem significado. Coragem.

Liquido, dá um pontapé na lata

Coragem. É isso. Era sobre coragem que estava a sonhar à pouco. É engraçado.

Sólido

Onde vais colocar esse escadote?

Gasoso

Boa pergunta. Em principio, peguei simplesmente nele. Há algum mal nisso?

Liquido

Se fosse eu, colocava-o ali ao fundo.

Sólido

Mas isso é infinito

Liquido

Não se confunda infinito com o limbo.

Gasoso, aproxima-se do escadote erguido e encosta o outro escadote.

Prontos. (limpa as mãos à bata) Estou exausto. Ninguém pega naquele?

Liquido

Para quê?

Gasoso, enrolhe os ombros

Pois. Para quê?

Sólido

Estava aqui a pensar no discurso de ontem à noite. Vocês recordam-se daquela parte. (procura nos bolsos) Está aqui. Cheguei a tomar nota. O que é que vocês dizem a isto. (ergue a voz forte. Gesticula) Não há diálogo possível, senão, não existíamos.

Liquido

Até certo ponto estou de acordo. Mas o que é que isso tem a ver com o escadote.

Sólido

Não tem nada a ver uma coisa, com a outra.

Gasoso

Onde é que eu já vi este *filme*. (gargalha) Que conversa esta. Não há mais para falar? Qual a razão desta tortura? Desta dificuldade de compreender a beleza das coisas?

Sólido

Mas tens que compreender que é essa a nossa função. O nosso dever. O nosso dever elementar. É essa a palavra. A minha profissão é parar. Mas o discurso que a Morte proferiu ontem deixou-me intrigado nesse mesmo sentido. Foi por isso que destaquei aquele raciocínio.

Líquido

Continuo a afirmar que não passámos de depoentes. E nesse sentido temos que ser rigorosos. Não podemos dar ouvidos (cai um dicionário) O que foi isto? (pega no livro) Um dicionário?

Gasoso, pega no dicionário. **Sólido** olha para todos os cantos.

Um dicionário. Alguém nos está a ouvir (começa a chover livros de todas as direcções. Líquido, Gasoso, Sólido protegem-se sob os escadotes). É de enlouquecer.

Sólido

Calem-se. (pausa) Pareceu-me ouvir alguém.

Gasoso

Não ouvi nada.

Líquido

Para mim é a Morte (riem)

Sólido, sai dos escadotes

Julgo que não vem mais nada. (corre para os escadotes. Cai mais livros) Porra. Quase que levava com um na cabeça.

Gasoso

Alguém está a brincar connosco. (sai e começa a pontapear os dicionários) É só dicionários. (pega num e outro, abre-os) E são da mesma edição. Lembro-me que foi com este dicionário que aprendi a ler e a escrever.

Líquido, conta-os com o polegar

Ainda são bastantes.

Sólido

Sou capaz de estar de acordo contigo. deve ter sido a Morte. Se não estou em erro. Ela tinha uma editora... E deve querer livrar-se destes excedentes.

Líquido

Lá estás tu com os teus academismos. Mas é uma hipótese como outra qualquer. Agora queria saber, o que é que vamos fazer a tanto livro?

Gasoso

Tens razão. Mas eu estou exausto e não me ocorre ideia nenhuma.

Líquido

Podíamos pegar fogo a isto tudo?

Sólido

Não. Fogo não. Acho isso uma estupidez. (aproxima-se do escadote que está no chão e levanta-o) Julgo que não devíamos pensar bem (sobe o escadote) fazer uma fogueira não tem senso (senta-se no cimo). Não sei. Mas fogo não. Desde miudo que tenho medo.

Líquido

Assim, numa contagem por alto, são uns duzentos. Não temos espaço para guardar tanto livro.

Gasoso, abre ao acaso, o dicionário. Lê pausadamente

Depradação, quer dizer, "pilhagem; acção de depredar; prevaricação cometida na administração de quaisquer bens." Aqui está, meus caros. Está ou pode estar a justificação de semelhante fenómeno. (avança uma folha ao acaso) Ou pode ser esta a justificação: Gagau. Sabem que é gagau? Calma "é um conjunto de ossos de cabrito e hiena, seixos pretos e brancos, e que constitui uma espécie de oráculo". Entendido? Ou querem mais justificações? Em cada palavra aqui registada pode estar contida a explicação.

Líquido

Certo. Mas se são todos iguais, não precisamos deles todos? Podemos ficar com um, cada um, e queimar os outros.

Sólido, pensativo corta

Ou enviá-los para onde eles vieram.

Líquido, bate palmas

Bravo. Bravo.

Gasoso

O problema é que não sabemos donde eles vieram.

Sólido, desce o escadote

Guarda aí três. Os outros mandá-mo-los à sorte.

Líquido

E se eles retornam?

Gasoso, atira um

Não há nada como tentar (correm a esconderem-se nos dois escadotes) Não voltou. (sai e atira outro e outro. Líquido e Sólido fazem o mesmo)

Pano



Fernando Coelho



All Nighth Long

A linguagem dos corpos

Representar a dança no seu habitat é a sua tarefa. São os animadores das discotecas nas noites portuenses.

Mas quem são no fundo estes jovens que têm a responsabilidade de atear o ambiente? Como o fazem e como chegaram lá? A curiosidade levou-nos a tentar conhecê-los melhor.

O que há por detrás destes corpos que se exibem toda uma noite? Fomos ver e conversar um pouco com dois desses jovens que trabalham numa discoteca do Porto. Eles explicaram-nos o que é ser animador., "Nós temos o ritmo no corpo, é inato".

Luís, 26 anos, angolano, alto, corpo esguio, cabelo curto, calções e luvas à ciclista e uma shirt prateada. Ivo, 22 anos, cabo-verdeano, estatura média, cabelo entrançado, roupas largas e coloridas.

Como nós, também eles estavam um pouco inibidos. Era normal. Não tínhamos um questionário pré-elaborado, mas sabíamos aquelas perguntas triviais, género: como começaram, porquê, quando? Este gelo inicial foi rapidamente quebrado, disseram-nos o óbvio, dançam porque gostam "A dança é a razão



das nossas vidas". Mas as histórias são diferentes.

O Luís é professor de dança Jazz, ballet moderno e trabalha na formação de manequins num conservatório em Santo Tirso. Percebe-se que é bom no que faz, mas ele garante-nos que é o melhor. Veio de Angola há oito anos e já tem um currículo invejável. Fez teatro e orgulha-se de ter sido o primeiro negro a ser convidado pela companhia de teatro D.Maria. Já dançou no Olympia de Paris e no Casino de Estoril. Conta-nos tudo isto gesticulando as mãos bruscamente, mas ao mesmo tempo com delicadeza.

O Ivo começou a dançar há três anos, sempre com a mesma alegria, a sentir a dança como ele diz. Tem a inquietude dos seus 22 anos e demonstra-o, quer a dançar, quer a conversar. Não tem a formação do Luís e o mínimo que pode fazer é criar um estilo próprio, porém não deixa de se inspirar e aprender com o seu companheiro de trabalho.

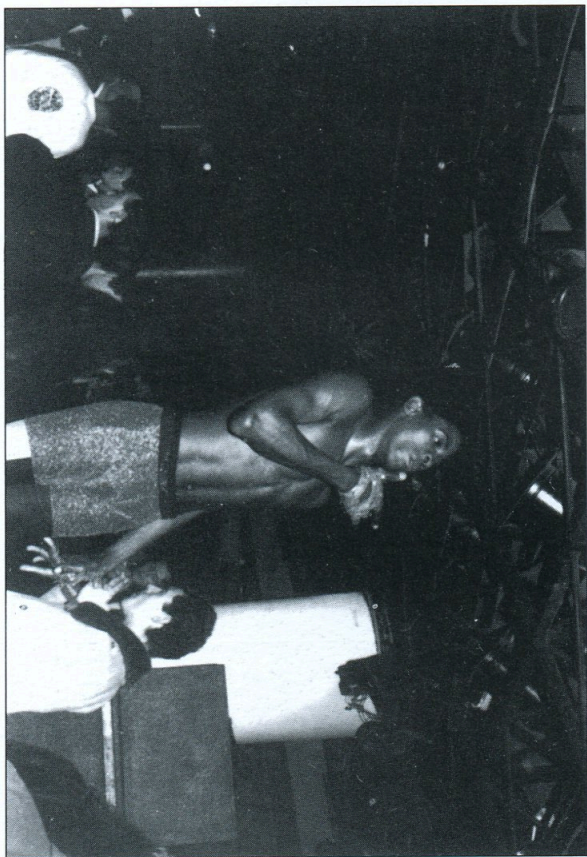
O palco de acção

As pessoas começam a chegar. Aglomeram-se, umas à volta da pista, outras no bar. A bebida descontraí e anima-os. A música torna-se absorvente. Ensaíam-se pequenos e fímidos passos de dança. Numa altura em que o desejo de dançar se torna imperioso, a música de abertura surge respondendo à ansiedade de um a pequena multidão cujo único objectivo parece ser dançar.

Depois da abertura da pista, onde está a iniciativa? Todos esperam os animadores numa atitude de dependência, de um convite formal à dança. A ordem é "mexam-se". E os animadores fazem aquilo que lhes compete. Animam a festa, uma festa em que a música e a dança são indissociáveis.

O ambiente aquece, a casa está quase cheia e aqueles que deviam animar estão já em cima das colunas. A dança ultrapassa todas e quaisquer expectativas.

Para as discotecas é uma nova era. Agora já não é só o ambiente e a boa música que contam, mas também os animadores.



Palavra chave — desinibir

O animador não se limita à dança. A dança, só por si, mesmo bem executada, não é suficiente "para acordar as pessoas", para levá-las a abandonar a pacatez ou o charme absurdo do encosto ao balcão. Eles têm que mexer com as pessoas, directa ou indirectamente, têm que "fazer porcarias... "pôr a mão no sexo", travestirem-se, qualquer coisa, tudo que possa esquentar o ambiente, acelerar a desinibição, provocar sensações, criar naquele pequeno espaço um mundo completamente distinto daquele a que estamos cordialmente habituados.

Há esta componente teatral, talvez a que distingue os bons dos razoáveis, decididamente o que prende a atenção duma audiência participativa.

Uma característica é neles saliente: a aposta forte que fazem no visual. Conjugando com notável eficácia nos trajes cores garridas e a sensualidade da pose que procuram imprimir, a atitude profissional destes bailarinos é por demais evidente. Pretende-se

chocar, provocar, tentar o mais possível atrair a atenção dos presentes, sempre na mira duma reacção àquilo que lhes é apresentado através da dança, reacção essa que poderia ser expressa por dois pontos de vista diferentes: primeiro, o reconhecimento por parte do público das suas reais capacidades e potencialidades, em segundo lugar, da sua parte, a consciência que têm do papel condutor, catalizador mesmo, junto das audiências, procurando pô-las à vontade e incentivando-as a dançar. Esta foi uma postura sempre muito focada pelos dois animadores. Desinibir, é, pois, a palavra-chave.

Mercado de trabalho

Pelo contrário, a inibição é um factor quase sempre presente quando conversámos sobre aspectos relacionados com a contratação ou a formação profissional. Possivelmente devido ao facto da profissão no nosso país ser ainda recente, sem portanto contar com bases sólidas de implantação, é fácil verificarmos a desorganização que reina neste sector da animação profissional. Não existe, portanto, um circuito profissional organizado.

Os contratos são verbais "quem dá mais é quem ganha", não existindo dispositivos legais que protejam o contratado de eventuais irregularidades.

Para esta classe profissional não há legislação, não há sindicatos, não há nada. É a lei da selva. Há os tais contratos verbais, mas até esses por vezes não se cumprem.

Por outro lado, tanto o Luís como o Luís queixam-se da falta de estruturas e de incentivos tendentes a formar novos animadores. Ambos afirmam não haver escolas ou academias dedicadas ao ensino da dança contemporânea em Portugal, ou sequer pessoas interessadas no seu fomento.

Quisemos saber se eles não tinham ambições de grupo, se nunca tinham pensado, por exemplo, em criar uma empresa ou uma escola de formação e colocação de animadores. O Luís ainda esboçou uma ténue tentativa, mas cedo se apercebeu das dificuldades. "As pessoas ficam-se pela vontade... só volto a tentar quando encontrar pessoas com objectivos iguais aos meus".

Por enquanto, vão simplesmente trabalhando, tentando evoluir o mais possível, treinando horas frente ao televisor onde passam os vídeos musicais, observando, copiando, imitando, para que possam tornar seus os passos que vêem no ecrã.

Nesta profissão há que distinguir uma vertente de um certo amadorismo que consiste, cremos, no aproveitar das qualidades de algumas pessoas que desempenham no local de trabalho outro tipo de ocupação.

Há depois, a um outro nível, e com um crescente grau de profissionalismo, aqueles que são disputados num mercado pouco concorrencial.

Ficou no segredo dos deuses ou das danças os aspectos relativos à remuneração, mas ficou-nos a ideia de que, para os bons profissionais, esta é uma actividade compensadora nesse capítulo, não porque nos revelassem quanto ganhavam, mas porque pelo meio da conversa foram cometendo alguns deslizes que nos permitiram tirar esta conclusão. Até por que dançar em pequenos palcos, estrategicamente colocados nas extremidades da pista, 6 a 7 horas, noite dentro, não é pèra doce, ainda para mais com todo aquele fumo. Por isso não bebem nem fumam, de contrário talvez não aguentassem uma hora sem parar no mesmo ritmo frenético, por vezes infernal.

Todo este clima de instabilidade, parece não os preocupar muito. Por um lado as grandes vedetas no meio são relativamente bem pagas, enquanto aqueles, diríamos, semi-profissionais são como que beneficiados pela escassez de concorrência. Há sempre trabalho. Se não for em Portugal, noutros países, Espanha de preferência.

A exemplo de outras profissões, a mão de obra portuguesa é, mais barata, logo há uma acentuada procura, especialmente por parte dos espanhóis. O Luís recebeu um convite de Barcelona e

está a estudar uma proposta de contrato para ir trabalhar em Londres.

E o profissional feminino? Aqui, parece não haver discriminação, mas a verdade é que a mulher dispõe de um benefício em relação ao homem. A natureza do seu corpo confere-lhe uma vantagem indelével. Talvez isso as tenha tornado um pouco preguiçosas, "as mulheres só provocam". Tivemos pena de não poder falar com uma animadora, até para se poder defender desta acusação do Ivo, mas quando assistimos a uma performance feminina, podemos constatar algum grau de veracidade nesta afirmação. O que vimos foi uma meia dúzia de rapazes patetas, aos gritinhos histéricos, quem sabe ajudados pelo álcool, em redor do pequeno palco onde a jovem animadora, alheia às cenas, desempenhava uma dança algo estática, mas que provocava uma tremenda satisfação aos alegres voyeurs.

Exibicionismo eléctrico

Afinal de contas é disto mesmo que se trata, do exibicionismo. Um exibicionismo assumido, por isso desculpável e também por isso admirável.

Contagiar as pessoas com o objectivo de uma uniformização em torno da dança, quando existem inúmeras discrepâncias entre elas, requer um conjunto de técnicas e tácticas que pretendem transmitir um misto de sensações, por vezes contraditórias, o extase, a leveza, mas que giram todas elas em redor de uma imagem provocatória ou no mínimo apelativa. E assim como se, ao entrarmos numa discoteca deparássemos com um Van Gogh ou um Picasso, isto exagerando é claro, mas a verdade é que para além duma característica comunicativa desde logo perceptível no animador, ele é também como que uma peça decorativa, aliás, essencialmente funciona como se o fosse, esse quadro com uma mensagem implícita. Se não bastasse tudo isto, podíamos acrescentar a alta eficácia no desempenho das suas funções.

Enquanto uns se divertem, eles trabalham no duro e no dia seguinte são as olheiras estampadas nos seus rostos a comprovarem precisamente isso, nomeadamente para aqueles que, como o Luís, têm outras ocupações profissionais durante o dia.

Horários trocados, desgaste físico, uma preparação psicológica para suportar críticas e provocações. Tudo isto conjugado, tem como resultado um a vida extremamente cansativa, mas a que eles não viram as costas. E a tal forma de estar na vida, tão vincada em tudo o que transpira deles.

Perspectivas

Perante o panorama actual, é legítimo perguntar: qual o futuro desta profissão? resposta não se nos apresenta fácil. De qualquer maneira, e levando em linha de conta o crescente frenesim da vida nocturna, podemos, vaticinar que este tipo de actividade não se extinguirá a médio prazo. O animador já ocupa um espaço peculiar e indispensável nas discotecas.

Não é crível que este "boom" sofra agora um retrocesso. A tendência será até para um contínuo crescimento, uma vez que novas discotecas abrem frequentemente. Espera-se, para bem da profissão que a qualidade acompanhe a quantidade.

Fazemos votos para que surjam as tais escolas de formação profissional, que se caminhe para um mínimo de estabilidade por forma a permitir um mais elevado grau de profissionalismo. Só assim, talvez, os animadores possam multiplicar perspectivas, sair desse limite até agora imposto pelas portas das discotecas. Fazer espectáculos, tournés, divulgar esta especificidade da dança.

Foi um privilégio conversar com o Luís e o Ivo, ficar a conhecer esta nova profissão nitidamente ligada a um movimento estético em franco crescimento.

Quando acabámos a conversa, não resistimos e fomos vê-los em acção. Vale bem a pena. Injectam-nos de imediato o ritmo nas

pernas e depois o resto do corpo é contagiado. Prestemos-lhes uma pequena homenagem que é simultaneamente uma homenagem à dança. Doravante, vamos passar a exigir a presença dos animadores em todas as discotecas como o antídoto para o amorfismo e a vulgaridade.

Concerteza que sem eles, sem a sua originalidade, as noites perderiam o seu ritmo alucinante, e nós perderíamos um espectáculo dentro do espectáculo.



Luís Sousa

GOLD UND LIEBE

HELIOGÁBALO

POEMA DA FÁCIL CONCORDÂNCIA E DO DESMAIO IMINENTE

Em volta dos dentes a carne volúvel,
Sem ti, solta-se em pedaços:
Nunca era bem aquilo que queria dizer!
Antes que penses já nos lábios se estreitam
E ris, heliocentro de ti.
Eis onde estás: a tua órbita é cega!
Nem ao teu espelho escapas:
Vês-te, no alto, estátua e líquido?

Tens medo, hausto de ar às golfadas.
A morte tão perto, não lhe toques com o cérebro.
Queima! O que te agitas...
À superfície, sempre, lutas muito —
Ó subtil medroso do deslize!
Onde está o teu sangue? Gritas por dentro
Ao asqueroso monstro que to chupa.

O prego na porta, o vermelho da letra
Agarra-te. Só aí tens sangue,
Preso aos olhos pelas coisas.
Vêem-te branco e verde nas órbitas,
Tremem por ti, sente-los?
Que sorriso branco de cadáver...
Os Deuses e os Monstros disputam o teu sangue.
Eis-te no pântano deitado
e o desgosto anavalha-te a voz.

Nas tuas costas, o verde e negro precipício.
Que temes do grito do vácuo?
Que, aos teus ouvidos, rebente em
pus e cartilagens? Que esperavas?
que ao branco limpo da ternura
sobrevivessem, de expiação, dentes amargos
que te confirmassem o destino?

POEMA DO HORROR DO VÁCUO

Ondeias a mão como um pombo doente.

É preciso que cantes os fracos elos
Em que, entre ti tecido, te ergues e balanças
À porta do que não sabes se esperas.
Porque não cantas, ser seguro enfraquece-te?

Que metáforas multiplicas à tua volta
Para outros olhos? Ouve: faz do que te foge
Aquilo a que te agarras. As máximas
Encurtam o teu tempo e simplificam-no.

Mas, como do vácuo, foge-te o alo do simples



POEMA DA PORTA QUASE ABERTA

Ouve-los tão mal que a ti se chegam
E dizem: e também riem nos gestos.
Procurá-la quando a porta se abre.
Para lá das portas, sempre, vives dos olhos!
Mas agora a luz é crua e já é noite.

Vais-te embora, o ar tem rasgões de nervoso;
Torna-se tarde para esbracejar.
Afoga-te ou grita, mas nisto sê sereno,
Que nos olhos dela brilhaste um breve segundo.
Que te importa, agora, que te enganes?

Citaste uma parábola com mar e portos
Mas estás sempre nas orlas e só o enjoo
Te ameaça com a súbita estalada fria da água.
Porque não ceder-lhe? Ou achas que os gritos
Iluminariam tudo com um clarão de pânico?

CREPUSCULO

Assusta-los, é o sangue que te foge.
Dança-te, maquinal, o pé
(Que frágil âncora!)
De encontro ao coágulo entre ti e o lençol.
Dizem-te que brilham negro os teus olhos
E aí os tens que esperam de ti revelações
De morte ou despertar:
Ondeias a mão como um pombo doente
Numa desfocada câmara lenta.

O ar, a madeira, foges das tuas ideias
Do ralo aberto que te puxa e horroriza.
Tens medo, hausto de ar às golfadas;
Onde está o teu sangue? Gritas por dentro
Ao monstro branco que to chupa.
No sorriso transparente do cadáver
O desgosto anavalha-te a voz —
Sussuro vindo já do outro lado.

POEMA DA SEDUÇÃO

Convida-la para o jogo de que não
Percebe as regras... Ah, a dúvida é
Sempre uma infinita paisagem...

Diz-te aquilo que queres, talvez para que disso fujas,
Simplifica-te o vício de propósito
E tu negas, teces a tua teia com método,
Em cada gesto medida: para quê tanto cálculo?
Cartilha de canalha e dedos de vento!

E se ela, num salto, se erguesse,
Com os tacões te esmagasse as serpentes dos dedos,
Te rebentasse na boca em sangue e gritos,
Te estoirasse a cara no vidro frio
Com que filigranas, caçador, a arma apontada?

Porque caças e procuras, disso são os teus fios,
E ela neles se esfolia surpresa e táctil!

Mais frio, que não trema o arco,
Quem sabe de que sombria árvore
Faria a tua seta saltar a linfa?

A pétala jovem seria mordida e despedaçada?

FLUO

Só a vês de olhos cerrados ou, do escuro,
Luminosas telas do teu hábito
E a mão que sobre ela dirige, à distância,
Não pousa na sua pele mas no ar, rarefeito,
Com que incendeias as manhãs.
Que frutos podres desenterrar para dissolver,
Em lágrimas e hiatos,
O anão mau que te tortura a fala
E impede o gesto!

Sala de espelhos, jogo de ecos,
É disso que, só, gritas
Só tu, à tua volta, ressoas
Nas paredes do silêncio.
Que esperavas?
Que ao branco limpo da ternura
Sobrevivessem, de expiação,
Dentes amargos que te confirmassem o destino?

Sombras sem nome escapam-te ao ódio,
Não acusarás ninguém;
Deixaste a boiar no tempo
A cinza e muitas culpas.
Não há nada a fazer,
Sabes a teia em que te agitas.
Não se servem explicações à mesa do momento.

"AQUELES QUE VÃO VIVER..."

Subitamente sobre ti, ferido de morte, pousa o olhar
Que age na tua boca? Que morte te faz sorrir?
A facilidade do gelo embranquece-te a íris;
Lentamente, à tua volta, o vidro ergue-te uma casa
De crueldade e de distância.

Afastam-se. E depois das claras manhãs,
Do roçar vagaroso dos caules na janela?
Basta-te o vento e a certa passagem dos melros?
Ou a nesga branca do tecido entrevista
Na convulsão dos pés que te batem?

Ficarás no torpor a prolongar movimentos
Que não fizeste. Os soluços e a raiva que te atira
Será o resíduo salgado das frágeis coxas
Que, sobre ti, no ar tranquilo, julgas lambar.
Ou pensas que os Deuses te oferecerão a impunidade?

Não têm branduras dessas. Cada gota soluçante
Que derramas, paga-la já em sal e morte.
Porque é isso que vês à tua frente,
Cruel gladiador do abandono.
A rede que te envolve antecipa o punhal.

Sangrarás.

PROJECTO, CRIAÇÃO ENTRE A TEORIA E A DÚVIDA



Pedro Pacheco

“Logo que nos aproximamos da linha tórrida do racional tornamo-nos tímidos, ficamos paralisados, perdemos a imaginação.”
— Eduardo Lourenço

“Durante a tua passagem, terás portanto de acreditar na tua inalienável soberania. — Marguerite Duras

1. Os pequenos truques no quotidiano e o peso jurídico da história, quer se revele mumificada ou jornalisticamente pautada pela dialéctica mestre/escravo, banalmente propõe o dissidendo. As matrizes modernizadas dos espaços circundantes, não se coadunam com o tempo fantasmagórico, efeito exorcista que se inscreve na ocultação dos **objectos de reflexão**. Estes estão simetricamente repartidos pelos milhares (somente na proporcionalidade teórica que o admite) de observações e respectivas teorizações.

Uma questão surge: as teorizações não assentarão na possibilidade de emergência ou afastamento dum único **modo de produção ideológico**?

As concepções quantificáveis, resultantes da óptica formal de

análise, são os níveis dominantes empregues pelo poder (1). Se nalguns teóricos esta perspectiva prevaleceu, tanto mais se revela na emoção da mágica da lógica da revolução, e neste aspecto Althusser mostra-se pertinente ao afirmar que as teses sobre (e da) luta de classes baseiam-se em modelos quase-militares. As informações da burguesia (nos diversos nós górdios do quotidiano) são, neste campo, consuetudinárias, mas os sonhos da esquerda matizam-se num Janus dentro do mito dos limites.

Continua-se a pensar no **neutro** como sendo possível de governo na mais transparente das intenções, recusando-se ver o labirinto da polidez política. Especificamente o Estado é uma “condensação duma relação de forças” (Poulantzas), e actualmente assiste-se a uma modificação da proporção entre “dominação” e “hegemonia” que conduz a formas de ditadura sem hegemonia, isto é, a um declinar da democracia e ao surgimento do estatismo autoritário, adaptando-se um Estado autoritário dominado por uma espécie de tecnoestrutura tabelada pelo **discurso da decisão** (2), contrastando com um Estado de parlamentarismo representativo (3).

No tocante ao “modo de produção soviético” (Samir Amin) e a

um vasto conjunto de formações sociais, cuja especificidade económica não é de forma nenhuma o **tutti quanti** dum viver-se (pese o abuso a que foram sujeitas como modelo para a prática revolucionária ocidental ...), lembremo-nos dos exemplos que engrandeceriam esse **espectro de desilusão** (que o nosso providencialismo reforçou) pelo socialismo ser assim.

Do reconhecimento dos méritos históricos resultou o afastamento crítico, optando-se pelo seguidismo, atrofiador intelectual indelével, e o aval dado à dominação (4), assente em três eixos:

a) de **ordem intensiva** (o **texto** e o **discurso** são assolados pelo **pesado**);

b) de **ordem traumática** (a convivência, não permite o expressar-se uma defesa diferente; é inculcada uma técnica de leitura empirista, super-institucionalizada), e

c) de **ordem patológica** (o universo presente abala-se, mas as **matrizes sensoriais** — os campos logicamente definidos perante um padrão taxinómico revisado hierarquizam-se ficcionisticamente).

A torpe planificação aponta para uma educastração pontificada para ritmos de despersonalização e filtração cada vez maiores. Uma funcionalização do modo de vida, dá a aparência dum **pax augusta**, ecos vindos de longe reforçam este estado. Hodiernos toques de subtilidade dão uma nova forma às palavras do Marquês de Penalva: "Cristo nos manda obediência aos príncipes ainda que sejam discólos". O circuito do poder baseia-se na organização da vida e do corpo, tornando-se este o lugar de aplicação das técnicas; a incorporação da noção de cálculo e organização foi incorporada e incorporando espaços anteriormente marginais. O universo repressivo dilata-se trespassando o vivido, tolhendo a capacidade criadora, pondo o medo como categoria universal a par dum opaca existência (5).

2. A participação criativa numa estrutura **popular** (6), requer uma consciencialização, não num sentido demasiado vulgarizado como centro **difusor de ideias** (7), algo sim, que dialecticamente tente submeter a interpretação coerente todo o universo, isto é, os factos e os processos dos mais diversos tipos, em termos de conjuntura, num espírito de enunciação de relações analógicas entre campos separados por lacunas insolváveis, e não na mais comodista das ocultações — a secundarização tacticamente operante, ou seja os pressupostos militantes existentes apontam para a administração técnica das relações pessoais, fundamentando-se na **verdade peregrina**, espera de pacto estabelecido com uma visão **convencional** do mundo (8 e 8 bis) e um perfeccionismo "informático". Quer dizer: este pressuposto generalizado, antes de favorecer a abertura dum estrutura, na vertente comunicacional, descarna-a, tirando partido das componentes materiais e mentais dos indivíduos, isto como investimento nos seguintes factores:

a) é-nos demasiado penoso constatar que hábitos intelectuais e sociais foram-nos inculcados dum forma anquilosada, urgindo a necessidade de vitimar alguém como garante dum projecto finalista, **finito**;

b) a rapidez das mudanças sociais operadas criou um **lapso de aprendizagem**, as práticas sociais não se coadunam com as "novas" perspectivas abertas, existe um desfazamento temporal/cultural, particularmente sentido na grande gama dos messiânicos; e

c) esta tendência involutiva é suportada pela forma simples de elaboração teórica dos elementos da "massa" dessa mesma operação, assim como a "doutrina" encontra barreiras, a situação é encoberta de forma aparentemente contraditória: dá-se razão aqueles que não possuem **pistas** (hipóteses), mas sim **verdades** (aforismos, etc.).

Pretende-se somente produzir demasiado, exclusivamente, no conjuntural, como diria Henri Lefebvre, idolatrando a segurança, funcionalizando a esperança. Esta tipologia política, empenhada no ilusório uno, bebe as suas origens numa territorialidade maniqueísta, tipicamente ocidental, e num apriorismo imediato.

3. Sabe-se que a toda uma prática religiosa é indispensável a existência de relíquias, estas justificam a continuidade do linguajar e a inserção reprodutiva da espécie no corpo de práticas corporais simbólicas. As homenagens rendidas à purificação (e pureza amorosa) de alguém são a industrialização da tranquilidade discursiva e a apolagética das taxinomias dos vivos, já que os mortos

por se inserirem num quadro de retorno, apontam o **para-lá** que os vivos (somente alguns entre os vivos) devem estoicamente continuar; a Aristóteles talvez lhe tenha fugido o céu (a lei e a ciência).

Ao prazer opõe-se a ética, isto é que a proximidade é o antípoda da distância ou que os dicionários dos léxicos socialmente validados dão a proveniência dos processos (**os outros**) como integrantes numa inconsciência, numa natureza. Estes sujeitos seriam a promiscuidade, o continente do **nú** (9), da festa. Os desperdícios e as aberrações. "No Egipto as mulheres urinam de pé e os homens acocorados" (Heródoto).

As ocorrências no governo dos civis não ignoram de forma alguma as práticas materiais e os corpos práticos, profundamente moleculares. Os corpos defectam, sonham, comem, digerem, gozam, mas estabelecem relações imaginárias com os fantasmas: doença, etc., tornando-se espartilhados enquanto projecto vivo e des-codificante, dum pretensão equilíbrio estabelecido entre a sua origem (e propriedades) biológicas e as inculcações culturais de que vai ser objecto, para tanto quer-se somente apontar dois casos: o arranque de Rousseau numa previsão ideológica em torno da criança: a boa criança (a ideal) é uma criança morta, criada com a razão do homem civilizado; ideologia segregadora e sistema de infância caminham com a tríade - escola - prisão - asilo, em cujo écran se desenvolve uma comédia sem duplo. A preguiça aí está para demonstrar a ineficiência da instituição (ou do seu imaginário social). As "técnicas" sexuais também foram vítimas desse segredo das mentalidades, a cartografia foi ocupando todos os espaços e o coito mais não é do que a expressão necessária da harmonia, aqui tara monoteísta.

Então, a emergência do poder passa pela desregulação dos binómios uso/troca (10), imaginário/simbólico, criando a alternância.

4. As relações estabelecidas entre homens e mulheres, habitação e terra, etc., são transparentemente aceitáveis, enquanto capa de uma universalidade totalizante, mas, no entanto, a coisificação prevalece enquanto fóbica da liberdade. O sistema coordenador das práticas não tem nada das nebulosas de Laplace, antes, sim, surge da prática material. É a ideia do indivíduo acabado, do homem histórico. Um normativo, segundo Maquiavel, capaz de se moderar e de se (re)tratar (tratando-se) nas recordações nacionais; o apodrecimento dos Gregos (cujo desinteresse pela sucessão dinástica é patente), o esconder antropológico do morto (isto é do não continuado). "No discurso histórico, a interrogação sobre o real toma-se (...) como forma original dos postulados desenvolvidos pelo «pensável»". (11)

O dogma da encarnação limita-se nos traços da **physis**. As **thesis** (convenções) não convencem a fisionomia dum história forte, monográfica e futura, são as ondas anacrónicas, velhas, mas vitais para a perpetuação do mito do **homem duplo**. Desde os mais temperanos tempos, em que a linguagem se integrou como dominante no sistema de símbolos (e códigos) comunicativos e estes manipulados por castas profissionalizadas na tarefa de (re)produção, no sentido do corte de todos os seres em duas partes distintas: o **corpo** e a **alma**. O primeiro seria um espaço de ocupação num tempo de remissão, usualmente transferido para uma outra visão-dimensão, entendida como o penhor da abstinência corpórea (em sentido restrito). Do corpo emanam os sentidos (deleite, movimento animalesco que não se coadunam com a mente) que vão alterar o espírito quedando este cativado pelo suporte, símbolo do consentimento, da derrota do maculado, se quisermos da castidade monista, é evidente que castidade não se refere a uma pregação do acto sexual (=matrimónio), mas sim à abolição da imagem do homem atormentado e doloroso, na vida térrea. O contraste com as sociedades inferiores é evidente, nestas parece-nos não existir referência à castração. "Sem dúvida que, se a sociedade não fosse mais que o desenvolvimento natural e espontâneo do indivíduo, estas duas partes [corpo e alma] de nós próprios se ajustariam uma à outra, sem choque nem atrito: a primeira, sendo apenas prolongamento e como que a cúpula da segunda, nenhuma resistência nesta", mas "os interesses do todo não são necessariamente os da parte, é por isso que a sociedade não se pode formar nem manter sem reclamar de nós sacrifícios constantes que nos custam". (12) O sacrifício existiu, e existe nos poucos redutos "primitivos", mas a sua

natureza e inserção no social ultrapassa a simples metáfora, para se tornar em algo despoletante e profundamente humano, direi: confiante no (seu) presente. Hoje o sacrifício é um penhor, ou um certo ruralismo, perfeitamente desfazido da totalidade em que nos encontramos envolvidos. As técnicas de leitura dão-nos a parcialidade da nossa planetariedade; o que se entende haver são pequenos redutos (espaços privados) que nos satisfazem. O caso da família, cujo gráfico temporal, a isso nos leva, ela hoje é uma célula perfeitamente mecanizada desse corte interpretativo, pois simultaneamente ela é o órgão de modelação pessoal como também tem absorvidos os mecanismos de divisão social do(s) trabalho(s), dentro dum esquema que lhe foge, apesar das mutações sociais haverem amputado algumas tarefas que antes lhe eram perfeitamente essenciais - caso da educação, a ideia de segurança (material e afectiva), etc. A mulher de ser eternamente enroscado em características endógenas que lhe davam o saber dum diabo, foi-se envolvendo como "espécie humana", como unidade antropológica, biológica e social como os outros seres, afastando-se dessa leitura: uma outra espécie.

II

1. Transfigurada pela pérfida e putrefacta envoltura, a necessidade de revolver surge e alarga-se, transpondo o painel aliciador dum desperdício colectivamente assumido. A "desordem ordenada" da sociedade assume a camuflagem duma morte (13) espelhada merificamente na aspiração alegórica da remição de penas. O **raís** é adorado no sentido da inserção esquemática duma situação simbólica de balanceamento do estatuto; estatuto esse que requer a inspiração do consumismo e a perenidade produtiva. Nisto as briosas mitologias do pronto encaixe situacional servem de albergue à fruste assimilação do **homem económico**, havendo neste como que a harmonização das instituições sociais — pontos de partida não os há, encarna-se a **personagem**, anula-se o presente e imagina-se o futuro (mas **só** no futuro). Escusa-se o diálogo, os **média** interpõem o muro platónico das mensagens sem resposta. O diálogo é violação. A violação é punida. Portanto mulheres e homens reproduzem em si as relações sociais e as de dominação.

Esta dominação assenta, o seu estatuto ontológico, na transformação da **coisa lógica** antes da **lógica da coisa**, o que como objectivo dá a justificação dum estado de facto, quer dizer da ordem instituída. Esta observância teórica está baseada numa defenição da prática pelo espírito. O que na linguagem filosófica seria o espelho que reproduziria constantemente as imagens. Kant já denunciou esta petição de princípios como ilusão da razão, ou seja, como expressão sem dissimulação do pensamento especulativo, um pensamento que se concebe como reflexo do que é. Karl Marx rompeu com esta tradição especulativa de análise, para ele a matéria poderia ser tomada como ideia que se recolhe por abstracção da representação, para o que aqui nos interessa julgo ser importante estabelecer que se para Hegel havia uma idealidade do Estado, Marx afirmou a materialidade do poder. "É o conteúdo na sua disposição e nos seus dinamismos que impõe as «maneiras de fazer». Não há nenhum empirismo, porque o conteúdo é sempre o do dito, do enunciado, do institucionalizado, do pensado." (15)

No entanto as dualidades persistem, como dizia Pascal o homem é ao mesmo tempo "anjo e animal". Esta dualidade manifesta-se no discurso, no que este pressupõe de real. A imagem do anjo ultrapassa as simples intenções binárias do homem pascaliano, para se integrar na percepção da pirâmide social. O discurso político é perfeitamente identificável com o patamar social para o qual é dirigido, nele são integrados, por um corpo altamente funcionalizado e educado, as categorias prevaletentes à chamada ciência política, perfeitamente legitimada pelos possuidores da imediatividade interrogativa. A neutralidade e o bom tom, paralelamente à simetria ou à racionalização ponderada dos termos no discurso sobre o seu discurso está sistematizada pela sintaxe perfeita dum trabalho enunciativo sobre o já enunciado, melhor o que é visto, e entendido como colocado **in saecula saeculorum amen...** como integrado numa constituição conformista — os princípios da sua constituição permanecem segredo dos deuses.

O questionar esta modalidade, paralelamente a outras variantes,

seria, segundo alguns políticos (ou homens da ciência política) uma característica das classes populares, logo o seu visceral autoritarismo contrastando com as benéficas **inovações** das classes privilegiadas. (16)

2. Este conhecimento do político pode ser socializado nos níveis pertinentes, mais paralelos, da actividade de cada um. As distâncias relativamente ao epicentro vão variando na proporção inversa do posicionamento social, sendo a própria margem de manobra do acontecimento ilusória, pois ao seu ritmo de desenvolvimento e "perfuração" do tecido social há a esbatida visão do "pensamento-minuto" (escrito e/ou falado) constantemente mediatizado pela barreira do conhecimento empírico, contrastando com a sua produção. (17)

O estatuto (teórico) do acontecimento é diferente do fenómeno.

Como acontecimento entenda-se, numa temporalidade social, a estrutura histórica do **anthopos**, os isomorfismos que tinham ficado em estado de latência sob as diferenças ou heterogenidades, é esta característica exponencial que dá ao acontecimento a sua magnificência e predilecção nos discursos, pois o poder redutor de incertezas é indispensável à participação das massas e ao imperialismo da factualidade, sem reciprocidade.

Esta paz no acontecimento transporta também as ressonâncias da violência (subversão) que no entanto são absorvidas pelos canais normais da comunicação do macro (e micro social) e os seus caracteres mitológicos e simbólicos enquadrados numa espécie de enseada. Assim do judeu, uma das figuras da história dos medos, importa extrair o seu carácter perverso exterminando-o (física e socialmente, isto coevo com as movimentações e estágios sociais) tornando-o objecto para a moralização dos valores e posturas sociais. (18)

Falar de promessas adiadas (19) e de projectos futuros é já uma banalidade. Como dizia Bataille, extripa-se o trágico: "O passado trazia à luz a glória e o presente só admite formas impossíveis — é a distância que separa o sacrifício sangrento dum charuto — mas nós não podemos retornar da descrição do presente às máscaras da Antiguidade" (20)

III

1. No entanto a problemática de coadunar a inovação, constante dos redutos individuais, com um macro-cosmo, envolvente na totalidade das acções desenvolvidas, emerge. Ainda que esta tomada de posição surja como destruturante dum pacifismo democrático, não entra plenamente na matriz sintagmática que permita ao desejo romper com as práticas patrimoniais da sociedade. Os indivíduos enquanto portadores de solidificações classistas assumem-se bastantes idênticos à emergência cristã, como projecto ideológico: "o que é a alma no corpo, são-nos os cristãos no mundo" (autor cristão do séc. II). Assim Bergson pontualiza este facto como possuindo a característica de se ter processado a transformação duma religião nacional numa capaz de ser universal, assente num Deus de amor (castração) que potente amaria a humanidade inteira.

Isto personifica a perda da característica labirintica do prazer (desejo de...) (21), sendo para tanto o posicionamento social uma **oração**, que buscaria as dependências diferentemente intermediarizáveis que nos diluiriam a **única** diferença com Deus: "igual a nós salvo no pecado" (S. Leão). Um outro cenário é o carácter classista do desejo, pois as variâncias não se afastam da estrutura social em que as possibilidades de produção de bens, falsamente arregimentados à totalidade, na realidade se encontram na posse de alguns. A questão da **produção** encontra-se elidida pelo voluntarismo existente na comunicação cultural. A característica falsa (mágica) de produção, que reflecte a imagem do consumo pleno: amor fétichisante pela sociedade ou economia crítica da mesma, encrava-se na margem do crescimento de satisfação do campo **proto-intelectual** inserto na militância (política) **histórica** que se deve à **margem de classe**; isto é uma classe (os intelectuais) (22) são portadores do empirismo execrável, que é **doado** como condição de sobrevivência (produção e reprodução) do seu capital, pois há necessidade de se ter velocidade. A mais valia que a intelectualidade retira é extensiva. O político é filtrado pela perfeita dominação das situações. Neste ponto o desejo perde-se indo-se mastigar em pseudo-soluções de crítica constante perante as **instâncias go-**

vernativas — ponto poli-repartido de instauração duma lógica universal dos comportamentos, a sua qualidade ambulatória prende-se com a economia comportamental dos submetidos. Esta troca liga-se à tautologia do ser falante: o político enquanto **comportamental** é mítico, pois não possui nenhum inatismo para trabalhar as “coisas públicas”. Esta redução **vocabular** no comportamental é estratégica (23). Nas formações partidárias o mito do **homem político** encaixa-se na sua pureza (ilusão), simbiose entre esta polarização. O modelo político como é **praticado** é **material** refúgio para o control da dissidência. (24)

2. O mover da vida pauta-se pela militarização da cultura, redução alitsonante da dimensão da **entidade cultural**. A codificação dos valores baseia-se no **egipticismo** (Nietzsche) como oposição ao grande ogro. Referenciando esta situação de aniquilação, teóricos encontram pontos de confluências das suas visões oficializantes. O renascimento de paradigmas é apoiado. Assim o Levitan de Hobbs aparece. A Inquisição é modelada através dum marketing literário e/ou filosófico. É a apelidada **lei da época**. Actualmente um obscuro, a que Pasolini apelidou de neo-fascismo medra em torno de quatro vectores, que segundo o mesmo autor são os seguintes:

a) o ideário do caduco fascismo é substituído pelo binómio conforto/prazer, através do qual se institucionaliza o hedonismo social;

b) o **status** democrático é o substracto ideal para este tipo de fascismo;

c) da institucionalização do binómio descrito e da uniformização do social ressalta uma anulação dos signos de esquerda e direita e a matáfora da abolição da luta de classes, e

d) criação duma **super-cultura de consumo** que sendo única e universal provoca o nivelamento das diferenças e diferentes culturas.

O aval dado ao mito da nova sociedade, regida pelo funcionamento duma lei implacável (**deus ex machine**), é consequência da esclorose conformista dum revolucionarismo seguidor fiel dum discurso auto-enclausurado, auto-censurado e limitado pela incapacidade de desmontagem dos reportórios simbólicos. Os seus círculos de influência são a perpetuação da retórica autoritária e a linguagem especializada dos esconjuros. Esta ideologia, que às vezes se tem por utópica, bebe as suas influências num pensamento ordenancista e concentracionário, que arranca n’**A república** de Platão ao propor o control por um Estado “benfeitor” da vida sexual, cultural e, inclusivé, gastronómica dos cidadãos.

3. A fuga a esta gestão é a possibilidade de se ser criativo: “a verdadeira criatividade (...) é sempre geradora de instabilidade e precisamente pôr em causa a cidade, a casa, a parede... até ao escândalo e até à crueldade”. (25), curto-circuitar o **consensus sapientium** das **doxas**, e abrir um **estando**, criação de **manifestos sociais** (e **individuais**) que apontem na destruturação prática das **estratégias iniciáticas**, quer das festidiosas tarefas de inculturação, apanágio das espontâneas situações caracteristicamente formuladas pela simpatia hierárquica ou as elocubrações **termodinâmicas** tipicamente pardacentas e ocultadas nas proposições abstractas da igualdade.

Dispicientemente os oráculos tateiam estas duas posições na confusão intencional das lógicas política e intelectual, escamoteando que **cortesia** é sinónimo de **frieza**, ou que as tipificantes análises polarizadoras de sentido mais não revelam que a diferenciação castradora das **táticas ritualizadas** de incrustação **retro** das sintonias emblemáticas. Em suma: “Revisão dos valores e dos **comportamentos ligados aos valores**”. (26) Nisto passa o preenchimento destes espaços, que na minguia de imaginação e audácia se vão tornando numa ordem extensiva, pesada, traumática no que implica de empréstimo o modelo médico.

Do sentimento de frataria se intuí a hierarquia.

Revi(são) ver o mundo, aqui.

José António Afonso

(1) Quando falo em poder refiro-me à inserção da lei no corpo (social), ao escamoteamento dos antagonismos e, historicamente, à persistência das desigualdades.

(2) Cf. Jean Duvignaud, “o sistema económico militar” in Jean Duvignaud **et alli**, **O apodrecimento das sociedades**, Lisboa, 1977, pp. 160 sq.

(3) Cf. Nicos Poulantzas, “As transformações actuais do Estado. A crise política e a crise do Estado” in Nicos Poulantzas **et alli**, **A crise do Estado**, Lisboa, 1978, pp. 17-47.

(4) Ver, por exemplo, Maria — Antonietta Macciocchi, “La vérité effective”, **Tel — Quel**, 70 (1977)

(5) Segundo o mito **zombi** nascido entre os escravos negros do Haiti, o **zombi** está obrigado a comer sem sal; o sal é perigoso e poderia despertá-lo.

(6) É necessário analisar a composição e o carácter **mediato** das instituições deste género.

(7) Entendo o termo como extremamente idêntico à missão desempenhada pelos missionários.

(8) A aplicação do termo convencional talvez seja controversa e despida de significação comum, tornando-se ilusória a sua leitura, arrisco a aglutiná-lo a conservador, quiçá reaccionário, aquando da introdução de cargas mais **afectivas**, caso da nostalgia.

(8 bis) A visão convencional do mundo é entendida como a anulação dos estímulos de distinta natureza, que constituindo-se num estímulo unitário, incide sobre a consciência constituindo (ou contribuindo a constituir) os sucessivos estados dessa consciência, cuja sequência é a individualidade do homem.

(9) Este nú é totalmente diferenciado duma certa prática que se reclama de naturalista — o nudismo, sistematicamente esta pretende encobrir quer o corpo como marcado socialmente quer o próprio olhar sobre o corpo. As linguagens gestuais são-no somente quando imanam dum centro e não como useiramente se pretende: **sobre** esse centro, cf. Jean Le Du, **O corpo falado — ensaio sobre a expressão corporal analítica**, Lisboa, 1977, pp. 107 sq.

(10) Ver Karl Marx, **O capital (edição popular)**, Lisboa, 1976, pp 19-23

(11) Michel de Certeau, **L’écriture de l’histoire**, Paris, 1975, p. 57

(12) cf. Émile Durkheim, “Le dualisme de la nature humaine et ses conditions sociales”, **Scientia**, XV (1914)

(13) “A vida é sempre a morte de alguém” (Artaud)

(14) Como reacção à cultura judaica-cristã, impregnada pela noção de pecado e pelo sentimento de culpabilidade, e à exarcebção victoriana, assiste-se hoje à desdramatização da sexualidade e à sua fiscalização — fase sexocrática; diz-nos Philippe Ariès não mais se apreende o amor (nos W. C.), pois o sexo desapareceu debaixo duma sexualidade baseada em incitações e repressões.

(15) François Chatelêt, **Chroniques des idéés perdues**, Paris, 1977, p. 216

(16) Cf. Pierre Bourdieu, “Les doxosophes”, **Minuit**, 1 (1972), pp. 41 sq.

(17) Gilles Deleuze, “Los periodistas son los amos”, **Quadernos para el Dialogo**, 243 (1977)

(18) Ver Edgar Morin **et alli**, **Alarme em Orleães — escravatura branca ou anti — semitismo**, Lisboa, 1970. As perspectivas do autor para uma sociologia do presente são pertinentes, pp. 313 sq.

(19) As análises de António Sérgio sobre Portugal mostram a placa giratória desta concepção, ver especialmente: “O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal”, in **Ensaio II**, Lisboa, s/d.

(20) Georges Bataille, “C’est une banalité” (texto de 1924), **Tel — Quel**, 81 (1979), p. 93

(21) Winnicott afirma que para se ter um control do que está fora é necessário fazerem-se coisas e não simplesmente pensar ou desejar.

(22) O termo **intelectual** não comporta a definição corrente que dele se faz. É empregue como sendo algo de indefinido e que se encontra em todas as classes os elementos mais “culturrizados” capazes de se apropriar dum auditério, manipulando as tradições. Uma analogia deste intelectual poderá ser o característico (ou atípico) líder nacionalista.

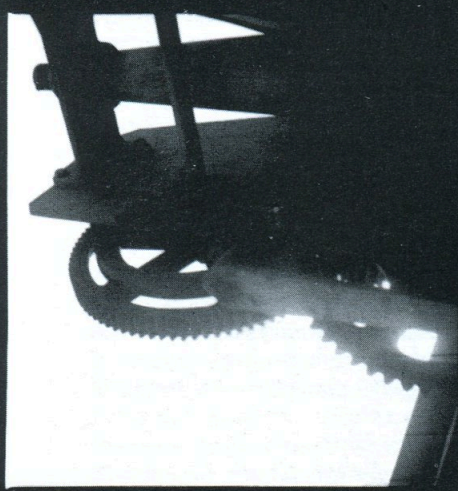
(23) Cf. Karl Marx, “Crítica da economia nacional”, in Karl Marx e F. Engels, **Crítica da economia nacional. Discurso de Elberfeld**, Lisboa, 1976, pp. 35-106.

(24) Dissidência é um vocábulo puramente empírico, enquanto subsistir o mesmo **núcleo** político que preside à elaboração das estratégias.

(25) Ernesto de Sousa, “Ser moderno... em Portugal”, **Diário Popular**, 24.8.1978

(26) Georges Bataille, art. cit., p. 24 (grifo de G. B.)

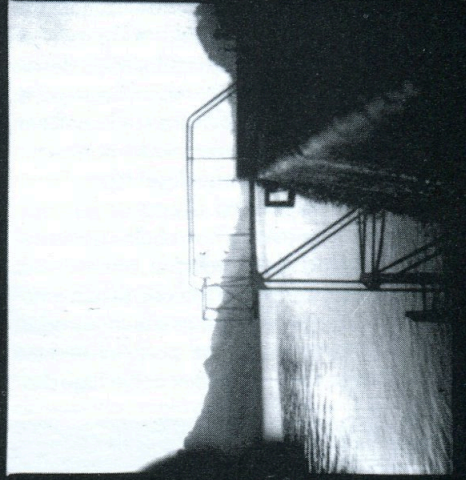
Nota: Este ensaio foi inicialmente publicado no Boletim da Rádio Caos Fonema aos N.ºs 2 e 3.



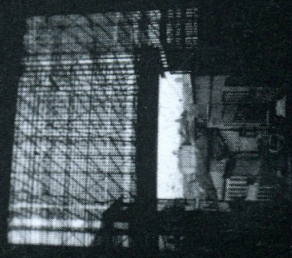
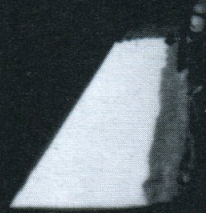
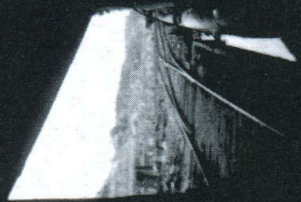
F PAN F21



F PAN F21



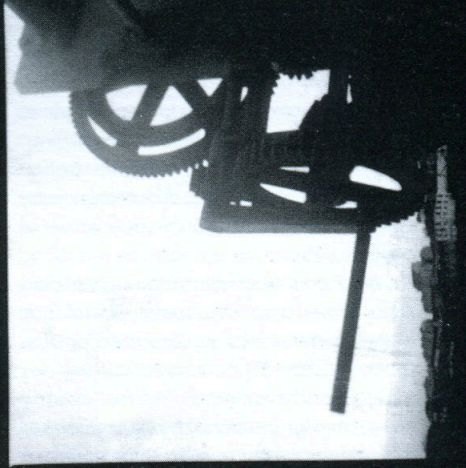
F PAN F21



F PAN F21



F PAN F21



F PAN F21

A AUSÊNCIA, A FOME E A FESTA

— Apontamentos para um programa eleitoral

a) — As mãos não tocam em nada; não tocam em coisas que se sintam, isto é: só tocam, e quando tocam, em objectos; mas as coisas, aquelas coisas que intimamente dizemos assim ou assado, volúpia ou suprema perversão, isso nada, nada dessas coisas as mãos tocam. Assim, ficam paradas: não sentem, não cheiram, não lambem; também não cagam em nada, porque em tudo se caga noutro qualquer lugar. Ficam unicamente paradas. E, estando paradas, as mãos consentem, no trabalho das veias, de carne e da pele amolecida, em devaneios roxos que conduzem a becos, se não a viadutos de cinturas internas e auto-estradas. Tocar-se-ia o fogo, se para tal excesso houvesse ainda coragem; pois o fogo cha-

ma aquele sentimento íntimo da coisa que não há, de uma qualquer coragem que se esgotou. E o esgotamento generaliza-se.

Mesmo a visão não me devolve nada de concreto. Além dos objectos, normalíssimos apesar de raros, o resto é difícil de vislumbrar. Pelo menos, de dizer. São talvez coisas ressequidas, esfumadas, um universo sem entranhas. Nenhum corpo. Nem um par de mamas para mergulhar o rosto, os lábios, os olhos, e o resto que já quase não há. Nenhum pedaço de epiderme que se possa olhar, e dizer: sim, esta palpita. Tudo se exilou de mim, ou eu exilei-me de tudo. Não sei. O que eu vejo não me garante nada. E do que eu precisava, era de uma garantia. Uma garantia de

que eu estou aqui. Ou não, talvez nem isso fosse preciso. Apenas uma garantia de que alguma coisa está, aqui, ali, mais ao lado, mais ao fundo, mas está. Uma garantia de que as coisas não estão, como máquinas loucas, sempre a morrer. Que estão para estar. Porque, quanto a mim, não sei.

b) — Acordei. Enrolei melhor o cobertor à volta do meu corpo. Nada mais há a fazer. Tanto faz acordar como continuar a dormir. Oíço sempre o roncar das entranhas. Houve tempos em que supus vir o roncar do mais fundo, do lugar mais incompreensível das entranhas. Depois constatei não haver fundo nenhum. Apenas entranhas, que são já o fundo possível. Entranhas que engolem e que expelem. Entranhas que roncam quando nada engolem e nada expelem. Por isso, cheguei à conclusão de que o roncar equivalia, muito simplesmente, e em termos práticos, a fome. Apertei com mais força o cobertor



Pedro Pacheco

METAGENÉSE

Não foi decerto o acaso que moveu Gervásio à entrada da fossa a volatilizar-se num fluido pastoso de detritos sedimentares. Nem se pode inventariar por óptica medíocre, ao acusar o dito dum acto imundo, repelente, e que não tinha que comer e beber.

Será pois despropositado, apesar da curta cronologia dos factos, catalogar Gervásio, moço inteligente, possuidor dum canto peculiar, fino e chamativo, um dos mais professos filantropos, insinuar alojá-lo apenas num grupo etário de posses enormes que só sabia defecar coisa mais líquida e pouco odorosa. Também será intencional pensar a máxima — sempre que o ser humano tem contacto com detritos, embora os despeje, fatalmente os comerá — atribuir isto ao moço, ou que este procurava alguma peça de valor, ou mesmo pedaços de ânus vencidos pela exaustão e sexos tresmalhados por desprendimento do corpo da alma.

Gervásio, apesar de novo, era um ser íntegro; embora absconso e fantasioso, era contudo correcto na aplicação das suas decisões após demorada consciência de atitudes a tomar.

Contudo, na aldeia onde nasceu, era sobejamente conhecido pela atracção diga-se quase mitológica, que tinha pelos sedimentos fecais; constava-se até que diálogos tinha com eles; e uma visionária vaticinara-o que ele daria muito que falar... Talvez esta apetência fosse a geneses dos seus pensamentos. Não fora por acaso que em consulta única psiquiátrica dissera ao seu "oráculo" que só conseguia levantar o pénis já em cima de qualquer garota, quando deitada tinha junto à sua doce cara uma tijela de excrementos... e que fossem estritamente seus.

De facto, naquele ousado dia vectores de origens várias accionaram o ego de Gervásio. Questões existenciais, talvez

lendárias nunca ousadas que motivassem outros em práticas tranquilheiras, o catalizaram na sua decisão inabalável.

Sempre lhe girou o mundo, fez ele parte deste que é lixo, excremento de apurada explosão solar. Também merda é de facto, diga-se residual desse evento que deu ao Universo detritos; vivia Gervásio num mundo celestial que deu mundos à merda, desta se vive, se fala, se gera e dá comer, um mundo sempre beligerante, contradito, gordo de mitos inconciliáveis.

Pois Gervásio por cá caiu inato e inocente, por cá cresceu e se projectou. Nunca passou fome nem frio, além daquele corpúsculo pormenor psíquico, saúde vendia, embora expulisse certo hircismo do corpo, o que não interessa para delinear a sua personalidade. Era de facto um ser social que transformaria muito mais tarde alguns traçados de gentes desamparadas que procuravam o conforto do Além.

Demais está sabido que os excrementos são alimentos já circunstanciados. Decompostos e destilados em qualquer laboratório, os alquimistas já catalogaram

em redor do corpo. O roncar evoluiu para os limites do insuportável: o cobertor (supondo mesmo que fossem dois, ou três, ou mais) não anula a equivalência do ronco, ou seja, a fome. Momentaneamente, senti-me iluminado: tinha descoberto uma verdade, mais uma das poucas verdades que durante a vida fui aprendendo. Mas depressa o ronco apagou a luz.

Imagine-se o roncar tremendo que soará nas planícies africanas. Tantas entranhas que nada engolem e nada expelam. A roncar continuamente, aflitas e excitadas com o ronco umas das outras. Penso nisto porque ouvi dizer que os pretos andam a morrer à fome. Também os vi na televisão, doloridos e a cores, mas devem ter trabalhado o som pois os roncões não se ouviam. A fome, lá, é outra: nem ronco tem. Aqui é melhor, é o que me querem dizer. Aqui, a fome tem um apêndice sonoro, que a torna única exclusiva e celebrada, uma forma que pode ser trabalhada, aperfeiçoada e erigida em arte, como é de deduzir de qualquer semelhante apêndice. Lá, não há; morrem, e pronto. Aqui, a fome é sedutora, enrola, convence-

nos da beleza do roncar, das suas intermitências, da sua eternidade, do seu apesar de tudo, e, sobretudo, a morte é lenta.

c) — Há, pois (e não sou arauto de nenhuma novidade), um sentimento da perda, ou de ausência, e uma circunstância de fome que de modo algum se resume a um sentimento, mas antes se expande numa inultrapassável dor, que, ambas tristes e revoltantes, coexistem numa sociedade que venera a festa, que promove cortejos de futilidades, e que esbanja tudo aquilo que nunca mais poderá ter. Multidões de famintos, olhos vidrados pelas carências, aumentam calcorreando todos os continentes. Multidões deles, embora roncando como bestas moribundas, não dispensam uma imagem vídeo, uma chuva de estrelas de néon, ou mesmo um toque de classe que lhes alucine os andrajos. Vegetam e morrem mais embrutecidos do que romanos ejaculando no circo. Também não há deus, nem ideologias; há apenas uma vaga crença (que, por ser vaga, não deixa de ser avassaladora) num dito sistema democrático que, para a maioria, esvazia os estômagos e enche os olhos.

Parecem todos felizes; só que uns, inevitavelmente, hão-de sempre rir mais que outros. E não riem no fim, porque no fim ninguém ri: riem a vida inteira. Os outros, envergoados, põem risos amarelos e encobrem as misérias. Quem tem a suficiente falta de vergonha para dizer que tem fome, ou que sente falta de alguma coisa, num tempo em que espirram hamburgers, pizzas, empresários, preservativos e drogas de todos os lados? Quem tem a suficiente falta de vergonha para protestar seja o que for, quando é um cidadão livre e com direito a voto? Quem tem a suficiente falta de vergonha para proclamar a sua miséria numa época em que o progresso e a prosperidade são bandeira? Deveriam tê-la todos. Mas coisas, como a liberdade de expressão, ou o direito à igualdade, calaram as bocas. Emudeceram todos igualmente. Roncam doridos e festejam em êxtase. São todos mártires sem o saberem. E a fogueira em que se sacrificam é demasiado ampla e viva para que alguma coisa, dentro de pouco tempo, venha a sobreviver das cinzas; nem estes parágrafos.

Carlos Freire, Porto 10-1-91



Alexandre Tavares

as suas intrínsecas qualidades. Se não se deve mastigar demais neles, entre preconceitos e renegação geral, há que admitir que pelo menos dão a vida. O estrume, entre outros compostos, dá o pão, faz crescer as pencas, entranhando-se pela seiva. Espiga o milho e o centeio que nos dão alimento: o pão de nosso cada dia e que por vezes se atribui a existência deste a outro que não à merda. Enfim, qualidades há certamente nas fezes que excretamos, mas não as reconhecemos quer por maldade quer por falta de amor ao próximo e as abandonamos ao ostracismo. Despejámos-las com alívio e repulsa nas entradas das fossas ou atrás dum inocente silvado no formato de monturo. Ou mesmo em plena rua sob a acção duma caganeira imprevista; ou pelo ânus de canideo, o qual também apelidado de porco e mexeriqueiro ousa investigar o porquê de as moscas,

principalmente as verdes, por ali sobrevivem.

Circunstanciando estes dados, entre outros, estarão lançadas as premissas que defenirão Gervásio Meireles, rebento de lavradores endinheirados e que nunca se coibiram à mesa, enquanto almoçavam, de abordar a merda pela boca, ou seja da do seu gado da quinta, cujo desprendido diálogo teria também conduzido o rapaz ao centro radial da fossa.

Digamos, finalmente, que o rapazote se assumiu, até porque toda a sua atitude que contrastava com a vida emanava-lhe de especulações filosóficas, quer bociferadas na escola da vila onde estudava, quer no seu habitat, algumas das quais como máximas arriscavam a sugestão geral que o ser humano agastado tinha que se "gerar" de novo, optando por isso as qualidades da merda. Contudo, havia um pequeno

pressuposto, era que nem todo o humano continha em si a percepção sintonizadora dos vários elementos desse composto, os quais conectados com uma circunstanciada Nuvem Alada de moscas verdes em oração, poderiam chamar a si um crente escolhido e doseá-lo do mais vivo pão filantrópico o qual ajudaria a transformar este mundo poluído dos mais contraditos adjectivos.

Foi pois este arrebanhado de ideias, que convenceu os peritos após aturadas formalidades oficiais que afinal as botas de canos virados para a fossa presas em esbarros de madeira sobre a tábuca da cagadeira rural, eram a prova de que Gervásio resolvera pôr fim à chincalhada de que era sujeito pelo povo sarcástico e ignorante, mas carente, os seus professores, o padre da vila e a moça actual que lhe aceitava por tempos os seus preceitos e que muito amava.

A COSMOVISÃO E O ARTIFICIALISMO CONDICIONADOS PELA NATUREZA DO PÃO E DA ÁGUA

(MOMENTOS DE UM DIÁLOGO TÍPICO E POR VEZES CABOTINO)

A libertação enquadra um intelectualismo anárquico e mitificador: a adaptação a uma nova realidade, os movimentos e os campos contrários do sistema.

A tradição implicativa transporta um cérebro escapante nas civilizações traídas como dois Mundos que se criam no diálogo estabelecido e na linguagem geométrica das coisas comuns.



Mas o mundo que quase se escamoteia no espaço sideral, não impediu que houvesse um testemunho que ficara para a posteridade, ao circunstanciar a diluição de Gervásio Meireles.

Foi naquela manhã recheada de lírios nos jardins, de Sol já quente mas arejado e com os rouxinóis trocando sons ao desafio. Inesperadamente uma Nuven Alada de muscídeos aproximou-se da quinta dos progenitores de Gervásio, escamoteando a usual Estrela da Manhã. Depois, ordeiramente, amarou com a lentidão duma mancha de nevoeiro sobre a latrina.

O testemunho, um fandinga traquina costumeiro em roubar supriegas na quinta..., ousou espiar pelo janelão lateral da sanita. Diga-se não sem algum contratempo, pois que assim que se viu cercado por semelhante grupo de muscídeos verdes, insinuou fuga, não entendendo o evento. Também não se coagularam em pensamentos reprimidos as suas inerentes aflições, uma das quais, a principal, ou seja o não ter aparecido o cadáver de Gervásio

As maravilhas de um cenário natural, a estrutura sólida do tipo de construção linear, a conscientização promovida e a mentalização estudada, compromete incontinentemente a política, a poética e a cinemática.

A máquina reverte num sentido criador, na realização prática e na planificação descuidada, nos argumentos incursivos e na montagem

Meireles logo que concluídos os trabalhos de drenagem da fossa.

E assim em conformidade com todos os elementos e pressupostos adquiridos, o testemunho aliviou as autoridades de cálculo dedutivo que Gervásio Meireles calmamente retirou da face superior do cagadouro a tampa circular de madeira e se fez descer habilmente pela cabeça até aos confins da fossa, fixando-se pelas botas sabiamente alojadas em suportes previamente montados. Informou ainda, como complemento, que o rapaz estava nú. Facto esse que ao dito lhe permitiu expulsar dos intestinos um único jacto final de sedimentos ligeiramente liquidados para logo banhar-se em conformidade com a força da gravidade. Por fim conclui e disse às autoridades para verificarem as superfícies do tecto e paredes da latrina, pois seria impossível que tremenda erupção de lava fecal saída lateralmente da fossa, não as fugisse sem deixar qualquer referência por pouco que fosse. E depois arrematou que se criara um denso nevoeiro turbulento no antro e que ao chamamento pelo canto conhecido do

técnica, nas interpretações monumentais, na narrativa estruturadora, na movimentação rápida, na orquestração sonora da fome, do medo, da opressão.

A assimilação consciente é de um renegado culto e progressista, esquerdizado e esclarecido, europeu e portentoso, que numa atitude revolucionária e numa tomada de posição une os lados contrários num conflito sórdido, num confronto titânico, que acaba numa história de amor reencontrada e fugidia.

O sentimento burguês estupidificado e inculto penetra nos corações e acaba com as (in)diferenças.

As origens retardam a aproxi-

Gervásio os detritos em suspensão recolheram num ápice à fossa arrastando com eles por sucção o escolhido Meireles e a estacionada Nuven Alada que entrara pelo janelão e que quase o arrastara por ser alcoviteiro e por gosto ladrão.

Largas semanas após o evento o padre da vila, a óbvia família de Gervásio Meireles, a polícia, o testemunho ainda incrédulo e outros alcoviteiros davam corpo ao responso num grande horto contíguo à fossa em questão. Não sem reacção por parte dos seus inerentes habitantes, que, na altura eram pencas, grelos, repólhos..., não deixaram de orquestrar em uníssono pelo reconhecimento de Nova Verdade, um canto conhecido, chamativo para espanto de todos circunstantes.

O canto parecia brotar da boquita do desaparecido através dum dieléctrico seivoso.

NO CAOS DAS VERDADES
SALVA-SE
O HUMANO POR AQUILO QUE EXCRETA

Virgílio Liquito, 90-11-25

mação com o Universo, ramificam-se no estrago e na estupidez, no neo-revisionismo gorbacheviano, no luso-tropicalismo, na negritude, na poesia, no regionalismo concreto do aldeamento promíscuo, na propaganda do Estado, na repressão do Governo

As condições e situações de classe comprovam a incursão e o recurso terminológico, a tipificação, de uma fraseologia, o motor social de perfeição e engrandecimento, como o criar de riqueza, viver a nossa vida, estar de bem com todos.

Uma guerra de retaliação envolve os motivos bélicos de uma ocidentalidade e da cristandade,

como recurso de estabelecimento da Paz, como um Poder onnipotente, um sábio conceito de liberdade, um sabor a igualdade, uma verdura de fraternidade.

A Revolução traz o interesse pelas coisas, um comportamento estável e um matemático sentido da Vida.

A verticalidade é um misto de senilidade gratuita e digestiva, num processo de vivência e cultura, na tempestuosa confrontação do velho e do novo, da hierarquia desmembrada, das partidárias opções.

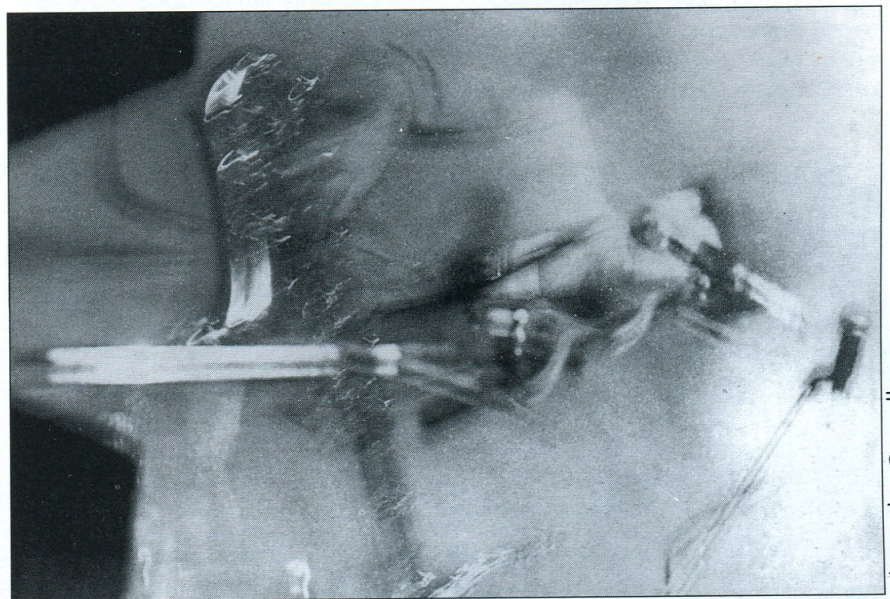
O tribalismo irradia um despaísamento civilizacional concreto e vivido, inadaptação e concretismo, simplismo da acção de transformação.

A científica perspectiva aposta nas humanas situações e condições de classe, do posicionamento da camada, nos efeitos de grupo.

O racismo do Apartheid, poderoso e rico, caíra como um cacho de uvas podres e uma guerra do Golfo (de Saddam Hussein) desequilibra e desgasta o temperamento esquivo dos homens de acção.

O "american way of life" capitula com a Nação Sioux, negro como a côr do petróleo, pálido como a terra; a semelhança das forças em presença, a luta ensanguentada pela liberdade e Rebelião.

Manuel Faria



Alexandre Carvalho

UNDERGROUND

OU A SUBCULTURA MUSICAL PORTUGUESA

— Pois é, é bem possível que a maior das pessoas não saibam da sua existência ou nunca tenham pensado acerca de certos movimentos, culturas que se movem por debaixo dos seus pés, o que não chega a ser grave pois essas mesmas pessoas também não pensam sobre nada.

— O que é certo é que além da cultura dominante, existem outras que pelas suas ideologias e valores se distinguem e não se inserem na cultura que controla todos os movimentos da sociedade em geral. São principalmente os jovens que não concordam com a forma de viver dos seus progenitores e vêem mais facilmente os seus pontos fracos. Infelizmente assiste-se actualmente a um acomodamento de uma grande parte dos jovens que pensam que nada podem fazer para que os valores evoluam

e que o progresso não pare, são os falsos jovens sem força de vontade e que não sentem a responsabilidade de serem eles o futuro, mas por agora vamos ignorá-los.

Sendo assim a onde é que entra a música?! a música é uma das formas privilegiadas para se transmitirem mensagens e valores diferentes...

Pode-se ter a certeza de que em Portugal existe um meio underground onde faltam as respectivas bandas, que possivelmente ninguém ouvirá falar delas e que ensaiam regularmente ou irregularmente numa garagem lá perto de casa, ouvindo sempre as queixas dos vizinhos e vivendo a pão e água para conseguirem algum dinheiro com o objectivo de comprar novo e melhor material; onde também não faltam as respectivas fanzines de menor ou maior qual-

idade, que divulgam intensamente as bandas que pertencem ao meio, e que vivem também elas com grandes problemas financeiros; mas aqui é que se asfixia todo este processo, pois para a mensagem chegar aos ouvidos dos "surdos" é necessário que existam locais onde as bandas possam se expressar, Editoras pertencentes ao meio underground, ou não necessariamente, mas que tenham coragem de arriscar no progresso, televisões e jornais com pessoas de mentes abertas a novas situações e que não estejam sujeitas ao carimbo da censura.

O que é certo, é que por várias e pouco claras razões difíceis de compreender, nada disto existe e todos os esforços até aqui dispendidos se tornam inúteis e duvida-se mesmo que tudo se resolva nesta geração e vai-se viver na ânsia de ainda se ver o principio da "REVOLUÇÃO"

Rui Alexandre
(Baterista dos Claustrophobia)

UM ANIMAL MITOLOGICO

Era de noite e a lua cheia corria célere entre, as nuvens esparsas e felpudas. A rua estava deserta como era natural pela alta madrugada quando encontrei um animal mitológico que era tão estranho que nunca o vira nem o relacionara com qualquer um das mitologias antigas e modernas conhecidas. A sua aparência não derivava do cruzamento de várias espécies como Pégaso, o cavalo branco com asas de pássaro, ou Pã quer com a sua flauta, metade homem metade bode, que assustava e criava o pânico nas adolescentes que se passeavam nos bosques.

No entanto, para descrever a sua forma vou recorrer, à falta de melhor referência, a várias espécies do mundo animal: a cabeça era alongada para a

frente como um cervo mas mais afilada e que sobressaía de um tufo de cabelos côm das nuvens prateadas que tombavam escorregos e o seu corpo, corpulento como um hipopótamo, tinha três pernas cilíndricas como as de um elefante e andava sobre rodas. E o mais importante, falava como uma voz flautada como os homens, para assim poder contar—me a sua triste história. Eu interrompi a minha caminhada ante esta criatura e ela, à medida que falava, ia-se desfazendo em farrapos, pois era feito de panos cujas peças estavam muito mal costuradas:

—Eu dantes não era assim, sabias? — E lá se foi um farrapo.

— Como agora não sou o que era quando disse que dantes não era assim, sabias? — E lá se foi outro farrapo.

— Eu próprio me fiz a mim pela força do acaso que violentou e fecundou a textura de um vaso. — E lá se foi outro farrapo.

— Ainda há pouco era jogador de xadrez e agora sou o que tu vês. E lá se foi outro farrapo.

— Nunca precisei de alimento, pois antes de me alimentar lá tinha mudado de alimento. — E lá se foi outro farrapo.

— Depois ameí aquilo que tinha sido, não quis ser e desejei o futuro como um passado. — E lá se foi outro farrapo.

— Foi quando mais fui feliz, todos me admiravam e multipliquei-me com uma amante que se chamava Raiz. — E lá se foi outro farrapo.

— A Raiz morreu, nunca fui o que fui, mas sim aquilo que falo. E lá se foi o último farrapo e a lua finalmente parou num céu limpo e pouco estrelado.

José Alvim Pereira



Filipe Borges de Macedo

TEXTO QUASE PUERIL

Um zoom acelerado tê-lo-ia identificado súbitamente naquele habitado deserto de almas. Ali, sozinho, estava mais vivo do que nunca, abrangendo com um só olhar a cerveja fria que antecipadamente considerava já bebida e que era por isso um copo de prometido gozo, e ao fundo — plano de conjunto — o mar, os outros, a praia e a sua areia, a linha impávida do horizonte.

Entrechocava naquele momento a digestão, nova, das ideias que acabara de ler e a sua própria visão das coisas: Havia algo de sedutor na calma quietude oriental que o levava a comprar e ávidamente explorar o livro que tinha entre mãos. Ali se falava de equilíbrio, de

comedimento, de jejum como participante activo da oração a qual era forma de chegar a sublimações da alma.

Mais se podia ler, negramente impresso: banhos gelados, dietas difíceis, sacrifícios vários, uma babel de contenções, de aprisionamentos das leis do desejo...

Oriental orientação que desorienta o Ocidente...

Então, súbito, pensou perceber: Aquela sedução era afinal fruição estética — o horizonte, linha, como figuração do equilíbrio, o jejum como materialização de ausências, a oração como vertical caminho dum enegrecido pincel em tela de um branco zen... o sacrifício como

ponto de fuga da geometria da vida. Tudo presente nas linhas puras e austeras de certa arte oriental.

Enfrentou de novo o seu copo em jeito de crónica de gozo anunciado, lembrou-se da satisfação dionisíaca de um jantar bem regado e do prazer que só encontrava nos baques surdos dos movimentos de corpos acelerados...

De mãos nos bolsos, respirou o inevitável resultado do confronto entre si e a matéria lida; deu consigo ouvindo-se murmurar: "Não... não sou dos que esperam por uma qualquer última ceia"!...

Morrerei um dia, redondo de gozo, sabendo não ter vivido a pão e água!"

— Pagou e foi afastadamente desaparecendo no horizonte dos que ali o viam iniciar o regresso.

Pedro Barreto,
novembro 1990

A PÃO E ÁGUA OU COMO VIVEM OS MORTAIS

"O Criador, obrigando o Homem a comer para viver, convida-o a isso com o apetite e recompensa-o com o prazer"

Brillant-Savarin — Physiologie du goût

É do conhecimento geral que, como animais que somos, não conseguimos sintetizar elementos químicos básicos para a nossa sobrevivência, a saber: ácidos gordos, amino-ácidos, hidratos de carbono e sais minerais (factores de crescimento e de regulação). Deles obtemos energia necessária para assegurar a maioria das nossas actividades (desde a muscular até às mais essenciais: respiração, regulação térmica do organismo, crescimento, etc.) e participam também na própria con-

stituição do nosso corpo.

Dáí a necessidade de obtenção de alimentos. Estes dividem-se em duas grandes categorias: animais e vegetais. Logo, os alimentos constituem a fonte dos nutrientes acima referidos.

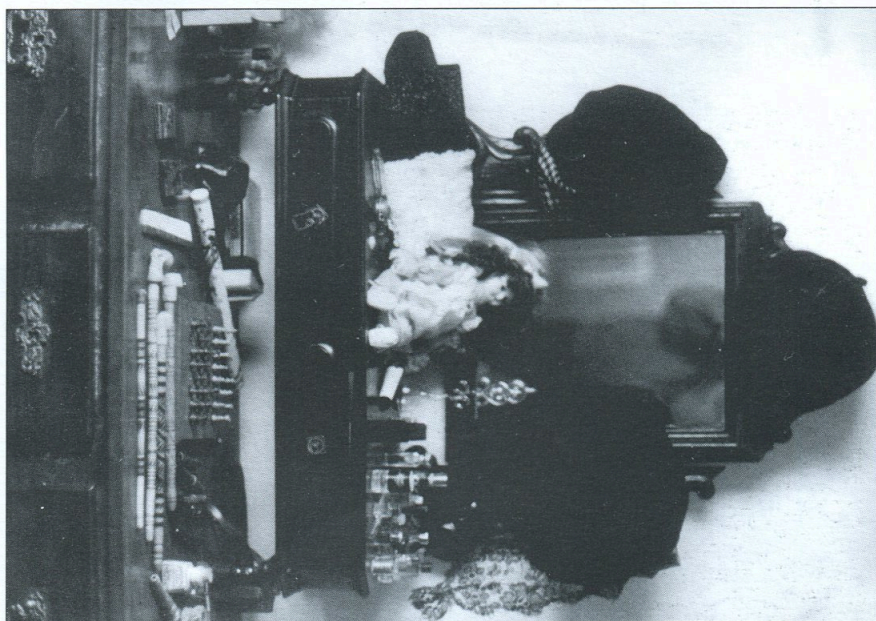
Além disso, nós e os outros animais, temos grandes necessidades de água. A sua importância é bastante relevante: mais de 2/3 do nosso organismo é constituído por água; as nossas células e compõem-se em cerca de 60-90%, de água e a maioria das

reações de transformação dos alimentos em nutrientes dá-se em meio aquoso.

Portanto todos os indivíduos da espécie humana, indiferentemente da idade, sexo, cor, estatuto sócio-económico, político e/ou religioso, podem reduzir-se à mesma situação: todos eles necessitam de comer e de beber!

A fome é regulada a três níveis: pelo corpo, pelo espaço sensorio-motor e pelo tempo.

O espaço corporal é animado pelo parexcesso/deficiência de matérias energéticas: açúcares, gorduras e proteínas (produtos do metabolismo celular) e por determinadas hormonas que regulam o dito metabolismo. O apetite é controlado pela acção dessas hormonas.



Alexandre Tavares

MONÓLOGO DE QUASE NADA

Não é fatura esta arte. Não posso dizer que Tudo. Queria saber mais. Também tem custo este lavar, custa como um estar sentado muito e muito tempo. E depois tu não queres falar e como escrever sem fazer falar? Sem dizer que Tudo? Não estás verdadeiramente doente, isso toda a gente sabe. Mas então? Porque dói? Talvez porque tu ainda não sabes que Tudo. Tudo farta e enfarte... Não podes deixar de fazer... De resto só o nada é importante. Da importância que me confere.

Trago uma experiência radiculada de formigueiro e reforço as cortinas que encerro como são. Não sumido ou expirar, ou roçar e noção mas equívoco. Sonoridade tão mais simples do que mantida.

Sequer murmurada. Aprofundar de água. Menos que choque que amarrota; nem percepção que abafante, ambiguamente, separa. Vai o relógio explicar-se pelo espelho para todo o sempre. E nisto, destacar um tédio.

Que noite de astros logra desviar-me do FI-LO?

E ainda de apetecer-me?

Ali havia sido posto um livro instável. Esforçado. Peguei-lhe? E arrepiaram-se todas as faculdades. Por completo deve existir. Cheio do que nele é absolvido e purgado. E nada significa demais que este ser o desaparecer. Aquilo que caminho por também ter partido. Onde também o

enunciado mais certo. E agora assalto porque absolvo. Como o homem que na noite é o inverso aparecido, e mais polido da sua sombra.

Os encantos de dormir — entro em cena para repousar desse progresso. Langor pessoal e causa contemporânea. Uma razia virtual agradar-me-ia. Outra coisa além da beleza e uma frase, única.

Duas garrafas cheias e uma pomba nenhuma. E a preguiça ainda esférica de toda a obra completa. Devemos uma morte fácil!

Cada vez és mais importante. Talvez porque já não és único. Tens a grande importância da pequena peça igual a tantas outras, e de si só de somenos importância. Levas contigo o peso da máquina. E ela vibra, e morda.

Trago na minha cabeça um cigarro

O espaço extra-corporal ou sensorio-motor é a parte do mundo que se come, isto é, os alimentos cuja representação sensorial (visão, gosto,...) depende da espécie, do estado interior e da história do indivíduo; é também função do acto de comer e da procura de alimentos, designado geralmente por "comportamento alimentar". A gulodice, a predação, o acto de pescar ou de caçar são exemplos característicos deste tipo de comportamento.

Finalmente, a fome é regulada pelo tempo, que se tornou bastante importante na nossa espécie; é o que determina os horários das refeições, condiciona os nossos hábitos alimentares e transforma a fome em metrónimo da nossa vida social (quantas das mel-

hores cartadas políticas não são jogadas em almoços ou jantaras protocolares ou não são ainda as cantinas e os bares os pontos de convívio preferidos pelos estudantes?)

Contudo beber e comer são dois comportamentos indissociáveis. Têm em vista manter ou restaurar a integridade da massa corporal.

De facto não é agradável comer sem beber, por simples razões mecânicas: não é fácil engolir pão-de-ló sem champanhe; os animais também não engolem facilmente compostos granulados sem uma bebida associada.

Beber sem comer, pelo contrário, é uma das condutas mais vulgares entre o Homem e os animais.

Beber é a manifestação primitiva da oralidade (mamar-beber) e constitui frequentemente uma *actividade de deslocação*. Quando se dá a um animal esfomeado, de um em um, ou de dois em dois minutos, uma quantidade reduzida de alimento, ele desenvolve de uma sequência para outra, um aumento de consumo em bebida.

Neste caso a bebida intervem na paragem das refeições como resposta à frustração de um prazer interrompido demasiado cedo (o animal tem fome, não tem sede). Outros exemplos de actividade de deslocação e bastante crónicas pelos problemas sócio-económicos que acarretam é o consumo de bebidas alcoólicas, drogas, etc.



Fernando Coelho

motriz. Uma fugaz opressão purgativa e uma infância recomendada, separada da morte, a consumir-se da própria certeza. Talvez iguais duas densidades, seja que uma é aberta, alguma vez habitante, e a outra se fecha e decanta o roçar. Nem a primeira teria aparecido nem a segunda fora pura, mas dotadas ambas de intervalo e evocadas de modo estrito. Com a contração necessária. De qualquer patamar onde as possa habitar, ambas reflectem o inverso. não da outra, mas das OUTRAS reconhecidas no ser outra sombra, e outro coração no meio. O que sou — havia aqui, ali ? — pergunto-me. Mas que clareza pode reconhecer-se? O eu só se sabe do tu equívoco.

Uma forma interrompida como um escorregar de óleos. Vidros foscos alguns suspensos. E a maravilha que, cintilante, inverte fazer e ser e o porvir. Só esse livro que desfez mangas. Uma reposição? Uma frase seria uma Bíblia. Allah Akbar.

Poderia chamar-lhe a arte de desabrochar, Bêbé sexual, Arcebispa... A.C. não compreendia que semente alguma

realmente germinava, mas subtis vibrações, seus sólidos de pensamentos influenciavam o fluxo fenomenal como uma espadeirada o desempenho das tarefas domésticas.

Como usar verbos se o sujeito é vertiginosa imobilidade?

E escreves? Pois, que nisto fazer há progresso, este escrever é já futuro em que não há.

É um des-contar ainda em compasso. E já nem a menor dúvida.

Não falas tu só na linguagem que jamais poderás escrever porque é da ordem das coisas do passado? Não escreves assim um nada projectado? Um passado esforçado como uma fenda? Não é esta uma maneira de seres esquecerimento? De com o acaso fazeres parte semelhante, não hálio, sequer palavra? Voltamos? Nem peças de arte ou dramas. Talvez porque tu não sabes que Tudo. E só o Tudo pode assim colhêr.

Depois do fragmento, mais ou menos

como segue do formulário dos antepassados, o rebento. E escreves um silêncio errante. Tudo se encerra na dispersão. Os corvos...

Esta língua reduzida a busto e coração que num desmaio abjura da sua própria ideia e cuidado tem um significado de queda. E sem regresso, represa, consuma um acto prolongado. De junção e asfixia? Desta vez nem a noite.

Mijo na cruz no urinol. E borda fora neste barco, que já não era sem tempo. O livro que se não desfará é desde sempre o único, eis que está feito por alguns mais imprudentes, restará encontrar o vértice, escavar coordenadas. Esquecer é privilégio do sepulcro. Da importância que me confere.

...e aquela infidelidade que te persegue como uva? Ariadne ecuménica desenha obesas maiúsculas. Vogais como ameias juvenis. Consoantes enxutas como pinheiros portugueses. Essa tragédia é tua.

Alberto Cernadas

As bebidas inventadas pelo Homem aumentam a confusão entre beber e comer. A cerveja e o vinho, por exemplo, são ao mesmo tempo alimento e bebida; mas o seu valor energético não é estranho a certas engordas: as barrigas bávaras são disso testemunho.

II

Do ponto de vista literário e até filosófico, é estranho a escassez de autores que se tenham debruçado sobre esta temática e, apesar disso, a fome e a sede são as paixões mais elementares que se conhecem.

Pode parecer inconveniente colocar a fome e a sede ao nível das

paixões. Ainda se pode aceitar que se morra de amor ou de ódio, o que é uma maneira nobre de acabar um destino, mas morrer de fome ou sede e não esmagado pela pobreza ou perdido num deserto, são factos que não incitam nada a fazer dramaturgia.

Mesmo na concepção clássica da paixão, haverá melhor exemplo de indivíduos apaixonados do que aquele homenzinho gordo e afanado que determina a sua própria apoplexia com a ingurgitação brutal de carne salgada com lentilhas ou do outro, que se encaminha para a demência com grandes goladas de uma bebida com anis, concebida, segundo parece, para acalmar a sede?

A paixão tem uma definição mais

geral. A paixão, tendo como denominador comum o desejo e o par prazer/aversão, regula a relação do ser vivo com o meio e assegura a gestão da vida e da sobrevivência da espécie.

Dáí se pode concluir que a fome e a sede são paixões primordiais, porque têm como objectivo nós próprios e garantem a nossa manutenção e crescimento, mediante a interacção dinâmica dos espaços corporal, sensorio-motor e temporal.

PARA SABER MAIS...

Vincent, Jean-Didier, 1988 — **Biologia das Paixões**
Ed. Publicações Europa-América

João Paulo Soares



Luis Filipe Alvim Pereira

Um olhar à solta
no espelho da sala
com lábios de rouge
sorvendo uma meia de leite
pela manhã

Um olhar que pressinto
atrás de mim
sobre o jornal
que tenho nas mãos

(fico sem saber
se hei-de ou não
virar a página!)

Mário Pinto

IMITAÇÃO DA ÚLTIMA CEIA

José Emilio Nelson

Amestradas à mãe o nervosismo da escuridão solenizada da mesa a ocorrência das rezas tristes ressoa enlameada na respiração. Ó meu Senhor.

Ela a arquejar. A unha exaltada de repente o anúncio acústico. Percebo o que nos ensinastes. Em primeiro lugar a mania dos abetos no altar. Prosseguiu no maior pavor a dizer a (de)composição da esquizofrenia. Que vá para o pão. Compreendesse.

Por se encobrir a Alma para o papel de parede da Infanta. Da gaveta das cerejas para o violoncelo. Não ouves? A doçura dos mortos a branquear sobre ela. Precipitou-se na solução de anilina. No amarelecimento da chaga.

Enfastia-me.

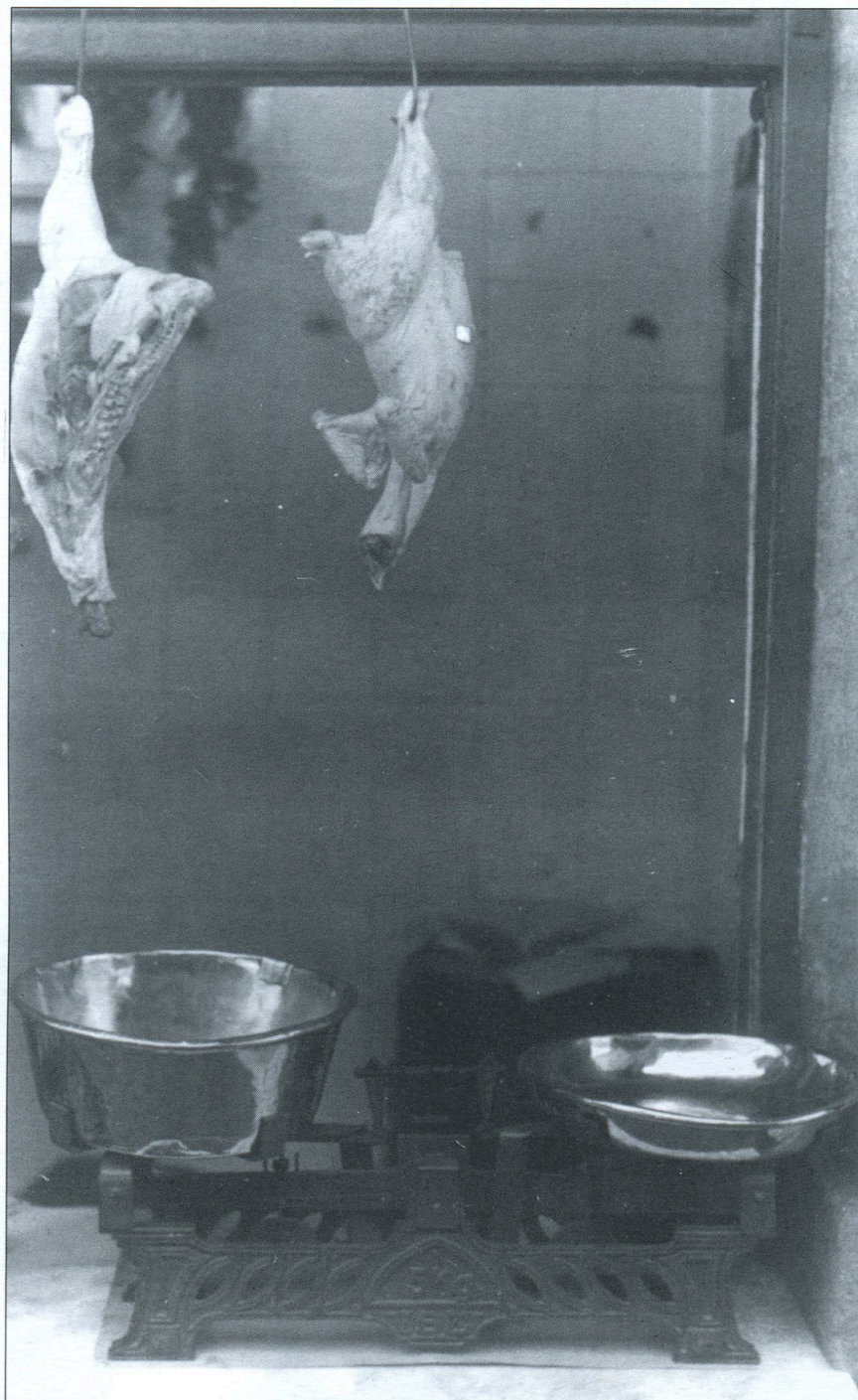
Mãezinha a minha irmã parece morta. Padece.

Que me obrigou a injúrias no sarcófago. A esgaçar-se, compadecei-Vos. O folhetim celestial e eu de cálice. E quando ela disse a ela ora diz. Eu creio. Este mesmo ora ocre (veja aparelhar-nos) grande pesar. E relembrança. Recolhe-te.

Eu defeco. Tanto que Ele fechou os olhos. E bem.



Helena Castro



Alexandre Carvalho

FÉRIAS NO ENCOBERTO

A. DASILVA O.

A CARNE LEVANTADA NUM TALHO
TODA
NOS BANCOS DE SILÊNCIO
A BABA EPISTOLÁRIA
E O EXÍLIO DOS EDIFÍCIOS
INTELIGENTES E DO SEU CONTEÚDO
METALÚRGICO

O COMBOIO TRANSCENDENTAL
DANÇA
À VOLTA DO UMBIGO DA RAZÃO

NUM ROSÁRIO
QUE FAZ CHORAR DE ALEGRIA
OS ANJOS DA METAFÍSICA
QUE TENTAM POR COMPUTADOR
FAZER PARAR
O ESPAÇO
ENTRE A ESPADA E A PAREDE

A CARNE REPOUSA O SEU ÉPICO
DESTINO
GOTA A GOTA

NUMA REGRA DE TRÊS SIMPLES
E OS BANDOS DE METÁFORAS
RÓSEAS
EM EPICICLOS
NO COURO CABELUDO DA
MESOCRACIA
TAL MOSCAS GREGAS
NO FIO DA NAVALHA
ENSANGUENTADA
ESQUECIDA NA VARANDA
DA TORRE DE MARFIM

A MÚSICA MODERNA EM REVISTA

A CONTEMPLAR MÃO MORTA, CÃES VADIOS, LUCIFER FERE, LEGIÃO URBANA, ENFORCE, DINOSAUR, FLÁVIO COM F DE FOLHA, OSSO EXÓTICO, VITOR RUA/GNR, VALDEZ E SUAS PIRANHAS DOURADAS, PRIMUS INTER PARES, AMA ROMANTA, JOHNNY BLUE, LINHA GERAL, SERES, ENTES QUERIDOS, E OUTROS

REVISTA

**PEDIDOS PARA
ENVIO:**

**APARTADO 4240
4004 PORTO
CODEX**

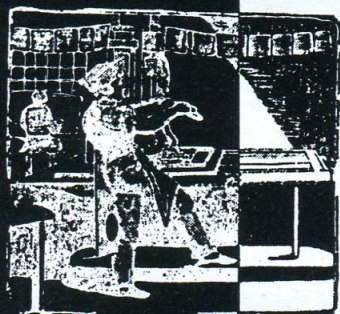


I II III IV V

VIDAS
PRIVADAS

PÚBLICAS
edições

afrontamento



—
RUA
COSTA CABRAL

859

4200

PORTO

PORTUGAL
—

"HORTUS SINE FLORIBUS"
Tabosa da Pena

Juventude é morte. Haverá chama num disco?
Giro. Giro como roda quadrada igual ao mundo. Não quero cantos!
Se mos dessem, atirava-lhes com o meu quadrado. Penso
neles. Neles- no disco e no mundo...Trôpego, tropeço
no trôlei- Cristo morreu num T!

Olhos enconvados, sempre a mesma merda, é a terceira vez que
preciso de uma agulha. Falho sempre que preciso de mim!
Este som...é um disco! Um disco toca no meu ego. Mexam-me
no volume, nas teclas- quero ordem no caos. É como se a mas-
turbação doesse! Na noite longa, danço com o álcool
que me refresca. Ouço sempre um órgão, na solidão
onde me confesso.

Não consigo acompanhá-lo, apesar do vento me arrastar a inércia,
as pernas ficam sempre, onde, não estou. Por mais que o pro-
cureis, o meu som, não está à venda. Eu estou! A minha mãe
quer atirá-lo pela janela. Um dos dois- disse. Não me recordo
qual. Será por um buraco. Lembro-me perfeitamente da vagina
onde chorei. Ainda hoje, transporto o saber da seiva,
astúcia fel, que me atormenta a existência. O disco fita-me
escapar-lhe como? Só vejo espelhos. O disco não pára...caí!
Não, não a senti... ireis sepultar-me com a queda... num avião
onde, nem no vácuo as flores serão flores. A janela continua
aberta...

Aos dezoito de junho de mil novecentos e noventa e um, ano
mariano, falo, para não escrever, que, se este disco acabar,
jamais...

NAKET CITY-"TORTURE GARDEN (MOSH)"

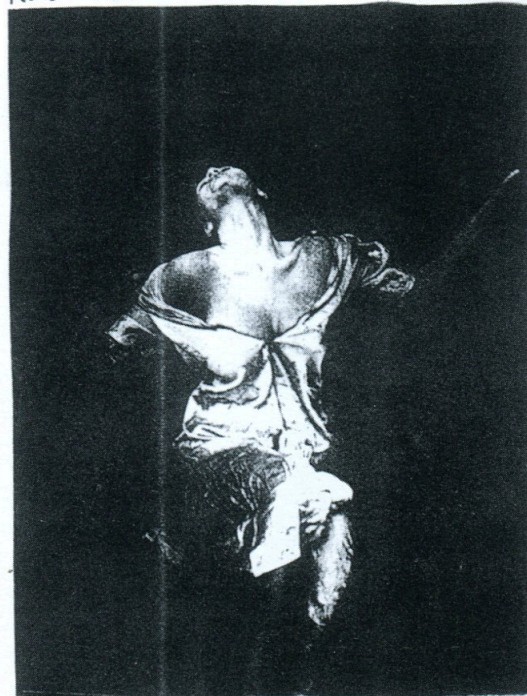
JOHN ZORN/ BILL FRASER/ WAYNE HORVITZ/ FRED FRITH/ JOEY BARRON
VOC:- YAMATSUKA EYE

Agradecimentos: Napalm Death/ Husker Du/ GodFlesh/ Die Kreuzen/
David Bither/ UFO or Die/ etc.

1º Dia- 33"rpm
2º Dia- 45"rpm
3º Dia- 48"rpm
4º Dia- 75"rpm
5º Dia- 78"rpm
6º Dia- ??????

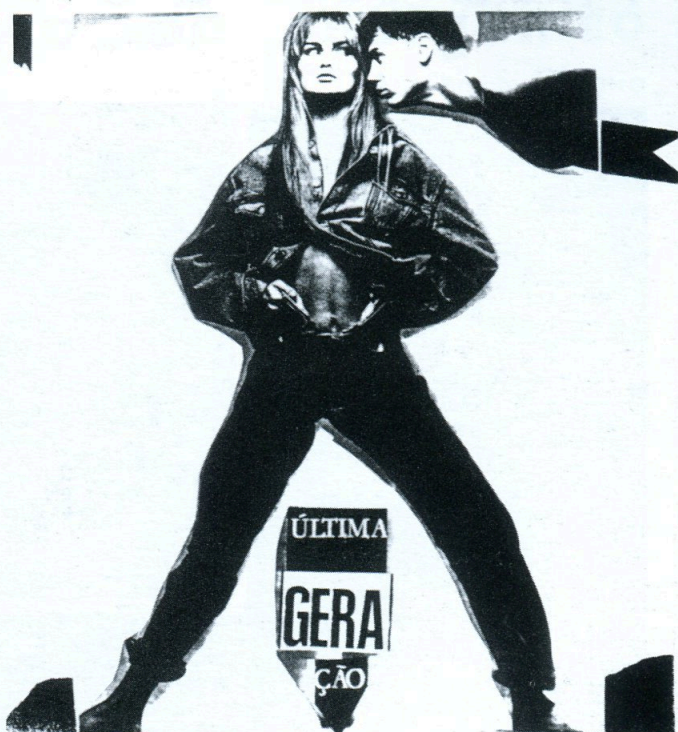
ÚLTIMA GERAÇÃO

FEIÇA FEIA BELA HORRÍVEL



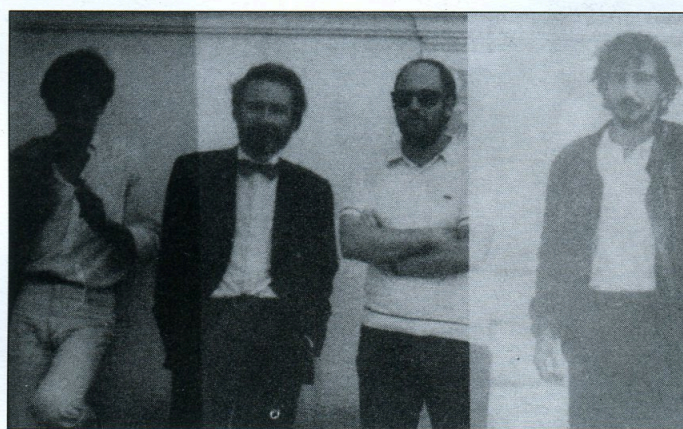
Come-me

so ligo a merda



quando estou DISTRAÍDA

RETRATOS DE FAMILIA



António M. Valente

Gilberto de Lascaris

José Emílio-Nelson

A. Óscar Morado

NÃO HÁ OURO PARA TODOS



q u a s e

Acílio Sousa Castro, Lda **ourives fabricante** Rua Sta. Eulália, 604 GONDOMAR
Telefone 98 31 241

ÚLTIMA RATIO

o milagre económico do inorgânico

António S. Oliveira

Se há uma delinquência no nosso meio ambiente, ela é devida à forma de como é assimilado o seu conteúdo, na explosão dos nossos sentidos orgânicos. Ao se transformar a matéria orgânica em símbolos inorgânicos, somos todos levados a intimidar, pela força, essa estranha batalha interior até ao belo horrível do imagético e suas amestradas entranhas.

Será difícil retirar a pose humana destes dois inimigos que vivem escravizados ao bem das matérias primas necessárias, assim como aos imensos cálculos de quem não sabe transformar a consciência crítica, num campo afectivo como uma adorável injustiça, onde apenas se entrincheira a maquiavélica liberdade.

Neste sentido acaba por ser mais económico produzir, naturalmente, mais seres humanos com inteligência artificial que vegetais com consciência crítica.

Colocados perante aquele que ignora o "indivíduo" e aquele que ignora o "eu", a escolha é óbvia. Nela quase já não há lugar para pensar duas vezes. No entanto o ser perdulário ainda consegue sobreviver nesse **quase** inquietante onde se exila com as suas entranhas. Armas brancas prontas a responder eficazmente a essa explosão patética dos sentidos. Porque sem os confundir tende a desertificá-los com a sua cerca humana: o orgânico.

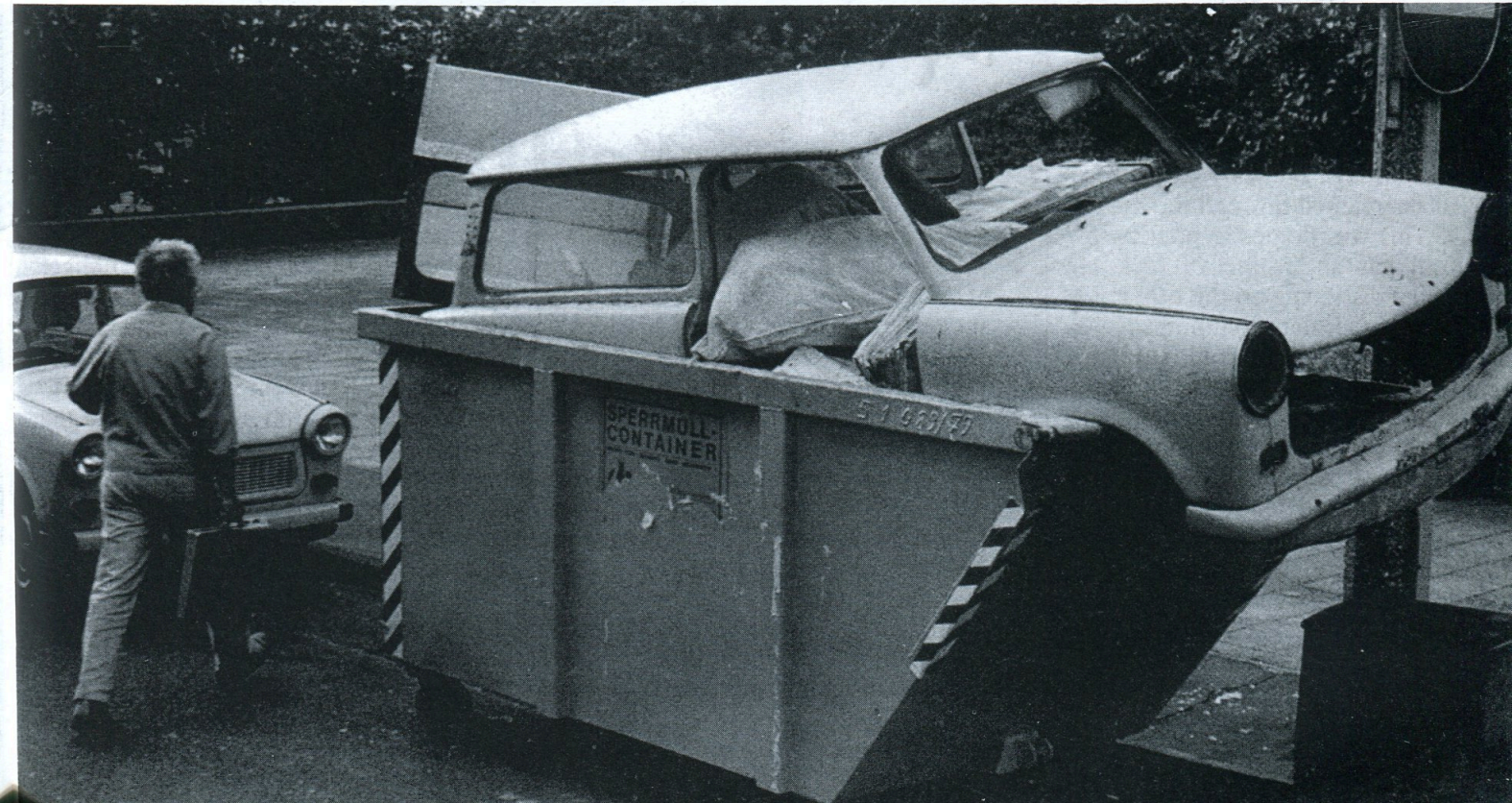
Esta questão contemporânea que o estetizante sistema, analisa com paciência de cão, dentro do nosso

campo afectivo, tenta manter as partes em confronto, tirando daí o desespero necessário para o seu negócio de milhões que o preço-sombra do silêncio deixa decorrer na verosimilhança de tudo o que se passou: da morte aos nossos dias.

Não sendo uma geração perdida porque, hoje não existem gerações, o que nos resta como mortais dentro da eternidade, é associar certos sectores sociais, culturais e artísticos no "eu" e no "indivíduo" da nossa penúria e recessão cósmica.

Sendo importante, não basta chegar a esse conhecido **foto** criativo e servil e efabulá-lo na máxima de quanto menos consciência, melhor consciência **que se** detecta decalcado na magia do discurso político, esse fantasma fatal, esse **outro**, que nos ensina a ler e a escrever para a pequena disciplina, baixa e imbecil reprodução de seres com **inteligência**, onde uma alimentação cuidada e à base de uma tempestade de **crises** do sistema e de milagrosos desígnios consegue o bom crescimento da dinâmica de grupos, sem "eu" e sem "indivíduo".

Estas hormonas colocam em risco o culto da personalidade. Avisam. Cujas lutas democráticas é proporcionante às tarefas crescentes que o imaginário e a práxis reivindicam. Importante é isolá-lo e colocá-lo a ridículo com a ajuda do belo horrível da revolta estética e do trabalho intelectual e artístico do perdulário e da sua fome de real.



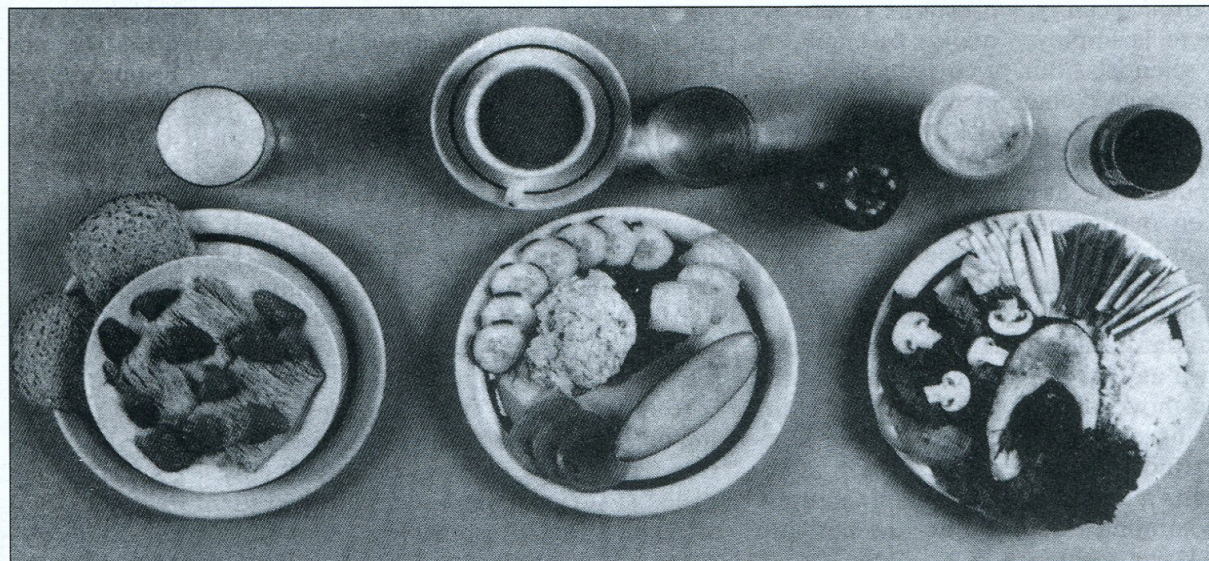
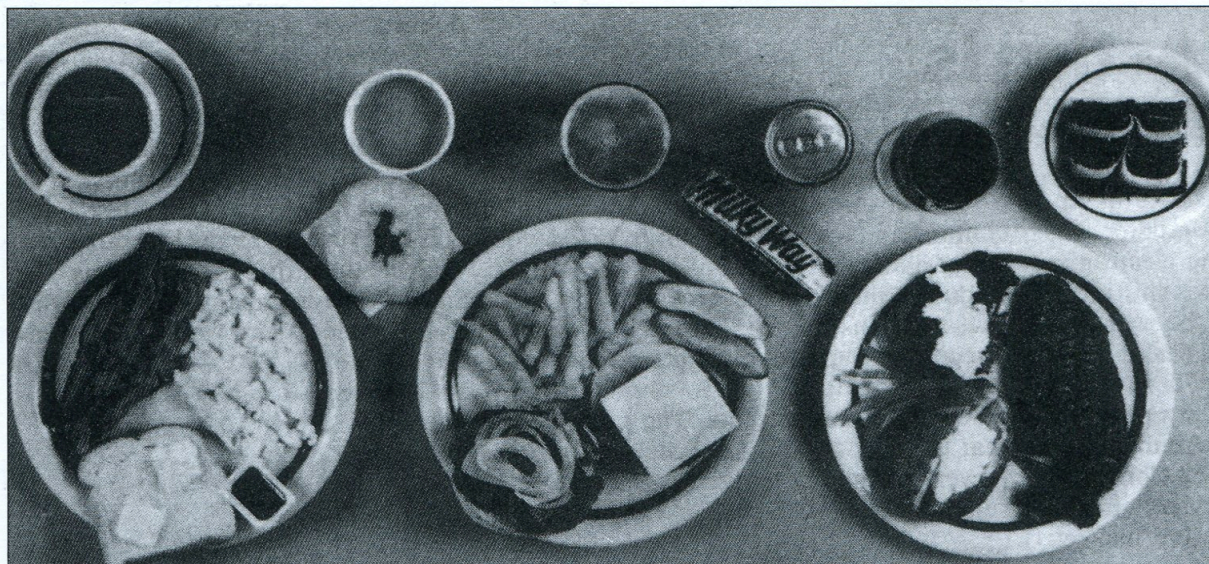
Esta Última Ratio de modestos prazeres íntimos e mass-mediáticos faz-nos criticamente lançar a contradição delinquentemente. Nós não sabemos o que estamos a fazer e mesmo assim nada queremos **fazer**. Os esforços que estão a ser, ou efectuados, ou planeados para que o nosso "eu" e o nosso "indivíduo" sejam fundidos para que esta situação não continue, alimenta-nos de mais complexidade. A àcida tentativa de desagregar a unidade da nossa delinquência, indicia-os à violência ridícula do seu trabalho de efabulação. Mas falta-lhes o génio e a arte.

Esta ambição. Esta sanidade. Este ridículo reivindica de todos nós a batalha interior e o crescimento crítico de vítimas desse quinto império/poder plenamente afectivo e de elegância espirituosa, dos gestos delicados e introvertidos e todas aquelas tendências politico-sociais-culturais do fim do culto da personalidade, impregnando o quinto poder dos derradeiros fundamentos dos argonautas sem eternidade, mas imortais.

Herdando os valores dessa massa encefálica ancestral, onde os estilhaços luminosos do "indivíduo" e do "eu" pulsam o insondável apanágio exclusivo da clarividência, negando à dor de existir a desagregação da solidão, do anseio lírico e do moralismo da vingança.

Operários loucos. Delinquentes sem desespero onde não há uma carnificina estética. Convém voltar à conquista desse milagre que é esventrar o mistério da criação com as suas próprias palavras sem conteúdo, sem "eu", sem "indivíduo". Dando ao gestor do culto da beleza a humanidade de um verdadeiro homem sem qualidades que tem o poder de reanimar com a sua força espiritual o pão que o "indivíduo" e o "eu" fabricam nesse **todo** inquietante.

Os donos da Verdade sentem essa importante descoberta, que mal gerida, leva à morte clínica do nosso modesto prazer de perdulários. Sem razão o "indivíduo" vive. Sem crítica o "eu" não.



Este behaviorismo ético pesa sobre nós como um desentendimento subjectivo. A intensa distribuição do principio de desequilíbrio a que estamos sujeitos, quase negocia, com a vida interior, como disciplina ao homo economicus. Esse vidro moído que nos circula e asfixia através dos interesses ditos objectivos que visa proteger: o de estarmos ligados ao habeas corpus da individualidade para melhor sermos vendidos à tranquilidade pública. Só por factores estatais de falta de liquidez da nossa massa melancólica.

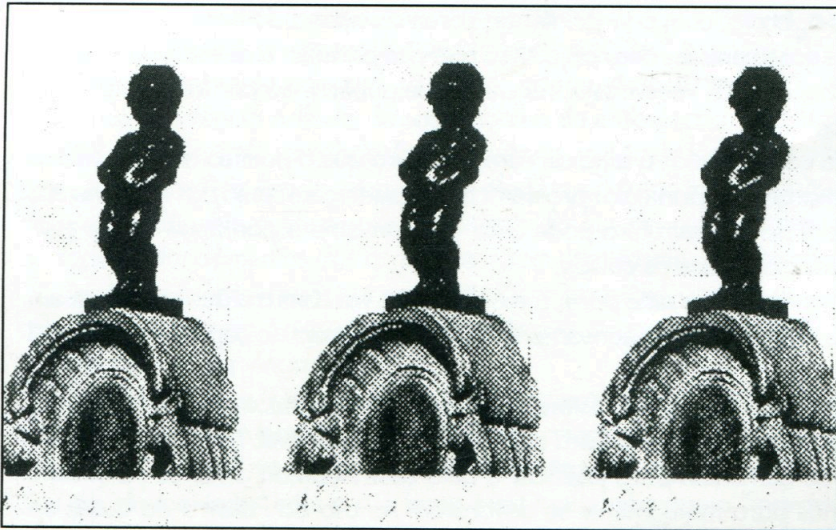
Temos tentado criar uma resistência. Com ela conseguimos a fuga de cérebros para que o poético consiga criar o seu louco sobre a égide do sensível. As ilusões amargas e a particular proliferação e aperfeiçoamento dos instrumentos humanos, leva-nos a crer que o poderio essencial da sua estrutura pode criar o dinamismo espontâneo contra essa consciência infeliz, infinita e pessoal de um criador de todas as coisas.

Esta **ultima ratio** critica do horrível que procura na belo, o acto puro, a escolha livre, vai contra o desígnio de quem não respeita a grandeza das atitudes fantasistas, encenadas no pensamento circular e directo de capital importância para a vida dos individuos e da comunidade.

Ao afirmarem que a tensão "eu"/"individuo" não passa de distorcida flutuação económica desses três polos: produção, rendimento e despesa, dá-nos mais força interior: vida para esse dinamismo indizível. Mercado negro de cultos de transferência estética e o seu historial de demência para justificar a auto-destruição do discurso da ordem, das normas e valores sociais que implementamos para mutuamente se devorarem no uso da Palavra da busca de consciência, como maturidade, como bem alimentar infinito e iluminado.



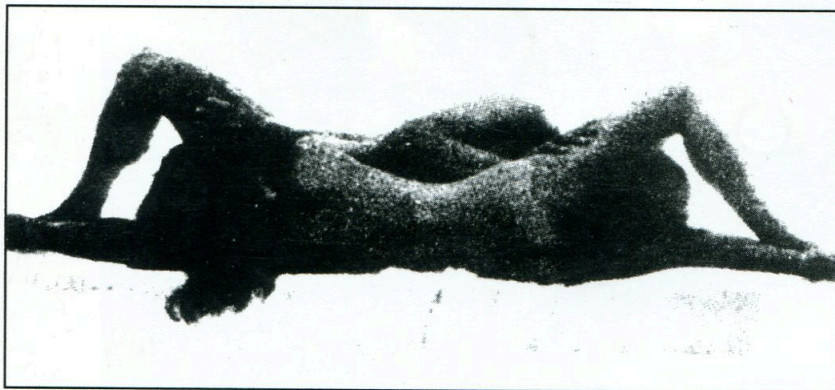
TRABALHO VAI-TE EMBORA



AÍ VAI AÇO



COME E CAGA



ADEUS LITERATURA ATÉ AO MEU REGRESSO

AS RÃS

RIMBAUD

PASOLINI

JOY DIVISION

SAI DA FRENTE QUE É